



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Paulo César Batista

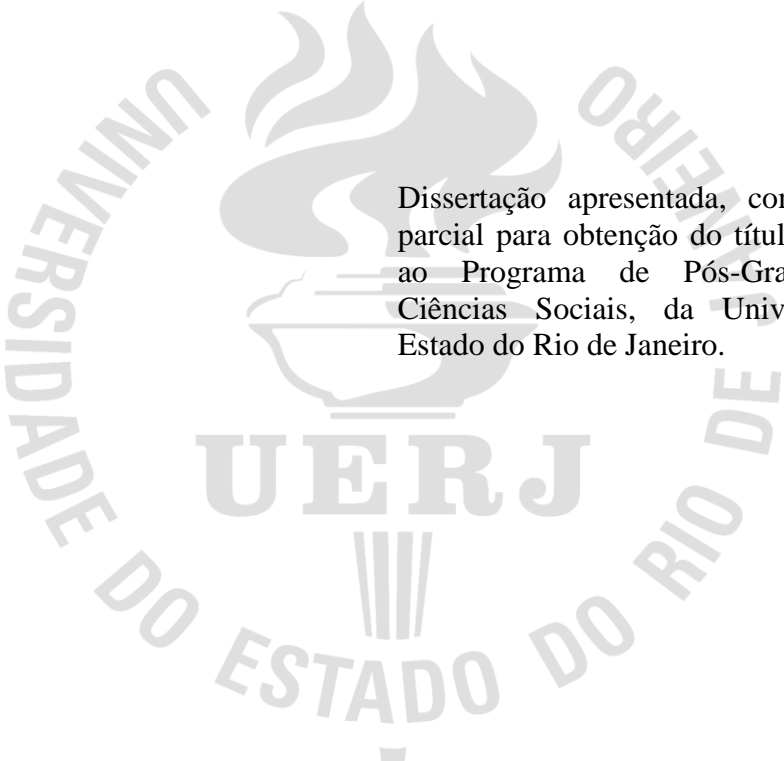
**Da Mística à Utopia: um estudo antropológico no Movimento Mística
e Revolução para novas reflexões sobre Juventude, Religião e Política**

Rio de Janeiro

2005

Paulo César Batista

**Da Mística à Utopia: um estudo antropológico no Movimento Mística e Revolução
para novas reflexões sobre Juventude, Religião e Política**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^a Dr^a Patrícia Birman

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE

B333 Batista, Paulo César.
Da Mística à Utopia: um estudo antropológico no Movimento Mística e Revolução para novas reflexões sobre Juventude, Religião e Política / Paulo César Batista. – 2005.
132 f.

Orientadora: Patrícia Birman.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Ciências sociais – Teses. 2. Religião – Brasil – Teses. 3. Catolicismo – Teses. 4. Teologia da libertação – Teses. 5. Juventude – Teses. I. Birman, Patrícia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 282(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo César Batista

**Da Mística à Utopia: um estudo antropológico no Movimento Mística e Revolução
para novas reflexões sobre Juventude, Religião e Política**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 30 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Patrícia Birman (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof.^a Dra. Márcia Pereira Leite
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Pierre Sanchis
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof.^a Dra. Renata de Castro Menezes
Instituto de Estudos da Religião-ISER

Rio de Janeiro

2005

DEDICATÓRIA

Aos inúmeros jovens que ocupam seu tempo no sonho de transformar Utopia em Realidade. O sonho não acabou...

AGRADECIMENTOS

À minha esposa pela paciência, confiança e o apoio constante.

À minha orientadora, pela paciência (e muita!), dedicação e confiança inabalável na minha capacidade. Minha gratidão, carinho e respeito extrapola qualquer tentativa de traduzir em simples palavras estes sentimentos.

Uma menção especial à professora Cecília Mariz pelos constantes estímulos ao meu crescimento intelectual.

Aos professores da Banca examinadora: Pierre, Márcia, Renata (neste momento deixo as convenções de lado...) que leram, discutiram e contribuíram para novas pistas a partir desta trabalho.

Aos bons amigos do PPCIS com os quais partilhei angústias, dúvidas e esperanças. Com um carinho todo especial: Alberto, Lucimar, Carly, Robson, Sílvia Fernandes e Andréa Damascena.

Aos novos amigos que fiz no MIRE, especialmente aqueles do núcleo São João Batista (PUC) e também ao pessoal da Secretaria Nacional do MIRE que gentilmente também me auxiliaram bastante com alguns textos e respostas preciosas a algumas questões. A todos o meu muito obrigado.

Ao amigo Eduardo Alves pelo sempre prestativo socorro na minha luta contra o computador!

À Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, pela bolsa de estudos concedida sem a qual se tornaria muito mais difícil esta conclusão.

Conflito de gerações

Falando sobre conflitos de gerações, o médico inglês Ronald Gibson abriu sua conferência com quatro frases:

1) "Nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, caçoa da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem a seus pais e são simplesmente maus."

2) "Não tenho mais nenhuma esperança no futuro do nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível."

3) "Nosso mundo atingiu seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe."

4) "Essa juventude está estragada até o fundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura."

Após ter lido as quatro citações, ficou muito satisfeito com a aprovação que os espectadores davam às frases. Então, revelou a origem delas:

A primeira é de Sócrates (470-399 a.C.)

A segunda é de Hesíodo (720 a.C.)

A terceira é de um sacerdote do ano 2000 a.C.

E a quarta estava escrita em um vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilônia (Atual Bagdá) e tem mais de 4000 anos de existência.

Texto partilhado na lista de e-mails do Mire

RESUMO

BATISTA, Paulo César. **Da Mística à Utopia**: um estudo antropológico no Movimento Mística e Revolução para novas reflexões sobre Juventude, Religião e Política. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Esta pesquisa teve como objetivo principal estudar novas relações possíveis entre Juventude, Religião e Política. A *juventude católica* seria nosso “objeto” primeiro para alcançar estes objetivos. No plano teórico-metodológico partiu-se das discussões acerca da Teologia da Libertação, bem como das transformações ocorridas nas reflexões de alguns de seus principais teólogos. No plano da análise empírica, optou-se por estudar um novo movimento de jovens chamado Mística e Revolução (MIRE), o qual se mostrou um espaço privilegiado para pensar as transformações ocorridas em parte do campo religioso contemporâneo, sobretudo aquele que envolve Juventude, Religião e Política.

Palavras-Chave: Religião. Catolicismo. Teologia da Libertação. Militância. Juventude.

ABSTRACT

BATISTA, Paulo César. **From mystic to utopia:** an anthropological research on the social movement "Movimento e Revolução" (MIRE) aimed at providing new thoughts about youth, religion and politics. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

The major aim of this research is to study new links between youth, religion and politics. To reach these purpose our first focus is the young catholics. The contest about the “Theology of Liberacion” and also some changes that had occur in the theologian thoughts is the theoretical and methodological basis. It has been also studied a new youth group called “Música e Revolução” (MIRE) wich was a privileged field to think the changes in contemporary religious field specially the ones about Youth, Religion and Politics.

Keywords: Religion. Catholicism. Youth. Theology of Liberacion. Militancy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSTRUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	15
1.1 “Encontrando” meu objeto	15
1.2 Algumas hipóteses iniciais sobre o MIRE	21
1.3 Os primeiros contatos	23
2 O MIRE COMO ATUALIZAÇÃO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO ..	28
2.1 CEBs e teologia da libertação: gênese e perspectivas	29
2.2 A “crise” da teologia da libertação	34
2.3 A mesma opção sob novas abordagens	41
2.4 Conclusão	43
3 A PROPOSTA DO MIRE	45
3.1 A Mística como “combustível” para a luta	46
3.2 Os “pais” do movimento	48
3.3 Um movimento inicialmente para jovens cristãos	49
3.4 Onde e quando começa a Revolução	51
3.5 Os Místicos e a meditação como ponto de contato	53
3.6 Os números do MIRE	59
3.7 A estrutura do MIRE	61
4 O MIRE A PARTIR DE QUATRO PERSPECTIVAS	64
4.1 Felipe: “Intimidade com Deus”	65
4.2 Edson: “a inquietude da militância”	72
4.3 Jonas: “afeto e carinho na militância”	79
4.4 Paloma: “Em busca de atenção e amizade”	83
5 O MIRE: UM PONTO DE VISTA A PARTIR DE DENTRO	89
5.1 O MIRE no Rio de Janeiro	89
5.2 Da tentativa de se traçar um perfil	93
5.3 O que dizem os jovens do porquê optaram pelo MIRE	96
5.4 “O Grupo da PUC”	98
5.4.1 <u>Auderi - Núcleo São João Batista – RJ</u>	99

5.5	A primeira reunião	103
5.6	A unidade a partir da Utopia	105
5.7	A Mística como um “momento forte”	107
5.7.1	<u>Reunião do dia 05/11/2003 (PUC)</u>	110
5.8	A Revolução a partir de dentro	115
5.9	Como o MIRE trabalha suas próprias bases	117
	CONCLUSÃO	120
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO - Síntese das Atividades Realizadas pelo MIRE (2001-2003)	128

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, os estudos desenvolvidos por grande parte daqueles cientistas sociais que se interessam pelo fenômeno religioso têm focado seu olhar nos “*espaços sociais legítimos*” onde ocorre aquilo que denominamos *religião* (BIRMAN, 2003, p. 11). O lugar para se pesquisar o fenômeno religioso e suas múltiplas formas e expressões (poderíamos depreender) seria *grosso modo* as igrejas, templos e etc. Todavia, a realidade social e suas fronteiras estabelecidas são muito mais complexas e fluidas que nossos esquemas teóricos e conceituais pressupõe encerrar.

Hoje, devo reconhecer, que o impulso que me arrastou (e arrasta!) nessa tentativa de compreender alguns nexos possíveis entre *juventude e religião*, levou-me inicialmente a buscar alguma igreja ou templo *católico* (de preferência) onde essa minha temática ganharia forma e corpo...

Talvez, inconscientemente, eu estivesse imbuído daquela premissa (hoje ultrapassada!) de que a Igreja Católica seria ainda a única “voz pública que poderia ser ouvida” quando o assunto fosse política ou Direitos Humanos (BIRMAN, 2003, p. 331). Ou ainda, talvez não estivesse claro pra mim “o quanto que, hoje, nos encontramos longe da época em que religião e política era (quase) sinônimo de uma presença pública da Igreja Católica”, conforme nos alertou Birman (2004, p. 01).

Todavia, e acertando os rumos (quer dizer, aquilo que entendo ser o *rumo certo*...), não foram naqueles espaços reconhecidos socialmente como “legítimos” que encontrei meu *objeto de pesquisa*, ao contrário, foi num espaço outro - por excelência laico em nossa tradição (ainda jovem, reconheço...) republicana - que iniciei meu trabalho de pesquisa junto a um grupo de jovens cristãos.

O objetivo destas linhas iniciais é fazer uma breve apresentação da construção de minha *questão de fundo*, bem como a justificativa para nossa idéia de pesquisa e a metodologia desenvolvida para a consecução da mesma.

Poderíamos, inicialmente, afirmar que este trabalho de pesquisa tentou compreender um novo movimento de jovens (surgido em finais do ano 2000) denominado MIRE e que, para isso, acompanhamos um núcleo (que se reúne na PUC) desse movimento aqui no Rio de Janeiro. Alguns poderão objetar: “Mas, como? Um grupo tão recente já merece um trabalho desse

porte?!”. Bem, em primeiro lugar, eu precisava de um grupo ou movimento “inédito” como *locus* de trabalho de campo e que me parecesse suficientemente interessante. E sem dúvida, o MIRE preenchia este requisito; Segundo lugar, o grupo me parecia bastante interessante para pensar as novas relações possíveis entre *Religião, Juventude e Política*. Bem, quanto a este segundo motivo só as avaliações futuras desse trabalho é que dirão se valeu a pena escolher um movimento tão recente ainda...

Voltemos a ele, então. O movimento *Mística e Revolução*, mas conhecido pela sigla “MIRE”, quer representar a junção dessas duas palavras, sendo a primeira *Mística* (representado pela sigla “MI”) e a segunda *Revolução* (para esta temos a sigla “RE”). Este nome foi escolhido pelos idealizadores do movimento numa tentativa de elaborar, no interior deste, a síntese entre estas duas dimensões de um tipo de vida religiosa: uma dimensão espiritual e a outra política. Portanto, o MIRE pretende ser um movimento de jovens cristãos que busca, conforme propõe Frei Betto, uma vivência cotidiana “mais contemplativa e de oração” sem, contudo, perder de vista a utopia da revolução tanto num plano pessoal quanto social. Tais categorias serão melhor explicitadas mais adiante.

Após os primeiros contatos com alguns materiais produzidos pelo movimento, me saltaram aos olhos a afinidade de algumas idéias básicas do MIRE com aquilo que eu entendia ser as idéias-chaves da conhecida Teologia da Libertação (TdL). E, bem antes disso, tal idéia já me era sugerida no fato deste movimento ter sido fundado pelo famoso frade dominicano Frei Betto, um dos mais conhecido e respeitados expoente desta teologia.

E um pouco mais adiante, com o aprofundamento da literatura que conhecia da e sobre a TdL, as quais apontavam mudanças na reflexão de alguns teólogos da chamada Igreja Popular e com a constatação de que o MIRE (embora fosse pautado nas idéias daquela teologia) diferia daqueles grupos com os quais tive contato enquanto militante da Igreja, algumas idéias iniciais começaram a tomar forma em minha mente.

A partir daí, a hipótese que orientaria esta pesquisa era a de que o nascimento deste movimento estaria em sintonia com algumas novas reflexões introduzidas Teologia da Libertação(TdL). Explicando melhor: Após um início (nos anos 60) em que esta teologia gozava de grande prestígio na Igreja, a TdL (a partir do final dos anos 80) começou a perder espaço. E uma das razões levantadas por seus “críticos” - padres, bispos, agentes de pastoral - era a

excessiva ênfase de assuntos políticos e sociais, em detrimento da “missão espiritual” da Igreja¹. Contudo, recentemente alguns autores têm percebido uma certa “mudança” e ampliação nas reflexões de importantes expoentes da TdL que tem apontado, dentre outros elementos, para uma “revalorização da mística” no seio da Igreja Popular. Ora, o nome do movimento - *Mística e Revolução* - me induziria naturalmente a tal hipótese. Contudo, somente com um sério trabalho de campo eu poderia comprovar ou não tal hipótese...

Num primeiro momento, acreditávamos que seria necessário produzir um capítulo “apenas” com essa, que chamamos, “Reflexões atuais da Teologia da Libertação”. Contudo, a dificuldade estava, em primeiro lugar, na impossibilidade de se pensar a TdL como um todo pois, de fato, esta forma de fazer teologia não é única. Existem diferentes formas de se fazer e pensar a TdL com características muito específicas que demandaria estabelecer recortes muito precisos e com isso eu correria o risco de me ver se afastando da temática principal. Contudo, vencendo este momento de hesitação, continuei achando necessário, fazer um breve capítulo sobre a TdL para, pelo menos, situar o leitor nas principais idéias desta teologia². Enfim, apoiamo-nos em parte da literatura desta teologia, através - sobretudo - de Frei Betto, na busca de pistas que nos ajudassem a compreender como esta tem articulado estas categorias *religião* e *política* e, mais precisamente, *mística* e *revolução*.

Um outro objetivo, talvez mais específico, repousa na idéia de que a constituição desse movimento, liderado por Frei Betto, é interpretado por nós como uma tentativa de reconquistar espaço e legitimidade junto a uma parte desta camada social católica (juventude) - que “sonha” com a *transformação social* (revolução), conforme defende a Teologia da Libertação, e não deseja perder de vista a dimensão *mística* desse sonho. Portanto, o MIRE seria o espaço, fora da Instituição católica, de articulação dessas duas dimensões.

Faremos no Primeiro Capítulo uma exposição de como chegamos a este grupo, junto ao qual desenvolvi esta pesquisa, bem como as razões e as justificativas para tanto; Faremos também

¹ Tal crise tem sido objeto de atenção de inúmeros pesquisadores, pode-se, por exemplo, observar as ações do vaticano contra a chamada Igreja Popular e entender uma das causas dessa crise.: *Comunicações do Iser* nº 39 (1990), Scott MAINWARING (1989) especialmente o capítulo 08 parte III e também a Francisco C. ROLIM. “Teologia da Libertação no Brasil”. In: SANCHIS, P. (ORG.). *Catolicismo: Cotidiano e movimentos*. SP, Edições Loyola, 1992. p 09-79.

² Para introduzir este debate acerca da TdL produzimos um texto inicial intitulado “*Teologia da Libertação - Reflexões atuais*” apresentado no IV Seminário Interno dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Novembro de 2003. Tal texto foi modificado e ampliado sob a luz das reflexões contidas nos capítulos seguintes.

uma reflexão metodológica sobre minha entrada e trânsito neste campo de pesquisa que se tornou, a cada dia, mais fascinante.

Esclareço que a idéia original era fazer uma etnografia detalhada do grupo escolhido, mas devido a algumas dificuldades (que serão mais adiante explicadas) encontradas no *trabalho de campo*, melhor seria redirecionar nosso foco de observação para a trajetória de alguns jovens desse movimento. Meu trabalho de campo consistiu em frequentar e participar (cheguei inclusive a coordenar algumas reuniões e a ajudar na organização de nossa viagem para MG onde ocorreu um encontro nacional do movimento) das reuniões quinzenais destes jovens, bem como participar das demais atividades propostas por eles; tivemos o cuidado também de acompanhar as discussões que eram travadas através da lista de e-mail do MIRE-Rio³; devido a pouca quantidade de reuniões, os membros do grupo mantêm contato através desta lista; participei de eventos que envolviam outros núcleos do Rio e fora dele; acompanhamos os boletins eletrônicos que são enviados aos participantes do MIRE e solicitei à Secretaria Nacional do movimento que me enviassem as publicações anteriores e alguns outros impressos do MIRE. Enfim, mais do que um distanciado observador, procurei me envolver ativa e afetivamente nas diversas atividades do grupo ao ponto de ajudar na elaboração de um pequeno perfil do núcleo e falar “em nome do” núcleo num evento estadual. Na verdade, o que fizemos foi um misto de “observação-participante” e “participação-observante”. Tomara que esta sutil movimentação não tenha obliterado nossas pretensões...

No Capítulo Segundo introduziremos uma breve discussão a cerca da TdL, passando pela definição do que se entende por esta teologia, a importância e o lugar das CEBs enquanto locus privilegiado de vivência da TdL, a chamada “Crise” da TdL a partir dos anos 80 e a constatação de que, embora algumas novas temáticas tenham sido incorporadas, a *opção* de fundo permanece.

Para o Capítulo Terceiro reservamos uma apresentação das principais propostas e idéias do MIRE. Para fundamentar esta parte nos apoiamos no material produzido pelo próprio movimento. E, já nesta parte, introduzimos reflexões que vem sendo desenvolvidas por alguns cientistas sociais que tem se ocupado da temática dos novos movimentos religiosos contemporâneos.

³ A lista de e-mail do movimento carioca é MIRErj@yahoogrupos.com.br. Na verdade cada região ou Estado tem sua lista de e-mail onde os participantes enviam e recebem comunicação diversas.

³ Participei durante toda a adolescência (início dos anos 90) de pastorais e grupos de jovens na Igreja.

No Capítulo Quarto apresentaremos alguns dos jovens participantes do “grupo da PUC”. A partir das trajetórias religiosas e políticas desses jovens poderemos “pensar melhor” o significado, para esses jovens em questão, de um movimento como o MIRE.

O Capítulo Quinto está destinado a nos ajudar a entender melhor o MIRE a partir de um olhar por dentro, de suas reuniões, encontros, discussões e estratégias de sociabilidade, bem como (e isso é o mais importante! *Oxalá* alcancemos tal intento...), a partir daí apontar novas reflexões que podem ser feitas em torno dessa articulação *Religião, Juventude e Política*.

Por fim, esperamos que a inevitável interferência de minha própria biografia como *elemento próximo* ao universo pesquisado não invalide por completo as reflexões aqui contidas (claro, alguma coisa deve ter escapado. Tomara que não muita...). O texto de Pierucci *Interesse Religiosos dos Sociólogos da Religião* (VOZES, 1999, p. 249) aumenta a responsabilidade daqueles que possuem uma certa filiação religiosa e desejam se aventurar nas “*Assim chamadas Ciências Sociais*”, sobretudo daquelas preocupadas com o fenômeno religioso... Segundo Pierucci, parece haver muita “boa vontade cultural” para com a Religião (1999, p. 250) e que estaria, segundo ele, faltando um “*rigor científico radicalmente desencantado*” (1999, p. 251) por parte de muitos estudiosos. E sem entrar no mérito da razão ou não deste autor, procuramos seguir uma de suas “sugestões” tomadas de Boudieu (apud PIERUCCI, 1999, p.255), qual seja: “assumir bem-analisadamente a própria pertença religiosa, caso haja. Para o sociólogo da religião, esta é a única tomada de posição cientificamente conseqüente. Tem que assumir”.

Ademais, devemos lembrar que a natureza do fazer antropológico que é, acima de tudo, um olhar sobre o homem, ou como ensina DaMatta (1981, p. 11), a antropologia é, ao final das contas, “um conhecimento do homem pelo homem”. Mas, afinal, pode haver homem despido de suas opiniões, convicções e crenças? Não, claro que não! Contudo, o antropólogo é aquele que sabe (ou, pelo menos, deveria saber...) que todo pesquisador, embora parta de suas convicções mais profundas, estas podem e devem ser relativizadas. Talvez, esta seja uma das características do chamado “rigor científico”...

1 CONSTRUINDO UM OBJETO DE PESQUISA

O objetivo de Primeiro Capítulo é fazer uma apresentação do processo de construção da idéia de um objeto de investigação e de como chegamos ao movimento de jovens denominado MIRE, bem como algumas reflexões sobre a metodologia do trabalho de campo que permearam todo esse processo.

1.1 “Encontrando” meu objeto

Além das inúmeras dificuldades que a maioria dos pesquisadores encontra ao iniciar seu trabalho de pesquisa, em alguns casos, tal dificuldade se manifesta em construir seu objeto de pesquisa. No meu caso, relativamente fácil foi chegar ao âmbito (catolicismo) sobre o qual se assenta minha temática de estudo. A escolha por este campo de estudo já havia sido feita ainda na graduação quando pesquisei um grupo de jovens carismáticos da Igreja Católica. Agora, portanto, nesta nova etapa de minha formação como cientista social, pretendi apenas dar continuação neste campo de estudos do catolicismo contemporâneo. A leitura de inúmeros trabalhos de natureza antropológica e sociológica nos mostra que alguns pesquisadores optam por “objetos” que já se tem uma certa familiaridade. E, ao seguir esta mesma trilha, talvez tivesse (ainda que inconscientemente), a pretensão de ter meu trabalho facilitado. Contudo, é preciso ter claro que esta “familiaridade” com um determinado objeto não significa necessariamente que tenhamos um “conhecimento” sobre ele. Gilberto Velho (1999, p. 16) em “*Observando o familiar*” esclarece isto:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismo como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

Meu caso, como se pode deduzir, se encaixa em tal situação. Como jovem de formação e militância católica, na qual atuei em algumas pastorais e grupos de jovens na Igreja⁴, optei por pesquisar algum aspecto desse universo. Embora seja católico, e isso diz algo mas não diz tudo, entendo o catolicismo como algo que plural (embora tenha, a Igreja, algumas pretensões uniformizantes...), ou seja, que existem formas diversas de viver e expressar essa pertença. Portanto, mesmo dizendo-me católico ocupo um lugar específico e comungo de uma idéia também bem específica: Acredito que a Igreja (pelo lugar privilegiado – cada vez menor, é verdade - que ainda ocupa na sociedade brasileira) deve dar sua contribuição no debate dos problemas nacionais e que deve, para isso, formar seus leigos e agentes pastorais na direção de um cristianismo engajado nas lutas de transformação social. Em resumo, posso dizer que acredito numa Igreja que deve “rezar aos céus” mas nunca perder de vista a terra, onde estão os homens reais com suas dores e lutas concretas. Contudo, nem todos na Igreja pensam assim. Por conseguinte, em relação a alguns católicos sinto-me bem próximo, mas em relação a outros... existe um distanciamento imensurável. Confesso que, parece que ainda estou vendo o Pierucci (1999, p. 255), ao lembrar daquele texto Interesses religiosos dos sociólogos da religião, no meu ouvido - enquanto escrevia estas linhas - bradando pra mim: “Tem que assumir! Tem que assumir!”. Mais “assumido” que isso impossível.

Esclarecendo melhor o que se pretende. A idéia que tenho perseguido já há algum tempo (nem sei mais... acho que é o contrário, tamanha a obsessão por este tema!), é elaborar um estudo no âmbito desse tipo de *catolicismo*, mas precisamente sobre uma *juventude católica*. A idéia original para a dissertação de mestrado era fazer um estudo sobre a Pastoral da Juventude e, como uma continuidade da monografia de conclusão do bacharelado⁵, tentar perceber como tem se processado as mudanças (se é que elas existem) no interior desta pastoral e como tais mudanças têm influenciado no discurso e na prática da mesma e, o mais importante, analisar como esse processo afeta a formação e a prática social dessa juventude católica.

A justificativa para a realização desta pesquisa repousa no simples fato de ser, a juventude, uma parcela significativa de renovação para qualquer sociedade ou grupo social. Além do que, defendemos que esta (a juventude) carrega em si um potencial enorme de

⁴ Participei durante toda a adolescência (final dos anos 80 e início dos anos 90) de pastorais e grupos de jovens na Igreja.

⁵ Elaborei Grupo Nova geração: Uma forma ‘carismática’ de fazer Pastoral da Juventude. Monografia de Graduação, RJ, Uerj, 2001, mimeo.

renovação e crítica às tradições e que este potencial pode traduzir-se em transformações importantes e decisivas em diferentes esferas ou espaços da vida social. A Igreja Católica que é (ainda) uma das instituições mais influentes na sociedade brasileira também precisa desse setor (juventude) para a renovação de seus quadros. Portanto, estamos convictos da pertinência de contribuir com um trabalho de pesquisa nesse âmbito.

Pelo que foi afirmado até aqui há, entre mim e meu objeto uma certa relação de *proximidade* e, porque não dizer, *envolvimento*. Gilberto Velho (1999, p. 123), referindo-se a um dos principais legados da antropologia que diz respeito à necessária atitude de *distanciamento*, afirma que:

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma ‘distância’ mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se que o pesquisador veja com olhos ‘imparciais’ a realidade, evitando ‘envolvimentos’ que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões.

No entanto, reconhece ele, essas “premissas ou dogmas” não são partilhados por toda comunidade acadêmica, pois existe um “envolvimento inevitável” com o objeto de estudo e que isso não significa *a priori* um defeito ou imperfeição. Sobre isso concordam Gilberto Velho (1999) e o influente sociólogo americano Howard Becker (1977)⁶.

Todavia, alguns críticos apontam como problemático que cientistas sociais oriundos de movimentos religiosos estudem seus próprios grupos⁷, pois tal pertença poderia influir na *objetividade* e na própria *análise* científica. Ora, que haverá influências no trabalho isso me parece óbvio, mas considerar que esta se constituirá necessariamente em algo negativo e desmerecedor do trabalho científico, sinceramente, sou obrigado a discordar pois, tal como ensina Becker (1977, p. 11), a *biografia pessoal* ilumina o trabalho e que:

[...] o trabalho que um sociólogo faz origina-se no contexto da totalidade de sua vida. Esta é uma noção bastante comum atualmente, mas eu me refiro a ela de uma maneira muito específica. Se você faz seu trabalho participando intensivamente das atividades daqueles que você estuda, tornando fácil o ingresso em alguns círculos sociais e

⁶ Cf. “De que lado estamos”, in *Uma teoria da ação coletiva*. Rio, Zahar, 1977. Citação do próprio Velho (1999, p. 123)

⁷ Poderíamos pensar (guardadas as devidas proporções...), a partir dessa idéia, que - se assim o fosse - Otto Maduro (1981), Pedro Ribeiro de Oliveira (1985) e Luiz Alberto G. de Souza não teriam estudados grupos dos quais fizeram /fazem parte e com eles guardaram ou ainda guardam fortes identificações e nem por isso seus trabalhos deixaram de ter suas qualidades analíticas e objetivas reconhecidas...

fechando inteiramente o acesso a outros: proporcionando-lhe o conhecimento e a sensibilidade que tornarão algumas atividades inteligíveis e outras misteriosas, proibidas ou (ainda pior) desinteressantes; proporcionando-lhe habilidades, sociais e de outro tipo, sem as quais você não pode começar a participar efetivamente da vida daqueles que se propõe estudar.

Embora, há de se considerar certas facilidades em estudar um grupo próximo (por exemplo, ter um conhecimento dos códigos desse grupo, já possuir uma teia de relações pessoais que lhe possibilita ter acesso a informantes de uma maneira mais fácil e sem os constrangimentos de um início de relação e, talvez, já contar com uma certa confiança do grupo e etc.), não estou afirmando que esta origem comum ou proximidade seja uma condição necessária ao trabalho antropológico. De fato, tal relação facilita, mas também pode atrapalhar se não for objeto de constante vigilância. O fundamental é que, o pesquisador não pode se esquecer que até mesmo seu ponto de vista deve ser problematizado...

Enfim, uma vez definido o meu “objeto” (“juventude católica”), embora ainda muito vago, acolhi a sugestão de minha orientadora para dar uma “circulada” e ver se encontrava algum grupo específico que fosse interessante para mim o suficiente para justificar tal empreendimento. Após fazer algumas tentativas frustradas na busca de grupos da Pastoral da Juventude e da Pastoral Universitária e perceber (pelo menos nos grupos que sondei) que na verdade muitos se orientavam a partir da Renovação Carismática Católica, algo que eu já havia feito em minha monografia de graduação, desisti. Coincidência ou não (nesse período de “orfandade de objeto”), a professora Márcia Leite, que já há algum tempo fazia um trabalho de pesquisa junto a movimentos sociais com forte presença de lideranças católicas, encontrou (durante seu trabalho de campo) membros de um grupo de jovens então pouco conhecido denominado MIRE. Esta pesquisadora percebeu que este grupo poderia ser um interessante *objeto de pesquisa*. E através de minha orientadora a sugestão me foi dada, ao que aceitei prontamente e fui conferir do que se tratava. Resumidamente, foi assim, portanto, que cheguei ao movimento *Mística e Revolução*. Pois bem, como foi minha entrada em campo será o objetivo dos parágrafos a seguir.

Voltando um pouco às minhas breves reflexões sobre o trabalho antropológico. Embora, na história da antropologia seu início tenha sido marcado pela atitude de homens e mulheres que se propuseram a estudar sociedades “distantes” (social e geograficamente) daquelas das quais eles faziam parte⁸, no Brasil e fora dele ganha força, já a algum tempo, uma antropologia

⁸ Por exemplo, podemos citar Malinowski (1976) com seu trabalho entre os *trobriandeses*; Evas-Pritchard (1978)

preocupada em estudar não apenas as sociedades “distantes”, “primitivas”, mas também as sociedades modernas e complexas. Mas, mesmo assim, aquela imagem do antropólogo desembarcando numa terra distante da sua permanece. O que se pode entender por “distante”? Apenas a localização geográfica? Nem sempre⁹.

Gilberto Velho (1999 p.124-125) aponta para outro tipo ou nível de *distância*, ao que ele chama “distância psicológica”. O fato de dois indivíduos pertencerem a mesma sociedade, explica Velho, não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferências gostos etc. Existem também as “descontinuidades” entre os diferentes indivíduos de uma mesma sociedade complexa como a nossa. Pode ocorrer de estarmos falando de “mundo” diferentes e de experiências extremamente particulares que podem significar, realmente, uma *estranheza* entre indivíduos ou grupos que habitam um mesmo bairro. Por exemplo, no caso desta pesquisa, não devo esquecer que minha própria origem social como filho de doméstica, negro e morador da zona oeste marca toda uma experiência pessoal que pode favorecer ou não minha posição e distância frente aos “outros” com os quais dialoguei ao longo desses meses.

Devo, ao finalizar estas linhas, ainda enfatizar. Mesmo estudando a própria sociedade o antropólogo deve ter a “humildade metodológica” de que nada conhece do grupo escolhido para pesquisar. E, assim como aqueles antropólogos, adentramos numa “terra estranha”, num espaço “diferente” do nosso e, portanto, “distante”. Por mais romântico que isso possa parecer, o ideal (assim como os pais da antropologia) seria “viver e conviver” com eles, aprender seus códigos e símbolos e *tentar* ver “do ponto de vista dos nativos”. Repare bem, digo “tentar ver”, pois no fundo não acredito ser possível “ver” ou “sentir” como os nativos, pois na realidade o que fazemos é uma aproximação e uma *interpretação* de como o nativo vê a si mesmo e o mundo que o cerca.¹⁰

Hermano Vianna (1988, p. 15), ao afirmar seu envolvimento com o objeto que se propusera estudar, esclarece:

entre os *nuer* ou mais “recentemente” Geertz (1989) com seu estudo entre os *balineses*.

⁹ Embora há, no meu caso específico, uma distância considerável a ser vencida toda vez que me dirijo ao campo, pois são, mais ou menos, 70Km que separam a zona oeste da zona sul. Ou alguém duvida que ao atravessar, praticamente, toda a cidade não se tem a impressão de passar de uma sociedade à outra, posto a brutal diferença social e econômica existente entre a zona sul e a oeste?

¹⁰ Tal idéia aparece defendida em Geertz (1989) em *A interpretação das Culturas*, RJ, LTC.

Afirmar que me diverti durante o período de campo não significa que eu ficava pulando no meio dos outros dançarinos. Nunca tentei sentir o que o ‘nativo’ sente. Fui sempre, nesse sentido, um espectador do baile(...). Não acredito que um antropólogo possa sentir o que o nativo sente. Tudo é uma questão de interpretativa, tradução de tradução, sutis relações de poder entre inúmeros pontos de vista...

Conforme já apontei antes neste trabalho, ao fazer um estudo sobre um grupo “próximo” e na mesma sociedade da qual faça parte, não significa que o cientista social, seja ele antropólogo ou sociólogo, tenha o pleno conhecimento sobre o objeto a ser estudado. Deve, o cientista, fazer aquele movimento de *relativização*, de *estranhamento*, de *afastamento metodológico*, para que não se utilize de categorias nativas, que de certa forma, são conhecidas pelo pesquisador de sua própria sociedade, como se fossem *naturais*. O cientista não pode perder de vista tal cuidado. Em suma, é aquele movimento necessário descrito por DaMatta em *Relativizando* (1981, p. 14), pelo qual deve o antropólogo “estar convencido de que fazer antropologia é realizar esta transformação do familiar em exótico e do exótico em familiar”.

O método consagrado pela antropologia foi, sem dúvida, o trabalho de campo e ao tratar desse metodologia tão cara àquela disciplina estamos, certamente, tratando da própria história e natureza antropológica.

Foi no início do século XX que o trabalho de campo, mesmo considerando as inúmeras reflexões que sobre esta metodologia foram feitas desde então, surgiu tal qual conhecemos hoje. Clifford (1998, p. 21) assinala que “o trabalho de campo intensivo, realizado por especialistas treinados na universidade, emergiu como fonte privilegiada e legitimada de dados sobre povos exóticos”. Contudo, tal método de trabalho (a partir de sua consolidação com Malinowski e Evans-Pritchard) não se aplicaria apenas à “povos exóticos”. Em resumo, mesmo pesquisando esta sociedade complexa da qual faço parte, guardadas as devidas proporções é claro, acredito ser aqui também este o método mais adequado e, portanto, ainda necessário. Embora, não seja o único método, conforme nos salientou Giumbelli (2002, p. 48), particularmente defendendo que é a partir de sua metodologia específica, entende-se aqui o Trabalho de Campo, que a Antropologia se distingue das outras também chamadas Ciências Sociais.

1.2 Algumas hipóteses iniciais sobre o MIRE

Voltando ao meu encontro com o MIRE: Feliz por não estar mais “órfão”, minha primeira atitude foi verificar se havia algo na Internet que pudesse dar uma idéia um pouco melhor sobre o movimento (antes mesmo de procurar o jovem que me fora indicado) além do que havia conversado com a professora Márcia Leite. Sem muito esforço encontrei um texto do Frei Betto sobre o MIRE¹¹. Este foi fundamental naquele início de contato.

Este pequeno texto já me indicava alguns dados e me abriam algumas possibilidades de se pensar sobre o MIRE: Em primeiro lugar, o texto apontava para um caráter *ecumênico* do grupo, uma centralidade na *Bíblia* e nas *obras dos místicos* e, por fim, num *compromisso social* a partir da *pastoral libertadora*¹². Percebia-se “claramente” a presença da *Teologia da Libertação* como fundamento e *paradigma* do grupo. Embora eu tivesse a tentação de achar que aquilo fosse óbvio, posto que um dos idealizadores do grupo (Frei Betto) é expoente prolífico desta teologia, sinceramente, não deveria tomar tal dado como uma premissa pois, naquele momento, ainda não sabia se o grupo (eu nem o tinha visitado ainda!) tinha essa “clareza”.

Mesmo porque, geralmente, as pessoas vivem tão somente com suas práticas sociais sem se perguntarem a todo instante porque fazem o que fazem, ou seja, as pessoas vivem seus padrões culturais e nem sempre se põe a questionar sobre eles. Nós, os cientistas sociais, é que tomamos seus interesses e motivações como objeto de análise. Portanto, após ter contato com aquelas idéias iniciais sobre o grupo estabeleci como objetivo geral, ou seja, como questão a investigar, tentar entender a lógica das práticas sociais dos membros do grupo e perceber de que maneira as idéias religiosas influenciariam e sustentariam suas práticas e se estas motivariam ou não a um compromisso social tal qual objetivava o movimento.

Algumas características iniciais puderam ser levantadas. Este movimento não se estrutura nos espaços internos da Igreja. Sua convocação, sua interpelação se dá noutros campos. Nas

¹¹ Cf. *Mística e Revolução*. Disponível em <http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/MIRE.htm>

¹² Por “Pastoral Libertadora” entende-se a atividade pastoral balizada num compromisso social a partir da fé - Teologia da Libertação - seja esta católica ou protestante. Tal ideal foi formulado por teólogos latino-americanos dentre os quais, para citar apenas alguns, destacam-se: Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez, Clodovis Boff, Frei Betto, Carlos Mesters, Hugo Assmann, Otto Maduro, José Comblin, Jorge Pixley, Oscar Beozzo, Enrique Dussel e muitos outros...

conversas que tive com os membros do MIRE nenhum afirmou ter sido interpelado na sua paróquia ou comunidade. Tivemos a oportunidade de averiguar que as interpelações para o MIRE são feitas em diversos ambientes: Em encontros do *Movimento Fé e Política*¹³; no *Fórum Social Mundial* em Porto Alegre foi feita uma pequena exposição sobre o MIRE com alguns panfletos sendo distribuídos; nos encontros apoiados pelo ISER/Assessoria denominado *Curso do Rio* (este é uma versão carioca de um outro curso promovido pelo CESEP - Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular - em SP denominado *Curso de Verão*) ambos os cursos tem o objetivo de promover a formação de lideranças pastorais e populares e, por sua vez, o MIRE organizou um evento próprio em Caxias, denominado *Oração e Revolução*¹⁴, cujo objetivo era divulgar a proposta do movimento no Rio de Janeiro. Portanto, são nesses espaços que o MIRE busca os jovens para suas fileiras.

Mais tarde pude perceber que, pelo menos no RJ, a maioria dos jovens que participam ativamente do MIRE são ou foram membros de pastorais da Igreja Católica. Em sua maioria lideranças de grupos de jovens em suas respectivas paróquias. Vários jovens, em conversas informais, afirmaram que, devido ao avanço de grupos ligados à Renovação Carismática Católica - mais precisamente os Grupos de Oração - arregimentando um número cada vez maior de jovens, viram seus espaços diminuir em suas comunidades e que, frente aquela nova realidade, “não dava mais pra fazer um trabalho pastoral de verdade na paróquia” (Eduardo, 29 anos, Bancário, morador do Méier)

Mesmo sendo seu principal líder (Frei Betto) um “sacerdote” da Igreja este não procurou estruturar o MIRE tal qual um grupo da Igreja. Há uma busca de uma autonomia maior do que se fosse uma pastoral e, dessa forma, estaria o movimento completamente livre das ingerências de certa parte da hierarquia católica que não vê com bons olhos a chamada *Igreja Popular*. Segundo um texto elaborado pela Coordenação Nacional¹⁵ (s/d., p.01) a iniciativa, ao se formar o MIRE, atendia ao que eles chamam de “carência de espaços comunitários de referência de uma espiritualidade libertadora”. Em outras palavras, na verdade o MIRE quer ser uma alternativa aos

¹³ O Movimento Fé e política, na verdade, é uma rede de cristãos que se reúnem periodicamente para refletirem sobre suas atuações políticas enquanto cristãos;

¹⁴ Este evento foi um seminário ocorrido em Caxias (setembro de 2001), promovido por alguns jovens interessados em difundir o MIRE no RJ. A convocação para este evento foi feita através de cartazes e panfletos distribuídos em algumas escolas.

¹⁵ “Respostas sobre o MIRE para a revista Família Cristã”. Mimeo, 10p.

movimento de jovens no interior da Igreja mais afinados, atualmente, às vertentes carismáticas tão em voga.

Ao mesmo tempo a proposta dos idealizadores do MIRE procura rever alguns pontos “negligenciados” ou “pouco trabalhados” nas chamadas “pastorais sociais” como a questão da *mística* e da *oração*. Segundo o texto *Filosofia do Movimento*¹⁶, o ideal proposto para o MIRE está comprometido em recuperar através dos jovens de hoje, além do que eles chamam “sentido de comunidade”, a valorização da mística: “O MIRE escolhe atuar no campo da subjetividade operando transformações íntimas e radicais que transpassem o terreno específico da ação política”.

Podemos inferir que tal “revisionismo”¹⁷ pode significar não um abandono daquelas idéias de “transformação social” e etc, mas antes uma busca por uma maior legitimidade frente à própria instituição Católica. Enfim, mesmo com inúmeras “hipóteses” na mente, faltava-me *ver* e *ouvir*¹⁸ os jovens do grupo para confirmar ou refutar minhas hipóteses... E é sobre o encontro com os jovens do MIRE que trataremos nas próximas linhas.

1.3 Os primeiros contatos

Após tomar conhecimento da existência desse grupo, restava-me fazer o contato com a pessoa indicada. Cheguei, através de indicação da professora Márcia Leite, a um rapaz (chamado Marcos) que trabalhava no Comitê Eleitoral do Deputado Chico Alencar (inclusive este também faz parte do movimento Fé & Política) na Lapa. O encontro com este rapaz não significou, de imediato, minha entrada no grupo. Na verdade, se dependesse apenas da recepção deste jovem

¹⁶ In: Cadernos de Mística e Revolução, SP, 2003, p. 43-52.

¹⁷ Frei Betto, por exemplo, tem vários textos tanto em jornais, livros e textos disponíveis no site dos Dominicanos apontando para a retomada da “mística”. Igualmente tem feito Clodovis Boff, por exemplo, em “*A Igreja do Novo Milênio*”, Petrópolis, Vozes, 2000, 3ª ed. Este último defende que a Igreja do novo milênio deve, dentre outras coisas, ser “mais mística”.

¹⁸ Segundo Cardoso de Oliveira (2000, p.18), “*Ver, ouvir e escrever* são três maneiras – melhor diria, três etapas – de apreensão dos fenômenos sociais”.

para com meu interesse pelo grupo, talvez nem tivesse prosseguido. Apenas como título de exemplo transcrevo o diálogo inicial que tive com o tal jovem:

- _ Como faço pra conhecer o grupo, participar talvez... outras pessoas de fora podem participar?
- Sem demonstrar o menor interesse pela minha vontade em conhecer o grupo ele apenas disse: “Claro”.
- Insisti: “Vocês tem alguma reunião agendada?”
- _ Não sei... Tenho que ver.
- _ Ah, tá... Mas, você não sabe? Não tem como a gente saber? Me disseram que você saberia...
- _ É... que eu não fui à última reunião. Eu posso ver com um rapaz daqui de baixo... (se referindo ao centro da cidade) Você mora a onde?
- _ Em Santa Cruz, mas estudo aqui perto. O local não é problema, pois estou sempre por aqui.
- _ Então vou te passar o telefone do Antônio Pedro. Ele é um dos coordenadores do movimento aqui do RJ... ¹⁹

Na verdade, mais tarde pude compreender que o grupo estava (à época de meus primeiros contatos) saindo de uma fase de um certo isolamento pois, segundo me explicaram, no início o grupo atraía várias pessoas que não haviam entendido o “espírito do grupo”, ou seja, jovens que apenas freqüentavam às reuniões sem um envolvimento com a “causa do MIRE” que seria, para eles, participar de algum movimento social.

Com este primeiro jovem cheguei a um outro chamado Vinícius. Com este jovem o contato foi mais espontâneo, pois este (desde o início) se mostrou disposto a me responder as primeiras indagações. Este segundo jovem informou-me que seu grupo funcionava na Gávea, que se reuniam quinzenalmente e que, em relação a outros grupos, estavam um pouco mais adiantados na caminhada. Segundo este meu novo informante, existiriam quatro núcleos do MIRE no RJ: um na Gávea, outro na PUC, o de Caxias e um último em Campo Grande. Inclusive, afirmou este rapaz:

Este grupo de Campo Grande fica mais perto de você, eles estão no início da caminhada ainda - talvez seja até melhor pra você participar deste - mas é claro que você pode vir conhecer a gente, não tem problema nenhum... Ah, na próxima quarta-feira o grupo da PUC vai se reunir. Eu vou estar lá, se quiser aparece por lá, aí a gente troca uma idéia.

¹⁹ Ao sair dali senti-me como, talvez tenha sentido, Evans-Pritchard (1978, p. 18) naquele diálogo insólito e pouco produtivo com um *nuer*.

E assim ficara combinado que nos encontraríamos na PUC e de que ele me enviaria alguns textos que o grupo tinha debatido nas reuniões. Nem uma coisa nem outra aconteceu, ou seja, nem o texto ele me enviou e nem na reunião apareceu... Mas, pelo menos, estava começando a entrar no campo...

Naquele dia marcado, cheguei à PUC e procurei pela sala da Pastoral Universitária e após algumas informações cheguei ao que parecia ser o local indicado. Ao chegar, dirigi-me a duas pessoas que estavam conversando e perguntei sobre a reunião do MIRE e estes me responderam que não conheciam o tal grupo e muito menos que este teria alguma reunião por ali. Tal situação demonstrava já naquele momento que, pelo menos ali naquela universidade, o grupo não parecia ter o interesse em tornar-se visível. E, conforme já expliquei, hoje fica claro o momento pelo qual o grupo passava à época de minha entrada em campo...

Enfim, ali permaneci por alguns minutos refletindo, à época, sobre tal invisibilidade do MIRE... Ainda sem obter nenhuma informação, enquanto observava uma seqüência de quadros sobre a vida de Santo Inácio de Loyola, um outro jovem, que havia saído de uma daquelas salas interiores, se dirigiu a mim e perguntou o que eu desejava. Expliquei sem muito entusiasmo já esperando sua resposta negativa. E para meu espanto: “*É por aqui*”, disse-me se dirigindo mais para o interior daquele recinto. Após passarmos por alguns corredores ele abriu uma das portas e me anunciou: “*Este rapaz está procurando o MIRE.*” Ante alguns segundos de silêncio... as pessoas me olhando... nenhum movimento... alguém quebrou o gelo: “*Oi! Entra, é aqui mesmo.*” Disse-me oferecendo sua própria cadeira, pois já estavam todas ocupadas, antes de aceitar me apresentei como uma pessoa interessada em conhecer o grupo e que o Vinícius me havia indicado o grupo... Lentamente, alguns sorrisos acanhados surgiram. Aceitei a cadeira e me sentei... E foi assim, dessa maneira desconfortável que cheguei ao grupo.

Antes de continuar, seria interessante destacar o como me apresentei ao grupo e como esta apresentação foi recebida. Acompanhe (esses primeiros momentos são os mais difíceis...): Na verdade, no início da reunião, me apresentei como uma pessoa interessada em “conhecer o grupo” e não como pesquisador. Somente o fiz ao término da reunião. Ao final desta, pedi a palavra e esclareci, com medo de parecer desonesto com o grupo, os reais motivos de minha presença ali. Expliquei (acionando minha *identidade de católico*) que era um jovem de tradição militante na Igreja em diversos movimentos e etc... E que por isso havia me interessado pelo grupo, por suas idéias e propostas e que tais elementos seriam muito interessantes para minha

dissertação de mestrado em ciências sociais. Em resumo, deixei claro que queria fazer uma pesquisa com o grupo. Porém, para meu desconforto, alguns olhares não foram bem receptivos à minha fala e uma das jovens (demonstrando preocupação), após torcer o nariz, foi bem explícita (mais na atitude do que nas palavras...) e disse que não teria uma *posição* naquela hora e que precisaria pensar melhor. Alguns manifestaram o desejo de ter também esse tempo pra pensar. Esclareci que gostaria de ser o mais honesto possível com o grupo e que eu, realmente, tinha interesse em fazer meu trabalho com eles, pois tinha uma “simpatia natural” com o MIRE e que isto, inclusive, poderia me trazer problemas de “distanciamento” visto que tal prerrogativa é fundamental para um bom trabalho que se pretenda antropológico.

Embora estivesse com a certeza naquele momento de que, ao expor claramente meus objetivos de pesquisador, estaria tranquilizando a mim mesmo quanto à honestidade do meu procedimento e da minha conduta frente ao grupo, um certo desespero apoderou-se de mim por alguns instantes com a possibilidade de não ser aceito pelo grupo. Restava-me deixá-los à vontade para decidirem, noutra oportunidade, sobre minha situação.

_ Vocês podem discutir depois e ver se há a possibilidade d’eu fazer meu trabalho com o grupo. E, claro, isso só vai ser possível se vocês não se sentirem incomodados e constrangidos. Vejam, discutam entre si e depois me digam.

Sobre a situação que descrevi acima, talvez Seeger (1980, p. 25) esteja certo, ao colocar que toda pesquisa de campo é, até certo ponto, uma violação da sociedade estudada, pois os antropólogos, às vezes, têm de fazer perguntas difíceis e desagradáveis. Ou ainda, que o pesquisador pode causar privações diversas ao grupo, querer saber claramente ou mesmo ver determinadas situações que não interessam ao grupo que o pesquisador saiba ou veja...

O fato foi que assim ficou combinado... No entanto, desde aquele dia, a aceitação não foi traduzida numa resposta apenas, mas num acolhimento progressivo da minha presença nas atividades do grupo. Aos poucos, estar presente junto ao grupo foi se tornando cada vez mais “natural”, ao passo que minha ausência aos encontros do grupo era percebida e objeto de manifestações de preocupação. Em resumo, poderíamos afirmar que aos poucos o grupo percebeu que não tinha a pretensão de os atingir negativamente. Por exemplo, Cicourel (1980, p. 90) esclarece algo quanto à aceitação do observador participante:

Uma pessoa torna-se aceita como observador participante devido em maior proporção ao tipo de pessoa que revela ser aos olhos dos seus contatos no campo, do que aquilo que a pesquisa representa para eles. Os contatos no campo querem se assegurar de que o pesquisador é um ‘bom sujeito’, de que e pode ter certeza que não fará ‘nenhuma sujeira’ com o que descobrir²⁰

Portanto foi dessa forma que entrei no grupo. Embora segundo os textos do movimento, afirme-se que as reuniões de cada núcleo devam ocorrer a cada quinze dias, tal regularidade não se dá neste grupo da PUC. Menos ainda se observa nos outros núcleos do MIRE no RJ e o fato é que, às vezes, ocorre uma reunião no mês ou até - como já se observou - intervalos de dois meses entre uma reunião e outra. Lembro que este é um dos núcleos do MIRE que mais se reúne no RJ...

Logo, não é demasiado reconhecer que tal ausência de regularidade, somado ao fato de que todos os jovens possuem uma jornada dupla de trabalho e estudo, nos dificultou bastante o “trabalho de campo” tal qual o entendemos a partir do paradigma tradicional da antropologia e que gostaríamos de ter realizado. Resumindo, foi desta forma que realizamos nossa pesquisa: estando presente à maioria possível das dos encontros do núcleo, com conversas informais antes e após os encontros (estas raras, pois muitos tinham que acordar cedo no dia seguinte...) e leitura e análises dos textos e documentos do movimento.

Após alguns meses de convivência com estes jovens podemos apontar algumas características do MIRE, antes, porém, farei o que chamaremos de uma breve contextualização do movimento a partir de algumas novidades presentes na Teologia da Libertação.

²⁰ Na realidade esta citação feita por Cicourel (1980, p. 90) pertence à Jonh P. Dean, “Participant Observation and interviewing”. In, Introduction to social reserch, Pensilvânia, 1955.

2 O MIRE COMO ATUALIZAÇÃO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Neste capítulo segundo apresentaremos uma breve discussão a cerca da chamada Teologia da Libertação (TdL) a partir de alguns de seus elementos – para os objetivos deste trabalho – fundamentais. Além de apontar sinteticamente como entendemos esta teologia, pontuaremos novos elementos presentes na reflexão de alguns dos mais expoentes teólogos da libertação. Tal capítulo se justifica porque pensamos o MIRE como um movimento que pode nos ajudar a pensar o que entendemos ser estas novidades percebidas na TdL.

Antes de tudo (e sem rodeios) gostaria de deixar claro o seguinte: entendo o movimento Mística e Revolução (MIRE) como um dos inúmeros “frutos” da chamada Teologia da Libertação (que, para facilitar, abreviaremos como “TdL”). E, como tal, carrega em si algumas marcas e características dessa “filiação”²¹ e certamente, também, alguns traços que o torna singular frente a outros movimentos a partir dos quais a TdL se expressou²².

Apresentaremos, portanto, em algumas linhas, o que vem a ser a chamada TdL e, ainda que muito sutilmente, já adiantaremos algumas transformações que estão sendo introduzidas nessa teologia para, daí sim, situar o MIRE como *caudatário* desse processo. E, quando mais tarde tratarmos propriamente do movimento *Mística e Revolução*, há de se perceber mais claramente (assim espero...) os motivos que nos levaram a dedicar estas páginas a referida teologia. Noutras palavras, embora não seja esta a parte principal de nossas reflexões, ela se justifica pelo fato do MIRE, como queremos sugerir, fazer parte deste amplo movimento de cristãos que se vêem e se querem comprometidos com uma *transformação social* a partir de motivações religiosas. Em resumo, é exatamente esta a hipótese geral que norteia todo este trabalho. Mas, afinal, o que entendemos por *Teologia da Libertação*? Vejamos a seguir.

Acredito que não raro, aqueles que se dedicam a estudar o catolicismo, volta e meia têm se perguntado: qual a situação atual da Teologia da Libertação frente ao avassalador crescimento do movimento carismático e das inúmeras igrejas Pentecostais que pululam em

²¹ Alguns pontos comuns podem ser adiantados, que mais adiante serão melhor percebidas, tais como referências religiosas e ideológicas e a utopia de “transformação social” que norteou e norteia o chamado *Cristianismo da Libertação* (LÖWY, 2000, p. 57).

²² Löwy(2000, p. 56-57) aponta como frutos da TdL movimentos nascidos a partir de ativistas das CEBs, Clubes de Mulheres, Associações de Moradores, Sindicatos de camponeses e trabalhadores.

nossas cidades, atingindo não apenas as classes populares mas também as classes médias e, mais recentemente, as camadas mais abastadas? Teria a Teologia da Libertação capitulado neste, que alguns estudiosos apontam como, novo contexto religioso?

Esta parte do nosso trabalho tem o propósito também de levantar algumas indagações sobre a situação da TdL nesse novo contexto e que influências esta tem sofrido. Lembro: “levantar novas questões” desse processo do que, necessariamente, respondê-las. Pois, na verdade as questões acima são muito mais amplas e complexas do que este trabalho pretende alcançar.

Faremos, mais adiante ainda, uma breve revisão do que tem chamado atenção de alguns analistas que têm se dedicado pesquisar este *ramo* do catolicismo. Ora, a questão fundamental que tem chamado a atenção atualmente dos analistas é a “revalorização” da *mística* por parte de alguns teólogos e que tal postura tem se refletido nas práticas de algumas *comunidades de base* (CEBs) e, no nosso caso, podemos dizer que tal processo pode estar se refletindo também na *subjetividade* dos jovens militantes deste novo movimento intitulado MIRE. O que dizem os sociólogos e antropólogos sobre tudo isso? É o que tentaremos mapear.

2.1 CEBs e teologia da libertação: gênese e perspectivas

Antes de tudo é preciso reconhecer que a Teologia da Libertação (TdL) deixou uma indelével marca no Catolicismo do século XX e, porque não dizer, em todo cristianismo latino-americano. A partir das reflexões propostas por esta teologia forjou-se em toda a América Latina um número considerável de cristãos que, a partir de sua fé, se propuseram a lutar por uma *transformação social* tendo como ponto de partida a chamada “conscientização dos pobres”. Isto significaria, para estes cristãos, o início - pelo menos aqui na terra - da construção daquilo que eles acreditam por “Reino de Deus”.

Esta postura religiosa, classificada pelos próprios membros da Igreja e, inclusive, consagrada pelos cientistas sociais como “progressista” ou “libertadora”, significou, ou melhor, se traduziu na motivação de milhares de cristãos a ingressar e a atuar em diversos movimentos sociais e políticos em diversas partes da América Latina. Portanto, diante desta constatação,

acredito piamente que, todo aquele que se propuser a estudar a Igreja latino-americana e suas relação com os movimentos sociais, não poderá deixar de dedicar à TdL umas boas páginas.

Antes de prosseguirmos, chamo a atenção para o uso deste termo *Teologia da Libertação*. Ao contrário do que possa parecer, a TdL não é um movimento organizado e homogêneo que estaria articulado num grupo ou pastoral específica dentro da Igreja. Aqui entendemos a TdL como um conjunto disperso de livros e textos produzidos a partir da década de 70 por dezenas de teólogos da América Latina ou, melhor ainda, esta teologia seria o reflexo de um amplo movimento social que teria se iniciado na década de 60 (LÖWY, 2000, p. 56-55).

A TdL nasceu tendo como berço a América latina e é, segundo Leonardo Boff (1996, p. 09), “filha do casamento da Igreja com os pobres”. Esta imagem (ou “metáfora”, como queiram...) nos parece interessantíssima, posto que nos permite uma dupla interpretação: Em primeiro lugar (e esta estaria de acordo com a própria auto-justificativa para as reflexões propostas pelos teólogos), nos leva a deduzir que a Igreja *num dado momento* se voltou aos pobres! Ora, convém lembrar que, estes (os pobres) sempre se constituíram a maioria do público católico e, mais ainda, se não fossem estes como a Igreja teria se constituído como uma das maiores instituição que é? Portanto, embora estes estivessem sempre na constituição da própria Igreja esta, ao que nos parece, nem sempre esteve ao seu (dos pobres) lado. Isto é tão verdade que tiveram até que marcar um casamento...

E, em segundo lugar, essa imagem de “casamento” pode, também, nos levar a deduzir que a própria concepção de Igreja (inclusive, por partes dos teólogos da libertação...) é supervalorizada, pois, é como se esta instituição existisse *a priori* e independente do povo que a constitui, ou seja, os pobres! Logo, estes é que precisariam deste casamento com a instituição, pois, senão, quem haveria de os assistir?

Contudo, outros autores parecem perceber, por parte desta Igreja dos Pobres, uma atitude um pouco mais valorativa em relação aos menos favorecidos, ao deduzir que esta Igreja estaria fazendo uma aposta diferente. Segundo Birman e Leite (2000, p. 339), haveria explicitamente um ideal de “refundação” da própria Igreja sob novas bases, pois o “ideal da Igreja Libertadora era ter pessoas organizadas em comunidades participativas, as CEBs. Esperava-se que, ao participar destas comunidades, guiados pelos chamados agentes pastorais, o “povo” desenvolvesse um novo tipo de Igreja.”.

Na verdade, mesmo esta *Igreja do Pobres* (ou seja, aquela que tem como fundamento a TdL) nascida deste “casamento”, repetiria o mesmo dilema da Instituição como um todo na sua visão sobre o povo: de um lado há uma certa idealização do “povo” e, de outro, estaria subsumido até mesmo uma imagem negativa deste, posto que este precisaria da instituição para sua própria conversão e “conscientização” (STEIL, 1998, p. 02).

Existe quase um consenso em afirmar que a TdL e a Igreja dos Pobres são frutos de um certo *aggiornamento* da Instituição Católica nos anos 60 a partir daquela grande assembléia de prelados católicos que ficaria conhecida por *Concílio Vaticano II* (1962-1965). Mas, para outros autores, os primeiros passos na direção desse tipo de cristianismo mais voltado aos problemas seculares, ou seja, com cristãos mais preocupados em atuar também fora da Igreja, foram dados um pouco antes com a *Ação Católica* criada já na década de 20 e reorganizada entre os anos de 1946 e 1950 (PRANDI, 1997, p. 28-29).

O Concílio Vaticano II significou, de fato, uma tentativa da Igreja Católica em se “ajustar” aos novos tempos, pois buscava-se - dentre outros objetivos - uma nova relação entre Igreja e Sociedade Moderna²³ e uma revisão da função do leigo no mundo e na Igreja e isto, conseqüentemente, “implicou numa reorientação pessoal do fiel para um engajamento nas lutas sociais” (CARRANZA, 2000). No entanto, não foi o Concílio Vaticano II o único gerador ou o único motivador dessa metamorfose eclesial nestas terras da América. Este estaria inserido num processo mais amplo. Segundo Benedetti (apud PRANDI, 1997, p. 30), por exemplo, “o Vaticano II é significativo por se inserir no interior de um processo como porto de chegada que consagra idéias e práticas que fermentavam no interior da Igreja católica”.

Não negando o caráter significativo daquele encontro episcopal, foram as Conferências de Medellín (1968) e, posteriormente, de Puebla (1979) que motivaram, significativamente, a Igreja latino-americana a assumir a denominada “opção preferencial pelos pobres”, pois foi a partir destas conferências que a postura da Igreja da América Latina terá uma influência marcante em todo catolicismo mundial como assinalou Mainwaring (1989, p. 9).

²³ Pedro R. de Oliveira (2003, p.129) defende que o Concílio Vaticano II possibilitou duas aberturas muito bem sucedidas: de um lado ao “mundo moderno” com a Renovação Carismática e, de outro, “uma abertura ao mundo dos pobres” com o catolicismo da Libertação.

Dentro desse contexto eclesial²⁴ começa a tomar corpo uma nova forma de reflexão teológica que buscará “rever” as relações sociais na América Latina e colocar-se-á mais voltada para os problemas sociais. Rubem C. Fernandes (2003)²⁵ afirma que

teólogos e agentes de pastoral deslançaram um grande movimento de reforma. A Igreja deveria ser reconstruída a partir de suas bases locais, enraizada na experiência popular e numa nova leitura da Palavra de Deus.

Em resumo, a TdL começa a tomar forma na sua expressão mais elaborada e mais profissional, a partir de seus teólogos que já desenvolviam um intenso trabalho nas bases populares. Todavia, salienta alguns desses teólogos²⁶, antes mesmo dessas construções teológicas mais sistematizadas, já havia nas bases (ou seja, na Ação Católica e principalmente nas CEBs) toda uma reflexão e busca pela articulação entre Fé e Vida, compromisso cristão e compromisso social.

Essa nova *forma de catolicismo*²⁷, sistematizado pela TdL a partir da década de 70²⁸, tem como principais expressões as CEBs e as Pastorais Populares (dos Negros, dos Operários, dos Menores, da Terra e etc). Estas têm seu desenvolvimento e crescimento nos meios populares seja nas áreas rurais ou periferias urbanas (OLIVEIRA, 1997, p. 52). E como são as CEBs a principal marca e expressão da chamada *Igreja dos Pobres* e/ou o nascedouro mesmo dessa teologia (e, acrescento eu, *locus* para qual esta converge como fator de mobilização), cabem algumas considerações acerca destas comunidades. Mesmo porque, não é demais lembrar, é justamente sobre a vitalidade ou não das CEBs atualmente que se voltam as atenções daqueles que se interessam por essa *forma* de catolicismo.

²⁴ Por limitação de espaço optei por apenas indicar estes marcos institucionais da igreja. Para uma leitura mais detalhada, dentre outras possíveis, ver BOFF (1996) especialmente os capítulos I e II e também BOFF (1986) principalmente o capítulo V, e pode-se dar uma olhada em ADRIANCE (1996) sobretudo o capítulo VIII.

²⁵ Texto retirado da Internet (*Teologia da Libertação*. Por Rubem César Fernandes) sob o endereço eletrônico: <http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/artcult/religião/tlibert/apresent.htm>

²⁶ Para essa explicação mais detalhada cf. BOFF (1986, p. 25-32)

²⁷ Aproprio-me da expressão utilizada por Oliveira (2003, p. 125) ao chamar a atenção para o fato de “coexistir” diferentes catolicismos no interior da Igreja Católica.

²⁸ Foi o teólogo Gustavo Gutiérrez que publicou o livro inaugural dessa teologia intitulado *Teologia da Libertação, perspectivas*, em 1971. No Brasil foi lançado pela Ed. Vozes de Petrópolis em 1975.

Inúmeros são os trabalhos que tomam as CEBs como objetos empíricos privilegiados, onde busca-se compreender esta “*forma peculiar de presença da Igreja Católica entre as classes populares em diversas regiões do continente latino-americano*” (RODRIGUES, 1997, p. 157)²⁹. Convém, antes de tudo, buscar uma conceituação mínima do que se entende por CEBs embora, nos alerte Marjo Theije (2002, p. 47), não parece haver consenso (não obstante muito se tenha escrito sobre o assunto!) sobre a forma, o conteúdo e mesmo sobre o significado do fenômeno das CEBs e, portanto, parece não haver uma definição única para essas comunidades. Numa “aparente” ironia, afirma esta autora sobre as CEBs (THEIJE, 2002, p.48), “no Brasil todo o mundo ‘sabe’”.

Para efeito de esclarecimento e de posicionamento, adotarei a definição de Cecília Mariz (apud THEIJE, 2002, p. 48), na qual a autora define as CEBs como “grupos católicos de pobres que tentam, através da meditação e da oração, promover uma visão social e politicamente engajada da religião”. Na verdade, numa leitura mais atenta em outros trabalhos de pesquisa, tal definição não apresenta grandes variantes em relação à definição de outros autores³⁰. Portanto, embora concorde com Theije (2002) de que não há, decerto, uma “definição unívoca”, todas as definições apresentadas pelos autores referidos, possuem um núcleo comum, com pequenas nuances salientadas ora num ou noutro trabalho.

Embora os teólogos da *Igreja dos Pobres* afirmem que a TdL é a sistematização de uma reflexão que já a muito era realizada nas bases, ou seja, nos meios populares desde os anos 50³¹, Carranza (2000, p. 15), ao contrário, afirma que foram as CEBs que surgiram a partir da TdL “como seu mais precioso fruto”. Todavia, parece ser um consenso (e aqui eu fico com a maioria!) entre os estudiosos do tema que, de fato, a TdL surgiu a partir de uma prática pré-existente. Apenas para citar mais um exemplo dessa perspectiva, podemos ver em Pedro R. de Oliveira (1997, p. 53)³² que a TdL “é a expressão erudita da vivência religiosa das CEBs...”.

²⁹ Neste pequeno artigo a autora faz um balanço dos trabalhos apresentados no *GT* (grupo de trabalho) *Religião e Sociedade*, da ANPOCS entre os anos de 1980 e 1997.

³⁰ Remeto o leitor, interessado num maior aprofundamento e a título de comparação, às definições propostas por MAINWARING (1989, p. 127), BURDICK (1988, p. 11-12), ADRIANCE (1996, p. 177-181), PRANDI (1997, p. 14-15).

³¹ Cf. REGIDOR, J.R. “Vinte e cinco anos de Teologia da Libertação”. In: Boff, Leonardo (org.). *A Teologia da Libertação - balanços e perspectivas*, SP, Ed. Ática, 1996, p.17-19.

³² Este autor é um conhecido intelectual ligado à Igreja e, sobretudo, às CEBs.

Enfim, a idéia até aqui apresentada é, tão somente apontar, numa determinada ótica (visto que há outras possibilidades), algumas leituras possíveis dessa teologia. Tentaremos, nas próximas linhas, apontar como os cientistas sociais estão analisando as recentes incorporação e/ou transformação pelas quais passa a Teologia da Libertação e alguns movimentos nela inspirados. Mais adiante veremos como o MIRE, através de seus jovens, apropria-se dessa herança da TdL “enriquecida” (acho que esse adjetivo caiu bem...) de novas fontes e inspirações.

2.2 A “crise” da teologia da libertação

Inúmeros cientistas sociais têm se dedicado, atualmente, a discutir a chamada “crise da Teologia da Libertação”. Tal crise manifesta-se pela pouca “visibilidade” desta nos meios de comunicação e, principalmente, pelo “declínio” das CEBs. Portanto, se nas linhas a seguir nos determos um pouco mais sobre a temática das CEBs é porque entendemos que estas são um bom “termômetro” para se pensar os rumos da TdL nos dias atuais.

O sociólogo e assessor das CEBs Luiz A.G. de Souza (2000) procurou responder a estas questões em seu texto *As CEBs vão bem, Obrigado* (REB 60). Neste, o autor discorda das análises que apontam o declínio destas comunidades pois, segundo ele, tais considerações carecem de dados empíricos comprobatórios deste diagnóstico (no entanto, nem mesmo este autor apresente “seus” dados...) e baseiam-se no que afirma a mídia. Segundo este autor, “aparecer com freqüência na mídia não é necessariamente prova da relevância de um fato” (SOUZA, 2000, p. 95)³³.

Segundo pesquisas desenvolvidas pelo CERIS/ISER o número de comunidades eclesiais pode ser estimado em 61.000 (VALLE; PITTA apud THEIJE, 2002, p. 52). No texto de Souza (2000, p. 24) a sua projeção é mais “generosa” onde aparecem as CEBs estimadas em 70.000. Mas nada se compara aos impressionantes 150.000 (!) comunidades de base apontadas por Leonardo e Clodovis Boff (apud THEIJE, 2002, p. 51). Frei Betto³⁴ - em recente artigo - também

³³ Também os teólogos G. Gutiérrez e José Comblin, em entrevistas recentes, apontam esta pouca visibilidade na imprensa como “indicador” da “falência” da TdL. Tal idéia, assim como em Souza (2000), é falsa.

³⁴ Cf. texto deste autor extraído da Internet: “A Igreja dos Pobres”. Disponível em: <http://alainet.org/active/show-text.php3?key=1263>

aponta seus números, onde apresenta 80.000 núcleos de comunidades espalhadas pelo Brasil afora, segundo ele, dados levantados pelo CERIS. Contudo, não devemos desconsiderar que tais números e projeções foram feitas por pessoas diretamente ligadas às CEBs...

A despeito de todos esses números, afirma Souza (2000, p. 96), “a quantidade não é de forma algum o mais decisivo”. O que importa, de fato, é a relevância destas comunidades na vida eclesial e social. Segundo este autor, é possível que uma vez que foi desfeita a imagem de “novidade”, estas comunidades permaneçam atuando como o mesmo vigor, no entanto, sem aquele caráter noticioso de outrora. Em resumo, este parece acreditar que, realmente, *as CEBs vão bem*. Tal posicionamento, talvez, seja fruto de seu trabalho de assessoria a estas comunidades Brasil afora, contudo, falta apresentar mais dados empíricos e consistentes dessa situação que ele demonstra acreditar.

Reginaldo Prandi (1997, p. 23) afirmava, alguns anos atrás, que as CEBs já estavam em “visível declínio” e que, embora estas tivessem marcado forte presença religiosa no espaço da política, elas estariam em refluxo. Este arrefecimento é também reconhecido por Ivo Lesbaupin (2000, p. 56), no entanto, para ele tal diagnóstico não se aplicaria apenas às CEBs mas, à “praticamente a todas organizações populares de ação sóciopolítico”. Contudo, afirma ainda este autor, embora se tenha essa “impressão de crise nas CEBs, de refluxo, e mesmo de tendência ao desaparecimento”, isto se dá, segundo ele, pelo fato de “o assunto CEBs não ter mais visibilidade ou terem saído de ‘moda’”. (LESBAUPIN, 2000, p.75). Portanto, se de um lado, temos os analistas apontando uma crise nas CEBs, de outro temos teólogos e intelectuais ligados à estas comunidades afirmando o contrário. Contudo, num ponto todos parecem concordar: Por mais “invisíveis” que possam estar os assuntos relacionados às CEBs e à Igreja Popular na mídia, a postura desses cristãos relacionando fé e luta social já deixou de tal forma sua marca que, dificilmente, esta há de se apagar. Vejamos então que marcas sociais são estas das quais falam teólogos e analistas.

A socióloga americana Madeleine C. Adriance (1996, p.245)³⁵, fez exaustiva pesquisa junto às organizações agrárias e constatou uma forte influência e motivação de agentes de pastoral da *Igreja Popular*³⁶ junto a estas organizações populares. Mesmo em face de um certo

³⁵ Esta socióloga americana realizou importante trabalho junto a comunidades rurais da Amazônia em finais dos anos 80 e início dos anos 90.

³⁶ Utilizo o termo *Igreja Popular* para ser fiel à utilização da autora, contudo, entendemos *Igreja Popular* ou dos *Pobres* como sinônimos.

recuo institucional de considerável parte da hierarquia católica, a autora indaga-se sobre a possibilidade de revogar a força do legado de Medellín. Segundo ela, não é possível mais tal revogação. Embora alguns autores, que trabalharam mais numa perspectiva urbana tenham concluído que as CEBs estariam em declínio (ADRIANCE, 1996, p.21), Adriance contesta tal versão com a “realidade” com a qual ela defrontou-se nas áreas rurais onde, segundo ela, as CEBs ou leigos ligados a estas comunidades estariam ainda gozando de forte e expressiva presença e influência. Portanto, acredito que mais trabalhos empíricos e quantitativos deveriam ser incentivados para resolver e/ou enriquecer tal debate.

Michael Löwy (1996)³⁷, ao se referir à TdL, acredita que o “atestado de óbito é pelo menos prematuro”. Segundo este intelectual, em primeiro lugar, mesmo em face de conjunturas tão adversas, nenhum dos teólogos da libertação renegou suas convicções. Todavia, acredita ele, não são os escritos desses teólogos a *questão-chave*, “mas a força do movimento social de que são porta-vozes”. A questão, de fato, é perceber como este *Cristianismo da Libertação* ainda tem influência social significativa. Löwy (1996) exemplifica a influência deste “cristianismo da libertação” em levantes populares e manifestações em alguns países da América latina. Por exemplo, a eleição do Padre Jean Bertrand Aristide, partidário da TdL, no Haiti em 1990; O levante Zapatista em Chiapas, segundo a imprensa local, uma rebelião armada de vários milhares de índios “manipulados pelos jesuítas”; aponta também um outro levante indígena ocorrido no Equador em 1994, onde a Igreja Progressista ajudou a criar uma rede de centenas de comunidades de base junto a esses povos, contribuindo para sua conscientização e, por fim, cita o caso brasileiro do apoio de centenas de CEBs à candidatura Lula em 1994³⁸.

Em suma, podemos concluir com LÖWY (1996, p. 3), não obstante toda pressão restauradora das autoridades do Vaticano, esta corrente teológica “já deixou sua marca na história da América Latina (...). O Cristianismo da Libertação moldou várias gerações de cristãos engajados, cuja maioria dificilmente vai abandonar suas convicções éticas e sociais profundamente enraizadas”.

³⁷ Publicou um pequeno texto intitulado *A Teologia da Libertação acabou?* Na revista *Teoria e Debate* n° 31 (abr/mai/jun. 1996), do Partido dos Trabalhadores. A versão que utilizei neste trabalho foi extraída da Internet, portanto as numerações de páginas não coincidem, necessariamente, com a versão impressa desse periódico.

³⁸ Limitei-me a citar apenas os exemplos dados por LÖWY(1996). Contudo, valeria a pena, a quem interessar, fazer uma leitura mais detalhada desse texto embora o substancial de sua análise esteja aqui expresso. Cf. também outra obra, mais completa, do mesmo autor *Guerra dos deuses* (VOZES, 2000)

Por sua vez, Rubem C. Fernandes (2003), também reconhece que com as inúmeras pastorais sociais (do Menor, da Favela, da Terra e outras) a TdL já deixou marcas profundas. Embora, haja, diversos fatores internos e externos à Igreja que levaram a um declínio da TdL e das pastorais por ela inspiradas. No entanto a TdL, conclui este autor, “continua a dar frutos, animando a consciência social católica no País”.

Cabe ressaltar que em estudos empíricos mais recentes sobre *movimentos sociais* nota-se a presença e a importância da Igreja Católica - através das CEBs, das pastorais Sociais e de seus agentes (DOIMO *apud* LESBAUPIN, 2000, p. 58). Ademais, tem revelado recentes pesquisas do ISER/ASSESSORIA uma profunda correlação entre CEBs e vários movimentos sociais reivindicatórios em diversos lugares do Brasil (LESBAUPIN, 2000. p. 58).

Podemos concluir que, após “ouvir” estes autores acima referidos, mesmo que haja o reconhecimento de uma conjuntura desfavorável à expansão do projeto da Igreja dos Pobres (conjuntura tanto num plano interno quanto externo), aponta-se ainda para uma contínua vitalidade das comunidades de base e das motivações basilares da própria TdL.

Avancemos um pouco mais. Que é inegável a motivação dos membros, ou melhor, dos agentes de pastorais, das CEBs para o ativismo social e político, isso nos parece óbvio³⁹. Contudo, é justamente aí que reside a virtude e a fraqueza das CEBs. Na verdade, o “perigo” (esse adjetivo não é meu...) de um ativismo político desde o início fora apontado por aqueles que eram contrários à ideologia da Igreja Popular. O Papa, por exemplo, em Carta Apostólica (dez.1980) endereçada aos bispos brasileiros advertiu: “A Igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (HIGUET *apud* PRANDI, 1997, p. 31).

Não apenas contra a ênfase política em detrimento da missão “especificamente religiosa” tem se voltado as baterias de parte da hierarquia católica⁴⁰. Também há resistências de setores da Igreja (as vezes implícitas, outras nem tanto...) à idéia de uma crescente participação dos leigos nos ministérios e, conseqüentemente, de uma crescente democratização no seio da instituição

³⁹ Nesse ponto cabe um adendo: Sobre esta quase “naturalização” (CEBs = ativismo político), cabe uma referência à John BURDICK (1988, p. 14) onde este antropólogo americano, ao fazer longa pesquisa na Baixada Fluminense, apontou para uma “tendência menos socialmente ativistas” do que se imagina. Ou seja, nem sempre as bases atendem às convocações para a militância...

⁴⁰ Para um aprofundamento destas ações do Vaticano contra a Igreja popular, a TdL e seus teólogos remeto à revista *Comunicações do Iser* nº 39 (1990), Scott MAINWARING (1989) especialmente o capítulo 08 parte III e também a Francisco C. ROLIM. “Teologia da Libertação no Brasil”. In: SANCHIS, P. (ORG.). *Catolicismo: Cotidiano e*

posto que a Igreja Católica tem como uma de suas principais características um estrutura de poder fortemente hierarquizada.

Contudo, o fato é que, seja em função de fatores internos ou externos, a TdL se viu obrigada a redefinir seus paradigmas e/ou ampliar suas reflexões para outras searas. Porém, antes de tratar dessas mudanças propriamente ditas, dediquemos algumas linhas a estes fatores externos que têm influído na Igreja dos Pobres e, certamente, na própria TdL.

O contexto social contemporâneo, certamente, é outro em relação à época do surgimento das CEBs e da afirmação da Igreja Popular. Cientistas Sociais de origens e interesses diversos têm apontado mudanças profundas na sociedade contemporânea. Para citar apenas alguns desses fenômenos, pois não é nosso interesse analisá-los, temos: o aprofundamento das desigualdades entre países centrais e periféricos; a consolidação da Globalização e o crescente intercâmbio de mercadorias, idéias e capitais; a emergência de minorias e/ou maiorias étnico-culturais (índios, negros, mulheres, etnias historicamente subjugadas) com suas demandas por mais direitos e reconhecimentos; a penetração - cada vez maior - de elementos culturais do Oriente no Ocidente e, por fim, o que inúmeros autores tem chamado de “reencantamento do mundo”, traduzido numa busca cada vez maior pelo místico, esotérico, sagrado e etc.

Face a esta complexa conjuntura passemos, então, com a ajuda dos autores com os quais estamos dialogando, a esse redirecionamento que supomos estar acontecendo na TdL. Na verdade, novos temas tem interessado à TdL e também às CEBs como bem expressou Ivo Lesbaupin (2000, p. 55). Temas ligados à questão do Índio, do Negro e da Mulher têm ganhado destaque e tempo nos debates destas comunidades de base. A Igreja, pensada sempre a partir da ótica masculina, se vê obrigada, nos dias atuais, a abrir-se à questão feminina, ou seja, questiona-se o pouco espaço decisório destinado às mulheres, embora estas constituem a maioria mesma da Igreja.

Percebe-se, sobretudo nos encontros *Intereclesiais de Base* (eventos anuais que congregam milhares de membros das CEBs), a valorização das culturas diversas que compõe a chamada cultura popular, ou seja, tem-se valorizado nesses encontros a expressão e os elementos de cada cultura (índia, negra, nordestina e etc) específica, seja do ponto de vista étnico ou regional.

Carlos A. STEIL (2003, p. 14) tem apontado que a crise da Igreja da Libertação não se dá apenas em função do embate ideológico de correntes políticas que se debatem no interior da Igreja, mas também da “vitória” do neoliberalismo e da chamada queda do socialismo real da antiga URSS. “Noutras palavras, a crise não é apenas ideológica e política, mas do modo como a religião vai-se organizar neste final de milênio para expressar uma determinada fome de espiritualidade, própria desse tempo”.

Já é possível perceber, segundo alguns autores em análises recentes do fenômeno religioso contemporâneo, que esta demanda espiritual tem ganhado espaço em terreno católico, inclusive, entre os partidários da Igreja Popular. Marcelo A. Camurça (2000), por exemplo, tem tentado analisar a influência da *Nova Era*⁴¹ nos escritos de Frei Betto e de Leonardo Boff. Para este autor, tanto Betto quanto Boff (que me perdoem a intimidade...) têm se mostrado abertos à estas novas experiências e, conseqüentemente, tal influência tem permeado os últimos escritos e palestras desses dois importantes e influentes teólogos contemporâneos.

É uma mudança que se impõe, acredita Steil (2003, p. 149), pois a Igreja da Libertação, se não rever sua postura mais racional, perderia seu espaço no campo religioso a medida em que cresce a demanda por uma religiosidade mais mística, menos institucionalizada e de tipo transversal mais em consonância com esta época atual. Segundo ele, de fato, essa forma mística de expressão do cristianismo tem sido incorporada na própria experiência da Igreja da Libertação e das CEBs.

Ao tratar desta demanda mística por qual passa o campo religioso atual com o avanço de idéias e grupos *new age*, não se poderia passar ao largo da experiência da Renovação Carismática Católica (RCC). Esta, com seu crescimento cada vez mais vertiginoso⁴², arrebanhando um contingente de fiéis cada vez maior, já tem, por parte dos próprios teólogos da libertação, uma avaliação bem menos ácida⁴³. Por exemplo, Leonardo Boff, encara este movimento como “um novo modo de ser Igreja” e que “será uma expressão singular do Cristianismo do século XXI” (apud BOFF, 2000, p. 42).

⁴¹ Mais adiante procuraremos detalhar melhor o que entendemos por Nova Era ou New Age.

⁴² Cf. Veja, 8 de abril de 1998, p.92. Diz que 20 anos atrás seriam os carismáticos apenas 300 mil. Hoje acredita-se que este número tenha chegado à mais ou menos 3,8 milhões de fiéis, isso em 1994. (apud BOFF, 2000, p. 37)

⁴³ Refiro-me à BOFF, L. *Apreciação Teológica da RCC...*, In: OLIVEIRA, Pedro R., BOFF, L., LIBÂNEIO, João B. e BITTENCOURT, E.. *Renovação Carismática Católica. Uma análise sociológica - interpretações teológicas*, Vozes/CERIS. Petrópolis, 1978.

Percebendo essas mudanças que estão ocorrendo no campo religioso atual, e de certa forma, reconhecendo sua legitimidade, reconhece Clodovis BOFF (2000, p. 39) que “a RCC, assim como outros movimentos afins, respondem a demanda de sentido, de identidade e de experiência religiosa, que além de agudas, são extremamente difusas na sociedade hoje”.

É claro que não estamos aqui afirmando (não quero que paire nenhuma dúvida quanto a isto...) que estão, estes teólogos, se convertendo ao movimento carismático embalados pelas músicas do Pe. Marcelo Rossi ou do Pe. Jonas Abib. Não é isso! Mas, talvez não estariam estes expoentes da TdL tendo uma percepção de “perda de terreno”, frente a esta “demanda mística”, obrigando-os a redefinir suas próprias opiniões a cerca do carisma sob o risco de se verem isolados?

Portanto, se por um lado, percebemos uma “reconsideração” desses novos movimentos religiosos contemporâneos com seus fortes conteúdos emocionais e místicos, por outro lado, arrisco inferir, que há - ainda que implicitamente - um “reconhecimento” de que as CEBs e as Pastorais Sociais, com seu forte conteúdo social e político, falharam em dotar seus membros de um sentido religioso mais profundo, através de experiências mais místicas e emotivas. Quiçá, não seja à toa que Clodovis Boff, em seu livro *Uma Igreja para o Novo Milênio* (PAULUS, 1998, p.05-09), comece pela “dimensão mística”⁴⁴, ao falar das características que deve a Igreja buscar neste século XXI...

Embora Clodovis Boff (2000, p.44) aponte como mérito da RCC o seu caráter de “renovação”, seja da experiência de Deus através de uma fé sentida até a emoção, seja na vida cristã como um todo através de um resgate do sentido da oração, do amor à Palavra de Deus e no reforço da própria identidade católica, dentre outros aspectos, todavia, não esquece este autor que existem “limites” à RCC que não podem ser desprezados, por exemplo, a *falta de compromisso social*, o *emocionalismo* como um fim em si mesmo e não como meio e, por fim, a *falta de integração à Igreja local* (BOFF, 2000, p.46). Em resumo, segundo Clodovis Boff, se a RCC ainda não merece uma “nota dez”, pelo menos, “um sete” esse movimento, certamente, merece. Afinal, se considerarmos que no final da década de 70 a “avaliação” era bem mais negativa, há um avanço considerável...

⁴⁴ E o que seria esta dimensão a ser valorizada pela Igreja no Séc. XXI? Segundo Clodovis: “Uma Igreja do Espírito Santo, e não apenas do Cristo segundo a carne. Mais inspiração, mais carisma (...). Uma Igreja mais contemplativa, mais orante e adorante (...). Uma Igreja de louvor e ação de graças pelo Reino que chegou (...)”. (VOZES, 1998, p. 10-11)

Além destas questões acima expostas, que indicam uma *re-valorização*⁴⁵ dos teólogos da libertação quanto a questão da mística e da espiritualidade na Igreja, mais alguns elementos desse processo podem ser extraídos de declarações de alguns expoentes dessa teologia. Seleccionamos, para a seção a seguir, trechos que consideramos significativos de entrevistas dadas por alguns desses teólogos e também de pequenos artigos publicados recentemente em jornais impressos e eletrônicos. É claro que Clodovis Boff poderia muito bem figurar no espaço abaixo, contudo, o texto que dele utilizei foi publicado numa revista especializada (REB), provavelmente, acessível a um público bem mais restrito; quanto aos textos utilizados para a seção seguinte foram direcionados para um público bem mais amplo e, no caso das entrevistas, estas tem um caráter mais fluido e menos formal.

2.3 A mesma opção sob novas abordagens

Começemos por Pablo Richard⁴⁶, ao analisar a dificuldade de mobilização das camadas populares e a atração desta pelos movimentos pentecostais, afirma que a Igreja optou pelos pobres e estes optaram pelos pentecostais. Na realidade, reconhece, “não soubemos entender suficientemente o mundo dos pobres” pois, segundo ele, faltou potencializar mais toda a dimensão religiosa, espiritual e carismática. Enfim, fez-se uma opção demasiadamente ideológica. Aponta, também, “já não basta falar somente dos pobres. Há uma complexificação do mundo dos oprimidos”.

Gustavo Gutiérrez⁴⁷, por sua vez, afirma que os teólogos nos últimos anos estão trabalhando temas novos e muito na linha da teologia Indígena, Negra e da Mulher: “Creio que

⁴⁵ Se olharmos para escritos no final da década de 80 desses teólogos e início da década de 90 já havia uma preocupação com a questão da mística e da espiritualidade na Igreja popular. Podemos perceber isto num livro pouco conhecido organizado por Teixeira (1991) que reúne entrevistas de vários teólogos onde mais de 40 páginas são dedicadas a “espiritualidade da Libertação” na qual estes teólogos já falavam da valorização da contemplação e da oração dos militantes. Cf. a citação completa nas Referências Bibliográficas.

⁴⁶ Teólogo chileno com formação na área de Sociologia da Religião. Entrevista publicada em junho/2001 na Agência eletrônica de informação ADITAL (www.adital.org.br)

⁴⁷ Teólogo peruano considerado “pai da teologia da Libertação” de formação filosófica e teológica. Entrevistas publicada no portal eletrônico da agência de notícias Sem Fronteiras, em 2003; na agência ADITAL e no Portal Eletrônico Tierra América (out.2003)

este é um dos fatores mais importantes na reflexão teológica que se faz entre nós. Essas teologias são uma expressão do processo em curso que denominamos ‘irrupção dos pobres’ (...). A pobreza não é unicamente carência material”. Este teólogo salienta que a preocupação central de toda TdL continua a ser a temática do pobre, mais ainda, a pobreza em todas as suas formas. A perspectiva ecológica, destaca ele, está atualmente muito presente na reflexão teológica sobre a pobreza⁴⁸

Frei Betto⁴⁹, em *Espiritualidade Holística*, além de reconhecer a emergência de demandas mais espiritualistas tal como nos indicou STEIL (2003), reconhece algo de positivo nesse novo tempo: é a busca da interioridade. Para ele, a pós-modernidade “nos convida a uma espiritualidade sem mediações institucionais, centrada na subjetividade aberta ao transcendente”. A espiritualidade proposta por Frei Betto não está limitada à tradição cristã, abre-se assim, a possibilidade de experiências outras (inclusive de outras tradições do tipo hinduísta, Islâmica, Judaica, protestante e etc). Em suma, a “pós-modernidade faz a experiência religiosa desbordar dos limites das instituições religiosas”.

Betto, ao se referir às múltiplas possibilidades de experiências propostas pela Nova Era, afirma que estes “movimentos religiosos sem igrejas, sem mandamentos, sem Deus” são bem adequados ao individualismo contemporâneo. Contudo, se tais movimentos não canalizar as energias do indivíduo para a transformação do mundo, cai-se na “cilada do sistema de dominação”. Portanto, embora Camurça (2000) o tenha visto como interlocutor da New Age, tal diálogo não se faz acriticamente.

Num outro texto intitulado *Desafios do Neoliberalismo ao Movimento Popular*⁵⁰, Frei Betto reconhece que as ideologias não suscitam tanta esperança e motivação como antes, na verdade, as pessoas estão mais do que nunca buscando um sentido para suas vidas na religião. Mais ainda, “fatigadas de racionalismo, as pessoas querem resgatar o encantamento do mundo. O

⁴⁸ Nesse sentido, Leonardo Boff tem se destacado nessa abordagem. Podemos citar, a título de exemplo, alguns títulos de obras desse autor: *Ecologia - mundialização - espiritualidade*, SP, Ática.; *Ecologia: Grito da terra, grito dos Pobres*, SP, Ática e *Princípio-Terra. A volta à terra como pátria comum*, SP, Ática.

⁴⁹ Teólogo brasileiro é também poeta e romancista. Faz parte da Ordem dos Dominicanos. O que dele aqui vamos nos reportar são alguns pequenos artigos publicados em jornais de grande circulação recolhidos aleatoriamente na Internet. Cf. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Mysterium Creationis - Um olhar interdisciplinar sobre o Universo*. São Paulo: Paulinas, 1999.

⁵⁰ Cf. na revista mensal *Caros Amigos*, nº 36, março 2000.

maravilhoso, o miraculoso, o esotérico, exercem forte atração nesse mundo em que o sonho político não encontra lugar e as utopias parecem ainda mais distantes”.

Num outro pequeno texto intitulado *Mística e Política*⁵¹, Frei Betto aponta que é difícil para os cristãos articularem estas duas dimensões. Entretanto, esclarece ele, uma certa concepção de mística desligada do mundo é, de fato, incompatível com certo modo de fazer política. Ao contrário do que se pensa, mística não deve ser encarada como aquela atitude contemplativa de distanciamento do mundo, ao contrário, afirma ele, “os grandes místico foram simultaneamente pessoas mergulhadas na efervescência política de suas épocas: Francisco de Assis, Tomás de Aquino, Catarina de Sena, Tereza de Ávila e João da Cruz”.

2.4 Conclusão

É inegável que estas tantas transformações pelas quais atravessa o mundo contemporâneo afetam as diversas instituições sociais. A Igreja, situada no mundo e localizada geograficamente, não poderia deixar de sentir as influências dessas mudanças e o mesmo se pode dizer da Teologia da Libertação. O contexto de sua origem, sobretudo na América Latina, apresentava outras dinâmicas e outras demandas sociais. Estávamos em época obscura com as ditaduras militares assolando inúmeras áreas e povos destas terras. Era uma época onde as questões ligadas à política, à democracia e ao desenvolvimento canalizavam parte considerável das conversas e debates cotidianos. Ora, a teologia aí surgida vai atender a esta demanda social.

Contudo, os tempos mudaram e, como já se discutiu acima, vivemos num novo tempo onde as demandas são outras que não aquelas dos anos 60. Não se está aqui afirmando que deixemos de debater política, democracia, economia e etc. Não, não é isso! Afinal, mais do que nunca devemos debater e discutir sobre esses assuntos até que um dia possamos ver as necessidades básicas da maioria de nossos povos serem atendidas. Contudo, como afirmou certa vez Clodovis Boff, “Tudo é política, mas a política não é tudo”.

Conforme já demonstramos acima, através de alguns pensadores, há uma efervescência de movimentos espiritualistas e místicos. Portanto, mesmo as Igrejas de longa tradição histórica têm

⁵¹ Texto disponível em: http://alainet.org/active/show_text.php3?key=4937

sido influenciadas por estas mudanças e, na luta por mais fiéis, ou reorganizam suas celebrações e suas formas de atuação ou verão os bancos de seus templos cada vez mais esvaziados.

Todavia, mesmo tendo percebido essa recuperação da importância da dimensão mística por parte de importantes pensadores da Igreja da Libertação, seria ingênuo acreditar que o Cristianismo da Libertação caminha para um processo “carismatização” ou de meditação em posição de *lótus* sob os incensos da *new age*. Também, não sabemos se chegarem ao proposto por Clodovis Boff (2000, p. 52), onde o “ideal” seria que os “carismáticos fossem também libertadores” e os “libertadores fossem mais místicos e carismáticos”, porém é inegável que as celebrações das CEBs estão mais “festivas e místicas” e que os carismáticos querem aprender mais com a TdL. No fundo, talvez, quero acreditar, assim como Clodovis Boff, que estamos caminhando para uma convergência. O MIRE, através dessa nova juventude, talvez seja um bom exemplo desse ponto de convergência. Resta-nos agora apresentar mais detalhadamente o *Movimento Mística e Revolução* para percebermos como tem se dado, na prática esse encontro.

Antes do capítulo seguinte, destaco que o término desta parte com a apresentação de algumas idéias atualmente defendidas por Frei Betto não foi ao acaso. Antes, foi proposital. Afinal, serão algumas dessas idéias do dominicano que darão corpo à proposta central do MIRE, ou seja, da construção de um movimento religioso aberto a diferentes concepções de *mística* e de vivência da própria *espiritualidade* e, o mais importante, que este não é um movimento que nasce do nada. Na verdade, embora ciente das inúmeras lacunas que possam existir neste trabalho, espero ter demonstrado que o MIRE situa-se numa conjuntura mais ampla das modificações pelas quais passa o campo religioso. Bem, assim penso e, modestamente, analiso. Agora, se os membros do movimento se vem ou se pensam como parte desta ampla conjuntura, é outra história...

3 A PROPOSTA DO MIRE

O objetivo deste terceiro capítulo é fazer uma apresentação geral do *Movimento Mística e Revolução* (MIRE) a partir das propostas de seus fundadores. Na busca de tais interpelações e proposições nos utilizamos de algumas entrevistas concedidas por Frei Betto à revistas e *sítios* da Internet, bem como a textos por este frade produzidos; nos utilizamos também de material produzido pela Secretaria Nacional do movimento.

Não é preciso muito esforço para perceber que o vivemos um tempo de efervescência religiosa. Presenciamos a *cada dia* (que me perdoem a hipérbole...) o surgimento de novos movimentos religiosos e de novas expressões de “velhas” e estabelecidas igrejas históricas. Na verdade, a medida em que a sociedade se torna mais plural e mais dinâmica, o próprio fenômeno religioso se complexifica (RAMALHO, 2001, p. 03).

É bem verdade também que, pelo menos as novas expressões no campo religioso cristão, mantém - em essência - o conteúdo básico e primordial da fé cristã. Contudo, não é sem espanto que nós cientistas sociais vemos cada vez mais constantemente que estas novas expressões cristãs se modificam com criatividade, nos forçando a rever nossos conceitos e instrumentos analíticos. Ora, não esqueçamos: é a realidade sempre mais complexa e indomável ante nossos *pobres* conceitos...

Mais do que nunca (ou, pelo menos, mais que outrora...), estas pluralidades religiosas do mundo moderno, podem ser interpretadas como elementos mesmos dessa nossa cultura contemporânea, onde cada vez mais busca-se uma autonomia do sujeito. O que se percebe, em algumas interpretações, é que aos sujeitos cabem suas escolhas de pertencimentos institucionais e de construções de suas identidades pautadas em critérios subjetivos (DAMASCENA; MEDEIROS, 2001, p. 07).

Na verdade, afirmam alguns, o que a maioria dos estudos apontam, é que isto que chamamos fenômeno religioso contemporâneo tem duas características marcantes: a emergência de expressões religiosas pentecostais (católicas e protestantes) e o movimento Nova Era (DAMASCENA; MEDEIROS, 2001, p. 07). Pois bem, é sobre esta última característica do fenômeno religioso contemporâneo, isso é, a *Nova Era* que repousaremos nossa atenção para podermos pensar o MIRE.

A interpretação que defendemos é que a proposta dos idealizadores para o MIRE, embora seja apresentado publicamente como um movimento de cristãos, possui características ou elementos desse movimento denominado *Nova Era*⁵². Nossas observações apontaram o seguintes elementos: a relativização de toda doutrina religiosa e a prática de meditação a partir de matrizes orientais, as referências à tradição oriental de Chuang-Tzu, Lao-Tse, Confúncio, Sidartha Gautama, o buda⁵³. De fato, a proposta para MIRE pode ser facilmente interpretada nesses termos. E o mais interessante dessa história toda, a partir do que nos aponta Leonardo Boff, é que cada pessoa faz sua própria síntese da combinação desses e de outros elementos, produzindo assim uma nova linguagem do religioso (BOFF *apud* CAMURÇA, 1998, p. 111).

3.1 A Mística como “combustível” para a luta

O Movimento Mística e Revolução feito e direcionado a jovens, na verdade, nasceu a partir de pequenos *grupos de oração* organizados e animados por Frei Betto. Podemos dizer que “oficialmente” o MIRE foi lançado num encontro nacional do *Movimento Fé & Política*. Este último tem como um de seus principais idealizadores e animadores o mesmo frade dominicano, dentre outras personalidades religiosas e políticas mais ou menos “famosas”⁵⁴. Não por acaso, será este mesmo religioso considerado o “pai” (segundo suas próprias palavras numa entrevista à revista do movimento) dessa idéia, ou seja, a de criar um movimento de juventude que sirva de “escola” para uma formação onde estes jovens descubram na oração, na contemplação e na mística um importante “combustível” para a militância social.

Pelo acima exposto, podemos pensar um pouco mais sobre a concepção implícita de juventude aí presente. Segundo os “estatutos” do movimento, o MIRE seria um movimento

⁵² Para fins de nosso trabalho, adotaremos a definição de Amaral (2003, p. 20): “Utilizo-me do termo Nova Era mais como um adjetivo - para referir-me a práticas religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independente das definições ou inserções religiosas de seus participantes - do que como um substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas.”

⁵³ Para mais elementos constitutivos da Nova Era, ver Amaral(2003, p. 33-48), Heelas(1996, p. 17) e Comblin, Libâneo e Cavalcanti (2004, p. 12-13).

⁵⁴ Por exemplo, podemos citar como membros do *Fé & Política*: Frei Leonardo Boff, Benedita da Silva, Clodovis Boff, Chico Alencar, Ivo Lesbaupin, Patrus Ananias, Pedro R. de Oliveira, Waldyr Calheiros dentre outros. Esta

direcionado à jovens entre 16 e 30 anos, portanto circunscreve-se uma faixa de idade específica. Contudo, embora saibamos que delimitar juventude à uma faixa etária é uma das maneiras mais simplistas de uma sociedade definir o que é um jovem (CARRANO, 2000, p. 12). Mas, seria isso mesmo a concepção de juventude do movimento? Creio que não. Não me parece ser esta a noção de juventude presente no movimento...

Na verdade, existem formais plurais de ser jovem. No Brasil, por exemplo, existem diferenças fundamentais entre “jovens” no que diz respeito a classes sociais distintas, a estilos de vida, a relações de gênero, a local de moradia e etc. As diferenças são tantas que, as vezes, chegou-se até a cogitar que “juventude” seria quase uma palavra vazia... (NOVAES, 2002, p. 47).

Contudo, afirma ainda esta mesma autora, os jovens, tenham eles a origem que tiverem,

parecem partilhar uma percepção de que é preciso aproveitar a vida e que eles tem ‘juventude’ pra isso (...). Ser jovem é combinar o gosto pela aventura, a predisposição para correr riscos (...). Suas crenças e opções religiosas parecem estar mais para o ‘aqui e agora’, para manter e projetar a vida, do que para a preocupação com o destino após a morte (NOVAES, 2001, p. 184).

O que sugerimos é que haveria uma concepção de juventude marcada pela noção de “etapa da vida” na qual o indivíduo faria opções que o influenciariam ao longo de sua vida adulta (repare, não estamos falando de *vida após a morte*. Estamos falando de vida “viva” mesma!) E para ajudar nestas suas opções, o MIRE funcionaria como uma “escola de formação”. Formação de novos valores éticos, políticos e religiosos mais abertos e mais plurais. Portanto, tal concepção de “juventude” nos ajudaria a entender o porquê desse interesse em se dedicar um movimento a este grupo social específico.

Os documentos do movimento apontam o MIRE como uma alternativa às atuais pastorais de jovens na Igreja, a medida que este novo movimento procuraria ajudar os jovens a fazer uma síntese que a Igreja não conseguira fazer: unir mística e militância. Segundo a definição de um dos jovens que, inclusive, fez parte da divulgação do movimento aqui no RJ, o MIRE “é como um posto de combustível, onde os jovens dos diversos movimentos vem se abastecer para sua atuação política”. Certa vez, numa conversa informal, explicou-me um dos jovens que faz parte da Coordenação Nacional, o MIRE não quer constituir-se num movimento *em si*, mas apenas um espaço de “alimento espiritual” para a militância dos jovens. Uma outra jovem participante do

núcleo de Caxias estabeleceu a diferença entre o MIRE e a Pastoral que ela fazia parte: “O MIRE não é uma pastoral ou movimento, mas um espaço onde os jovens se reúnem para debater sobre vida espiritual e compromisso social” (Luciana, 24 anos, estudante de Ciências Sociais).

Segundo a cartilha do movimento denominada *Cadernos de Mística e Militância*, se um núcleo não motiva os jovens a atuar em algum movimento social, este está falhando, pois não cumpriu seu papel. Em última instância, o MIRE não deseja ser uma alternativa ou uma substituição dos movimentos sociais existentes, antes quer dar-lhes apoio formando e lhes fornecendo militantes jovens comprometidos a partir de um alicerce espiritual. Contudo, no que tange a motivação dos jovens (pelo menos os daqui do Rio de Janeiro...) a ingressarem nos movimentos sociais, veremos que este ideal ainda não foi plenamente alcançado.

3.2 Os “pais” do movimento

Logo no início de minha pesquisa, encontrei aquele pequeno texto do Frei Betto⁵⁵ (que eu já citei lá atrás, lembra?) que me pareceu significativo, pois registra o “lançamento” do MIRE. Segundo o citado texto foi num encontro do movimento Fé & Política (ocorrido em setembro de 2000) que lançou-se oficialmente o MIRE. O frade, sobre este evento, escreveu:

“Surge no Brasil um novo movimento de jovens: o MIRE - Mística e Revolução. Lançado em dezembro (2000) no encontro nacional do Movimento Fé & Política, em Santo Amaro, SP, todos jovens com idade entre 16 e 30 anos. O objetivo é propiciar uma vida centrada no testemunho de Jesus, a quem os evangelhos denominam O Caminho. Esse caminhar é feito com duas pernas: a oração (mística) e a do compromisso social (revolução). Os militantes são chamados a assumir, individual e/ou coletivamente, engajamentos que contribuam para reduzir a exclusão da grande maioria da população brasileira, atuando em acampamentos e assentamentos rurais; movimentos estudantis e sindicais; ações de voluntariado no combate às injustiças e no fortalecimento de iniciativas populares.”

⁵⁵ Texto originalmente, segundo um dos jovens, foi publicado na revista *Caros Amigos*, Ed. Casa Amarela. Mais tarde tive contato com outras versões - em espanhol, inclusive - desse pequeno texto em diversos sítios da Internet. Cf. a indicação da disponibilidade na Internet desta e das outras versões nas Referências Bibliográficas.

Contudo, antes deste “lançamento oficial”, o MIRE já teria surgido a partir de um pequeno grupo ecumênico de oração⁵⁶ que Frei Betto orientava em São Paulo, o qual era composto majoritariamente por jovens. Foi neste grupo que surgiu a discussão sobre a possibilidade de um movimento nacional que propusesse a organizar a juventude a partir de duas perspectivas: uma “espiritualidade libertadora” e uma “militância política”. No entanto, este movimento somente tomou visibilidade no encontro do Fé & Política. Assim descrevem⁵⁷ o nascimento do MIRE (s/d., p. 01) enquanto movimento nacional:

A proposta foi lançada em dezembro de 2000, durante o I Encontro Nacional do Movimento Fé e Política, em Santo André - SP e logo gerou a resposta de uma centena de interessados. Foi formada, então, uma coordenação provisória que assumiu a tarefa de acolher os interessados pelo Brasil afora, orientando a formação e a prática dos primeiros núcleos MIRE. A partir de março de 2001, foi instalada uma pequena estrutura de secretaria em São Paulo, o que dinamizou a organização do movimento nas diversas regiões do país.

O MIRE, segundo Frei Betto em entrevista⁵⁸ para alguns membros da Coordenação, seria a concretização de um sonho antigo seu e do nicaraguense Ernesto Cardenal, na qual a idéia original era a de fazer um movimento latino americano de cristãos, simultaneamente comprometidos com o projeto revolucionário e com a vida espiritual. O MIRE não faria apologia de religião alguma ou de partido algum, seria um movimento ecumênico de cristãos que tivessem uma opção revolucionária. Essa era, precisamente, a idéia original. Nesta “bandeira” ecumênica e revolucionária do movimento alguns outros elementos foram incorporados.

3.3 Um movimento inicialmente para jovens cristãos

Num primeiro momento pensou-se num movimento para jovens cristãos que tivessem uma atuação política e que na Igreja não encontrariam espaço para refletir sobre essa sua prática

⁵⁶ Frei Betto acompanha desde 1979 pequenos grupos de oração, sendo dois em SP, outros dois no RJ e um em BH.

⁵⁷ No texto: “Respostas sobre o MIRE para a revista Família Cristã”. Mimeo, 10p.

⁵⁸ Entrevista concedida a uma publicação do MIRE: *Cadernos de Mística e Revolução*, nº 01, SP, jan. 2003. p. 06-20

militante⁵⁹. Mais precisamente (numa direta crítica aos atuais movimentos de jovens presentes na Igreja e na constatação - segundo ele - de que existe um “vazio” no trabalho pastoral com jovens após o desmantelamento da JUC) explica Frei Betto⁶⁰ quais as pretensões do MIRE:

O movimento quer preencher o vazio deixado na juventude brasileira após o desaparecimento da JEC e da JUC, escolas cristãs que formaram muitas lideranças, entre as quais o Betinho e o Henfil. Hoje existem movimentos de jovens cristãos, mas em geral inspirados em matrizes européias, pouco afinados com a nossa realidade brasileira e Latino-americana.

Hoje, o que podemos perceber, após meses de acompanhamento do MIRE, é que este atraiu outros jovens, nem apenas católicos e nem apenas cristãos: Em primeiro lugar, nem só com cristãos conta o movimento pois, embora a maioria dos jovens do grupo se declarem católicos e exista também a presença de alguns membros (embora poucos) de Igrejas protestantes, consta no grupo membros que se declaram adeptos de religiões denominadas Afro-brasileiras (Umbanda mais precisamente). Registra-se, também, que no grupo vários jovens se dizem “católicos só de nascimento”. E, em segundo lugar, no Retiro Nacional do movimento (em Machado/MG) pude encontrar jovens que se diziam, inclusive, “sem religião”. O que não significaria que estes não teriam nenhum tipo de crença numa Entidade ou Força Superior.

Embora os jovens do MIRE declarem o movimento como *ecumênico*, este tem em seus quadros uma maioria católica com intensas experiências de liderança ou participação em pastorais da Igreja. Contudo, isto não nos deve surpreender, pois são em espaços católicos (na maioria das vezes) onde são divulgados os ideais do MIRE⁶¹. Todavia, isto deve ficar bem claro, esta predominância de católicos não tira a marca ecumênica do movimento, posto que os jovens de outras crenças participam em condições de igualdade nas diversas atividades do MIRE.

⁵⁹ O Pe. Jorge Boran (Paulinas: 1994), um importante assessor da PJ, reconheceu – num balanço que fez da Pastoral da Juventude em 1992 - que a pastoral perdeu importantes lideranças que, ao despertarem para a militância política, não encontraram mais espaço para refletir sobre sua prática no interior da Igreja. Segundo este assessor, não haveria na Igreja uma metodologia para lidar com estes cristãos que já estavam num nível mais avançado de militância, ou seja, a Igreja preparava os jovens para serem militantes, mas depois não sabia o que fazer com eles...

⁶⁰ Entrevista concedida a uma publicação do MIRE: *Cadernos de Mística e Revolução*, nº 01, SP, jan. 2003. p. 06-20

⁶¹ Geralmente, o movimento é divulgado pelos próprios jovens participantes ou não da Igreja, divulga-se também em eventos de educação e formação de lideranças populares (Curso de Verão/SP, Curso do Rio/RJ, Encontros Intereclesiais de Base e etc. Todos esses são eventos organizados por lideranças da chamada Igreja Popular), divulgou-se no Fórum Social Mundial e nos encontros do Fé & Política.

Ressalte-se também (e isto deve ficar bem claro!) que, esta maioria católica não privilegia nas celebrações do MIRE seus símbolos e rituais específicos. Por exemplo, nos momentos de *celebração* em que participei (seja nos eventos no Rio, em Caxias ou em Machado) o que, na verdade, se praticou foi um profundo momento de silêncio para *meditação* através de “técnicas de relaxamento” e “de controle e concentração na própria respiração”. E estes, de fato, tais momentos meditativos são muito valorizados – diríamos que são o “ponto alto” - tanto das reuniões dos grupos quanto nos eventos locais e nacionais do MIRE⁶².

Cabe ressaltar que nestes momentos, não apenas os elementos católicos, mas nenhum símbolo específico, particular desta ou daquela crença é destacado, apenas a Bíblia “pode ser vista” (essas aspas querem indicar que são raras as vezes que isto acontece...) na mão de alguns jovens e mesmo quando estes momentos são realizados dentro de uma *capela católica* (como foi o caso um vez em Caxias e outra na Gávea... já em Machado, realizou-se a meditação numa capela ecumênica), nenhuma referência a este espaço católico por excelência foi feita, bem como aos símbolos ali dispostos. Detalhe: Isto aconteceu logo no primeiro encontro que participei com jovens dos quatro núcleos do Rio e, confesso, que pela minha formação católica e conhecedor de todos aqueles gestos e rituais “necessários” no interior de uma Igreja, aquela pouca “consideração” (foi assim que à época adjectivei...) dentro de uma Igreja dos jovens que se diziam católicos me incomodou bastante, ao ponto de pensar: “*Não é possível, esses caras não são católicos! Pelo menos um sinal da cruz podiam fazer...*” Em resumo, embora soubesse que o grupo tinha uma postura ecumênica, onde os elementos e os rituais católicos não teriam tanta proeminência, não esperava tanto... E foi assim, com esse “desconforto” que percebi que o grupo era menos *católico* que eu imaginava.

3.4 Onde e quando começa a Revolução

“MIRE”, Mística e Revolução! Relembro que tal nome, a primeira vez que o ouvi, impressionou-me... E não apenas a mim, como a diversas pessoas com as quais conversei sobre o movimento, pois inúmeras vezes (ao ouvirem o nome e a explicação dele) notava um certo ar de

⁶² Mais adiante nos deteremos mais apuradamente sobre esta questão da meditação.

simpatia para com o nome do movimento. Contudo, pude perceber que nas entrevistas e textos sobre a filosofia e proposta do MIRE, o próprio Frei Betto apressa-se em “esclarecer” o que se pretende com termo “revolução” (Notadamente a idéia *revolucionária* apregoada pelo movimento sofre uma atenuação nos documentos e falas do Frei Betto e das lideranças). Hoje, após conhecer o grupo “por dentro”, considero que toda a força e a carga semântica dos termos – sobretudo no que tange a *revolução* - que nomeiam o movimento parece repousar apenas no nome. Noutras palavras, nos parece claro que o termo *revolução* tem uma força bem mais modesta que o nome do grupo parece sugerir.

Embora Frei Betto afirme que acreditasse que o Brasil precisaria, assim como toda a América Latina, passar por uma Revolução de horizonte socialista, hoje o idealizador e mentor espiritual do movimento já relativiza tal idéia:

Não existe mais uma proposta revolucionária. A conjuntura, nos permite certos trabalhos políticos por vias legais ou vias lícitas. O que eu não vejo na conjuntura brasileira e latino-americana é a possibilidade de viabilizar uma proposta revolucionária na área da luta armada, o enfrentamento com o poder do Estado etc. Pode ser que um dia as condições seja favoráveis para isso,mas, neste momento, seria um suicídio a médio prazo.⁶³

Embora esteja atenuada esta idéia de *revolução*, tal horizonte - pelo menos em discurso - não parece ter desaparecido por completo. Segundo ele, o MIRE continua trabalhando nesse sentido:

A revolução armada necessita de condições objetivas e subjetivas. Elas não nascem da minha vontade ou da sua, mas de um processo. O MIRE cria as condições subjetivas. A tentativa que a gente tem é, ao criá-las, queremos também criar a objetiva. Todavia, a objetiva é independente das nossas vontades (...). O MIRE preparará a condição subjetiva, porque ninguém sabe quando virá a objetiva.⁶⁴

Antes de passarmos à idéia seguinte, um adendo: Na entrevista concedida aos jovens da Coordenação Nacional (com a qual estamos aqui trabalhando) em que o frade dominicano expõe longamente seu pensamento sobre o MIRE, há uma introdução “reveladora”, vejamos: “Frei Betto, ao nos receber, conversou sobre vários assuntos que julgamos importantes para

⁶³ Betto, op.cit.

⁶⁴ Na verdade é preciso atentar que esta entrevista foi concedida em meados de 2002, antes das eleições que deram a vitória ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do qual Frei Betto é assessor próximo.

solidificarmos nossa identidade de contemplativos militantes e agora temos a alegria de partilhar este diálogo”.⁶⁵ Podemos reparar que a identidade do grupo é antes *contemplativa* e depois *militante* (leia de novo o trecho acima se lhe passou despercebido!). É claro que pode ser apenas uma disposição aleatória dos termos... Mas a interpretação que defendemos parece estar mais em sintonia com o que temos percebido nesta convivência com os jovens do MIRE. Os jovens “mirantes” são (em sua maioria) indivíduos que possuem uma “fé” e que é a partir desta que eles vão tomando “consciência” para a militância. Ou seja, é uma *identidade religiosa primeira* que motiva para a luta! Lembro que, certa vez, um jovem, que também é membro da Pastoral Universitária, numa das reuniões do núcleo da PUC chamava a atenção para a *identidade* do movimento:

Galera, não podemos esquecer do nome do grupo: MI-RE! Reparem, a “mística” vem primeiro, depois vem a “revolução”. Os debates, as reflexões sobre o “social” a gente já faz nos sindicatos, nos partidos, no movimento estudantil. O que difere o MIRE dos outros é a preocupação com a Mística! A gente não pode esquecer isto! (Felipe, 26 anos, Estagiário de Direito, morador do Flamengo)

Ao que nos parece, assim como observou Leite (2003, p. 74) em seu excelente artigo sobre o envolvimento de cristãos no Movimento Popular de Favelas, o MIRE seria a oportunidade desses jovens renovar sua crença na possibilidade de se conciliar “Fé e Vida”, como uma ênfase maior na dimensão *mística* desse compromisso com um tipo de transformação social. Em resumo, seria uma maneira de manter viva essa subjetividade que os impulsiona à militância.

Se a categoria *revolução* precisa ser melhor trabalhada, no sentido de perceber a distância (se é que ela existe...) entre a proposta e o que foi assimilado pelos membros, o mesmo se deve dizer da categoria *mística* e o que se entende por ela. Antes, vamos apresentar a idéia tal qual é defendida na fala do Frei Betto e nos documentos do movimento.

3.5 Os Místicos e a meditação como ponto de contato

Antes de tudo é preciso destacar que o ideal proposto pelo movimento tem muito a ver com a experiência pessoal do próprio Frei Betto. E tal experiência pessoal (contada e recontada

⁶⁵ Entrevista: *Cadernos de Mística e Revolução*, nº 01, SP, jan. 2003, p. 6.

em diversos textos do movimento) deste frade, associado ao fato deste ser um dos escritores mais prolíficos da atualidade com livros⁶⁶ e artigos em diversos jornais do Brasil e do exterior, lhe confere o status de autoridade quando o assunto é espiritualidade.

Segundo o texto *Filosofia do Movimento*⁶⁷ (s/d., p. 09), ninguém alcança a sabedoria mística (que podemos depreender como o perfeito equilíbrio entre uma prática meditativa e militância política) sozinho, pois “é fundamental a orientação espiritual de um mestre, que por sua vez, seguiu a orientação de outros mestres”. Em primeiro lugar, afirma texto acima citado, a orientação espiritual pode ser seguida através da *palavra escrita* contida em diversos textos e livros sugeridos que vão desde a Bíblia (principalmente o Novo Testamento), passando por textos de Santa Tereza de Ávila, São João da Cruz, São Francisco de Assis - e mais contemporaneamente - Dom Hélder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Leonardo e Clodovis Boff dentre outros e, claro, livros e textos do próprio Frei Betto.

E, em segundo lugar, a orientação espiritual se dá a partir do contato com a *palavra vivida*, ou seja, através do contato com aqueles que já estão “mais adiantados”. E, enfaticamente e sem meias palavras, Frei Betto é apontado como o “assessor primeiro e fundamental do movimento”. Segundo, ainda o mesmo texto sobre a filosofia do movimento (s/d., p.52), “o contato com Frei Betto durante os retiros do MIRE é a oportunidade de fazer contato com quem vive essa espiritualidade há muito tempo, conhecendo bem o caminho”.

É claro que existem também outros assessores “importantes” para o movimento⁶⁸. Contudo, Frei Betto é, de fato, a referência fundamental para o MIRE. Existe também a preocupação em preparar novos assessores dentro do próprio movimento e estes “são jovens que vivenciam a espiritualidade do MIRE desde o início, alguns são discípulos diretos de Frei Betto”

⁶⁶ A título de exemplo: no último encontro nacional do MIRE em Machado (MG), havia um espaço com diversos livros do frei Betto para serem adquiridos. Eram dezenas de livros que rapidamente, os principais títulos, foram adquiridos durante o encontro pelos jovens (inclusive eu...). Caso houvesse dúvidas na hora de adquirir algum título, havia o encarte “livros do Frei Betto” com destaque para umas três dezenas de obras do autor que poderiam ser adquiridas “diretamente do autor a preços reduzidos sem os custos de distribuição”.

⁶⁷ Cf. *Cadernos de Mística e Revolução*, nº 01, SP, jan. 2003. p. 51.

⁶⁸ Membros da Coordenação Nacional tem uma lista de contato de assessores, ou seja, pessoas que já contribuem ou se propuseram a contribuir na formação teórica do movimento. Figuram nesta lista (com nome completo, emails, telefones e endereços), dentre outros, nome como Adélia Prado, Alfredo Bosi, Chico Whiltaker, D. Pedro Casaldáliga, Fábio Conder Comparato, Plínio de Arruda Sampaio e Reverenda Coen da Comunidade Zen Budista de São Paulo.

(FILOSOFIA DO MOVIMENTO, s/d., p.52). Em suma, e este último trecho não nos deixa vacilar, o frade dominicano é considerado o *Mestre Espiritual* do movimento.

De fato, aqui percebemos um demarcador de uma importante diferença do MIRE frente à outras pastorais e movimentos da Igreja. Nestes últimos, o elo de ligação entre os membros repousa na Instituição mesmo. No MIRE não seria este o caso. Queremos aqui sugerir que é a figura do Frei Betto que nos parece desempenhar essa função de “elo” e de ponto de referência em torno do qual se unem os jovens.

A mística do movimento é inspirada na própria figura do dominicano, pois - conforme já apontamos - ele tem a “autoridade” de quem tem o conhecimento (vide sua vasta bibliografia) e de quem vivenciou e “experenciou” essa mística. Noutras palavras, Frei Betto funciona como um “guru”, um “líder espiritual” do movimento em torno do qual seus seguidores (os jovens) se sentem ligados⁶⁹.

No Retiro Nacional, em Machado, a presença de Frei Betto foi marcada por momentos significativos e, ao mesmo tempo, discretos. Foi dele a acolhida de todos os jovens participantes daquele evento; Na abertura dos trabalho do sábado pela manhã sua “palestra” sobre a importância de se cultivar uma vida de oração e de meditação diária foi objeto de reverencioso silêncio e atenção dos quase cem jovens presentes! E a mesma atitude dos participantes se deu na “celebração” final do encontro. Cabe ressaltar que sua presença, embora constante durante todo o encontro, era marcada por momentos específicos e significativos reservados a ele, pois a condução mesma do encontro ficou a cargo dos jovens de São Paulo, ou seja, daqueles seus “discípulos” mais próximos.

Pois bem, no que tange a proposta mística do MIRE, vejamos como a experiência pessoal do frade passa a ser colocada como um *ideal* para o grupo. Segundo Frei Betto, suas práticas de oração e devoção ganharam um novo contorno quando este tomou contato com a obra de alguns santos da Igreja, mais precisamente S. João da Cruz e S. Tereza D’Ávila, a quem ele chama de *místicos*. Segundo explica⁷⁰, ao conhecer os ensinamentos destes “místicos” - através de leituras indicadas por seu “orientador espiritual” na Congregação religiosa da qual faz parte -, ele descobriu a chamada *oração contemplativa*, que consiste basicamente num exercício de oração

⁶⁹ Para Campbell, “A mística se distingue da Igreja na medida em que seus seguidores se sentem ligados não a uma instituição, mas a um líder espiritual, ou guru...” (apud STEIL 2003, p. 148).

⁷⁰ Na longa entrevista já citada em *Cadernos de Mística e Revolução*, nº 01, SP, jan. 2003. p. 09.

onde o fiel procura não expressar pedido algum ou agradecimento, pois ele apenas deve se por em silêncio e em “contemplação”.

Um pouco mais além, na mesma entrevista, este religioso explica também que “com toda essa onda de influência Oriental, sobretudo indiana na espiritualidade do Ocidente, fui descobrindo a meditação com um método muito eficaz de oração”⁷¹. Na qual, em resumo, a idéia consiste em colocar-se numa posição confortável e assim permanecer durante alguns minutos “tomando consciência do próprio corpo”, “concentrando-se na respiração” ou mesmo pensando e/ou repetindo lentamente um “mantra”, ou seja, uma palavra ou frase que pode ser bíblica ou não⁷². A experiência do frade na prisão durante a ditadura militar, segundo explica, contribuiu para que ele desenvolvesse esta disciplina de meditação, com a qual ele “poderia” ficar horas em meditação sem se preocupar com o tempo.

Esta prática de meditação defendida por Frei Betto tem sua origem em tradições bem diversas daquelas que gestaram o cristianismo. Em *Mística e Espiritualidade* (ROCCO, 1999, p. 123-141), Frei Betto expõe sua simpatia e aproximação de tradições hinduístas e Zen-Budistas e as defendem como possíveis de fornecer contribuições inestimáveis ao próprio aperfeiçoamento espiritual do Ocidente. Ora, não foi sem razão que Camurça (1998, p. 104-105) levantou a seguinte observação:

Encontramos, nas combinações propostas por Boff e Betto (...) uma liberdade de experimentações que se assemelham ao ‘aproveitamento livre do que há de bom nas religiões’ realizado na Nova Era. Boff defende, à moda new age, a desabsolutização da verdade revelada em cada religião, quando diz que devemos considerar os diferentes caminhos espirituais não como opostos, mas como complementares.

Ademais e categoricamente, ao se referirem às tradições orientais, os teólogos Boff e Betto, buscam “superar uma visão exteriorista e apenas historicista para despertar a dimensão zen de cada um’ e alcançar ‘uma mística do zen dentro do espaço ocidental cristão’” (apud CAMURÇA, 1998, p. 105).

Na verdade, a meditação é proposta como uma “oração em silêncio” e seria, portanto, uma maneira mais direta de fazer contato com Deus que estaria no interior do próprio indivíduo.

⁷¹ Idem.

⁷² Na verdade isso é uma adaptação ao cristianismo, pois a prática de se repetir um *mantra* é muito mais antiga que o próprio cristianismo. Para os hinduístas ou budistas o *mantra* é uma frase sagrada ou sílaba dotada de um poder espiritual a ser repetida constantemente em momentos de meditação.

No texto *Filosofia do Movimento* é assim expressa a idéia sobre o que vem a ser a meditação: “O fundamental na experiência de meditação é que ela é uma experiência de entrega, de se deixar conduzir no silêncio do corpo e no silêncio do ego”. E uma analogia interessante é feita: O exercício de entrega que é feito, ao meditar, é equivalente aquele de se “entregar” quando o indivíduo se coloca a serviço do outro na militância.

No intuito de esclarecer cada vez mais sobre o que vem a ser a *meditação*, o movimento tem se dedicado a, periodicamente, orientar os jovens no entendimento dessa prática:

Para que todos os participantes do MIRE iniciem, aprofundem e perseverem com qualidade em seu compromisso com a meditação cotidiana, o Movimento vem realizando desde agosto de 2001 Oficinas de Meditação⁷³. Estas se propõe apresentar conhecimentos sobre diversas correntes espirituais meditativas, e suas técnicas de meditação e respiração que levem à concentração e à experiência mística⁷⁴

Enfim, a meditação poderia ser, no entendimento do frade, uma experiência que poderia “ajudar as pessoas a manterem uma espiritualidade mais consistente e mais aprofundada”. Esta prática de meditação, pelo menos nos eventos do MIRE, tem sido uma constante, pois em todos os eventos e reuniões os jovens são convidados a ficar de uns 15 a 30 minutos em meditação. Embora, o movimento aconselhe os jovens a dedicarem alguns minutos diários a esta prática, tal conselho não tem sido seguido pela maioria dos membros. A título de exemplo, num evento em que contou com a presença de inúmeros “mirantes”, perguntei quantos mantinham a prática da meditação diária e apenas dois jovens disseram praticar a meditação diária. Posto que a maioria alegara “falta de tempo devido as correrias do dia-a-dia”, provoqueei: “Poxa, mas são só alguns poucos minutos...” A partir daí, os argumentos se dividiram entre falta de tempo, dificuldade de concentração, cansaço, preocupações e etc. Ora, eu mesmo ao longo de minha participação mais intensa no movimento, tentei meditar por alguns minutos diariamente. Acho que consegui fazê-lo por uma semana... Confesso que senti um certo *bem estar*, uma *leveza* talvez, agradável... (difícil de traduzir em palavras...) ao final desses momentos, mas assim como os demais jovens não consegui manter a prática. Portanto, simplificando, se o frade dispunha de uma total

⁷³ Foram realizadas oficinas dessa natureza em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Machado (MG) e Icapuí (CE).

⁷⁴ Cf. Respostas sobre o MIRE para matéria da revista Família Cristã, mimeo, p.05.

“despreocupação com o tempo”, difícil tem sido para os jovens desenvolver este hábito na sua rotina, em geral, atribulada com os afazeres e compromissos.

Podemos dizer, e já o fizemos, que a meditação (apesar de poucos jovens a praticarem individualmente...) é proposta como uma “forma” de oração. Esta última, como tradicionalmente os cristãos a concebem e entendem, é como uma “conversa com Deus” através da qual se pede ou agradece por algo ao Criador e isto as famílias cristãs ensinam nas primeiras lições ainda na infância. E não seria exagero dizer que, na verdade, segundo podemos perceber ao longo de nossas observações, ela (a meditação) assumiu o status de *substituto* da própria oração.

A meditação é proposta (na cartilha do MIRE e na fala dos principais dirigentes) como uma possibilidade do indivíduo “encontrar-se consigo mesmo” e ao realizar este encontro, encontra-se a própria Divindade que habita em cada pessoa. Em última instância, nestes momentos, o principal, dizem, é o próprio ato de aquietar-se e silenciar-se. Tal prática se levado a sério, consta na cartilha do MIRE (CADERNOS DE MÍSTICA E MILITÂNCIA, 2003, p. 56-70), “traz benefícios para o corpo e a mente”. Portanto, insistem, “é melhor meditar pouco do que não meditar. É melhor comer pouco, do que não comer nada”.

E, se observarmos bem, a prática de meditação do MIRE, defendido por Frei Betto e seus colaboradores mais próximos, “está na moda” (CADERNOS DE MÍSTICA E MILITÂNCIA, 2003, 2003, p. 59) e esta, portanto, não tem sido uma exclusividade das Igrejas ou dos movimentos místicos pois, atualmente, tal prática é seguida por milhões de pessoas em todo o mundo. Por exemplo, na revista *Superinteressante*, diz: “...a meditação conquista cada vez mais adeptos no Ocidente. Dez milhões de americanos meditam regularmente em casas e hospitais, escolas, empresas, aeroportos e até em quiosques da Internet.”⁷⁵

Aqui podemos relembrar um pouco do caráter ecumênico do grupo: Se, como entendemos, para um encontro *ecumênico* pressupõe-se a filiação de seus membros a diferentes crenças e igrejas, tal pertencimento a qualquer tipo credo não é sequer citado nos encontros e eventos do MIRE. Nenhuma referência às igrejas ou à outras crenças foi ouvida nesses meses em que estivemos com e no movimento. Apenas ouvimos umas poucas referências individuais de alguns membros... Os pertencimentos não são referidos ou sequer citados! Inclusive, seria interessante destacar, a referência que me foi feita sobre pertencimentos à igrejas se deu bem

⁷⁵ Cf. matéria de capa da revista *Superinteressante*. Edição 193 (outubro 2003), Ed. Abril. P. 62.

noutra direção: “*Paulo, sou adepto do lema ‘quanto mais nos afastamos das igrejas, tanto mais nos aproximamos de Deus’*” (Vinícius, 16 anos, aluno do 2º grau).

Portanto, eis o ponto - dentre outros - que considero fundamental: o caráter ecumênico do MIRE não passa, necessariamente, no diálogo dos diferentes elementos religiosos que trazem seus membros pois, na verdade, o “encontro” se expressa, efetivamente, na *prática meditativa* que é acessível e praticável por todos os jovens do MIRE. A meditação converte-se, então, num *tipo* de oração sem emblemas, sem roupagens e, porque não, uma “oração sem religião”, desinstitucionalizada, livre de amarras e liturgias, com a qual até os que se dizem *sem-religião* podem “orar”.

3.6 Os números do MIRE

Quanto aos números de jovens, pode-se afirmar que o MIRE é um movimento em expansão, segundo declarou Frei Betto no Retiro Nacional⁷⁶ (ocorrido em Machado/MG, novembro de 2003), e conclamou os jovens a expandirem ainda mais o movimento. Um dos membros da Secretaria Nacional, numa conversa informal que tivemos durante o encontro em Machado, informou que o número de cadastrados ultrapassava e muito a marca dos 1.000 jovens⁷⁷, contudo, atualmente apenas cerca de 300 membros tem atuado nos “35 núcleos consolidados em diversos estados do Brasil”⁷⁸, segundo outra representante da Secretaria Nacional em e-mail.

Em resposta enviada à revista Família Cristã, assim a Coordenação Nacional do MIRE expressa seus números:

Desde o início do Movimento, em dezembro de 2000, fizeram contato com o MIRE cerca de dois mil jovens em todo Brasil e também em outros países da América Latina. Existem hoje 35 núcleos articulados em dez estados diferentes do país, sendo que cada núcleo congrega cerca de dez jovens... (s/d. p.06)

⁷⁶ Neste retiro participaram 94 jovens de diversos lugares do Brasil. Ou seja, quase 30% dos jovens atuantes segundo dados da secretaria.

⁷⁸ Segundo dados repassados pela secretaria, além dos núcleos do Brasil, a secretaria “tem informação de pessoas que estão se articulando em alguns países da América latina e Europa, precisamente, na Alemanha, em Frankfurt.

Atualmente outros jovens têm entrado em contato com a Secretaria Nacional do movimento em SP e se cadastrando. Apenas do Estado do RJ há uma lista de 20 jovens com nome, endereço, e-mail e telefone a espera de contatos a fim de participarem de algum núcleo. Existe também uma outra lista de jovens de fora do Brasil interessados em participar do MIRE e estão assim distribuídos: 12 jovens de países da América Latina, 5 jovens da Europa, 1 da Ásia e mais 3 jovens que na listagem não indicam a nacionalidade⁷⁹.

Segundo uma planilha que me foi enviada pela Secretaria Nacional, os núcleos *consolidados*⁸⁰ podem assim ser distribuídos: A cidade de São Paulo concentra o maior número de núcleos, são 12 ao total; no interior de SP existem 05 outros núcleos; em MG constam 02 núcleos (contudo, existem mais 12 contatos de jovens em diferentes cidades a espera da formação de novos núcleos em suas cidades); no Nordeste existem 06 núcleos em 04 estados diferentes; no Sul do Brasil aponta-se a existência de 03 núcleos; no Centro-Oeste existem 02 núcleos e, por fim, os dados da Secretaria Nacional apontam no RJ a existência de 04 núcleos consolidados. Contudo, veremos no capítulo cinco que alguns núcleos cariocas não estão tão “consolidados” assim... Portanto, feito este registro, os dados acima devem servir, pelo menos, como registro de onde existiu ou existiram núcleos do MIRE pelo Brasil afora.

Em geral, além dos convites que os próprios jovens fazem a outros, os interessados entram em contato com a secretaria nacional e se cadastram e, a partir daí, a Secretaria Nacional procura aproximar os jovens de uma mesma região e assim tenta-se formar um núcleo. Outras formas tem sido pensadas para se expandir o MIRE: Por exemplo, as vezes um grupo de membros mais antigos do movimento fazem uma exposição em escolas e/ou universidades na tentativa de atrair outros jovens. Alguns membros do RJ (mais precisamente na Baixada Fluminense), por exemplo, se aproximaram do MIRE dessa maneira. E, sobre a expansão do MIRE, enfaticamente, defendeu Betto em outra entrevista: “Queremos um movimento de massa. Por isso panfletamos a proposta do MIRE em escolas e Universidades. Se acreditamos que uma coisa é boa, queremos que o máximo de pessoas possa participar dela.”⁸¹

⁷⁹ A Secretaria do movimento me enviou, por e-mail, uma listagem desses dados com o nome completo, endereço, telefone e e-mail de vários jovens de outros países.

⁸⁰ Veremos mais adiante que isto deve ser problematizado, pois o RJ é apontado como tendo 04 núcleos ativos, mas, na realidade, apenas um núcleo tem funcionado efetivamente...

⁸¹ Entrevista disponível em: <http://www.pt-sp.org.br/linhadireta.524.htm>

Embora não seja nosso objetivo discorrer sobre este movimento como este fosse um todo homogêneo. Seria interessante registrar, sem grandes pretensões, o perfil geral do MIRE (embora não haja, ainda, uma estatística propriamente dita) segundo informações repassadas pela secretaria nacional. Para começar, as formas de associação dos núcleos são variadas:

Alguns núcleos são de pessoas da Pastoral da Juventude ou de grupo de jovens de paróquias ou comunidades, outros de pessoas envolvidas com partidos políticos. Há ainda os núcleos formados de universitários e aqueles do movimento estudantil como é o caso do núcleo de Brasília.⁸²

Quanto ao grau de escolaridade da juventude que compõe o movimento, a maioria está cursando ou terminando o ensino médio e muitos estão prestando concursos para entrar na universidade. Existe também um número considerável de universitários e uns poucos com mestrado. Uma jovem respondendo pela Secretaria Nacional, aponta que:

um dado importante é que o MIRE iniciou com pessoas de nível universitário. Talvez, a idéia original era de que o movimento se expandisse dentro deste espaço, porém nota-se hoje que o movimento tem um caráter mais ‘popular’, o que na minha opinião é muito bom!⁸³

3.7 A estrutura do MIRE

O MIRE, como um movimento organizado, está estruturado da seguinte maneira: existe uma Secretaria Nacional localizada na Vila Beatriz, na Zona Oeste de SP, em espaço emprestado por apoiadores do movimento. Esta conta com dois membros do movimento que trabalham como *funcionários*, ou seja, têm um salário e gozam de toda a assistência trabalhista legal. Estes trabalham pelo movimento e desempenham a tarefa de integrar e ajudar a organizar os núcleos, mantendo-os informados, auxiliam na articulação dos eventos nacionais, regionais e etc. As despesas com esta secretaria e toda a infra-estrutura (salários dos funcionários, custos de manutenção em geral, auxílio a coordenadores para os eventos fora de seus estados de origem e etc) são custeadas com recursos captados junto a instituições que apóiam projetos diversos e para

⁸² Informações passadas, via e-mail, por Sandra pela Secretaria Nacional do MIRE

isso foi criada a ANFJ (Associação Nacional de Formação Juvenil), uma entidade jurídica que encaminha projetos de visem arrecadar apoio financeiro para as diversas atividades do MIRE⁸⁴. Segundo o jovem André, também da secretaria nacional,

as decisões e demandas em que trabalha a ANFJ estão sujeitas a aprovação da Coordenação Nacional e fazem parte desta entidade membros dessa atual coordenação, membros da secretaria nacional e de alguns núcleos. Contudo, infelizmente, todos são de SP, pois existiria dificuldades financeiras para participantes de outras regiões estarem presentes.⁸⁵

Com relação à Coordenação Nacional, esta é formada por um ou dois representantes de cada região, mais o mesmo número de suplentes. As eleições⁸⁶ são feitas nas próprias regiões pelo voto direto. Esta coordenação é composta por onze participantes de núcleos do MIRE, refletindo a presença do movimento nas regiões do Brasil. Portanto, são quatro integrantes de núcleos do MIRE da Região Metropolitana de São Paulo, dois integrantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, um integrante da Região Metropolitana de Belo Horizonte, dois integrantes de núcleos do interior do Estado de São Paulo e dois integrantes de núcleos no Nordeste do Brasil.

Os membros desta instância se reúnem periodicamente para refletir sobre a caminhada do movimento e deliberar sobre os eventos nacionais do MIRE, bem como levar as sugestões das coordenações regionais. Esta Coordenação Nacional organiza anualmente o Retiro Nacional do MIRE onde os núcleos do movimento são convocados a se fazerem presentes. Estes eventos tem sido organizados em diferentes estados, de modo a atender às diversas regiões.

Existem também as Coordenações Regionais e estas, juntamente com a Coordenação Nacional, têm como principais atividades organizar os Retiros Nacionais e os Internúcleos Regionais, cujos objetivos principais são aproximar e integrar os membros dos núcleos de uma mesma região.

⁸³ No mesmo e-mail acima citado.

⁸⁴ Num dos últimos projetos enviados a uma instituição internacional o MIRE conseguiu doações que fizeram entrar na conta da ANFJ R\$ 42 mil reais. Na verdade, 60% de todo valor utilizado pelo MIRE proveio de ajuda externa. Os núcleos contribuíram com R\$ 250,00 ao longo de todo o ano. Há uma tentativa de incentivar uma maior contribuição dos núcleos pois, a idéia é tornar o MIRE num movimento auto-sustentável.

⁸⁵ Tal informação obtive num outro e-mail onde pedia esclarecimentos sobre a ANFJ.

⁸⁶ Inclusive participei na eleição da atual representação carioca junto à Coordenação Nacional.

Antes de encerrar este capítulo algumas idéias precisam ser expostas sobre essa “estrutura organizacional” do movimento. Recordo que as primeiras descrições sobre o movimento a partir de contatos, à época, ainda superficiais sugeririam uma “inorganicidade ao extremo”, conforme perspicazmente observou a professora Márcia Leite em suas considerações durante o exame de qualificação. O olhar se aprofundou e, pelo exposto acima, podemos perceber não é bem assim...

Ora, é bem verdade também que, conforme salientou Mariz (2003, p.169), inúmeros discursos sobre religiosidade contemporânea têm dado mais ênfase à própria experiência do sujeito do que à instituição ou à organização religiosa. Esta autora aponta que, tanto entre fiéis quanto entre cientistas sociais, há uma subestimação do papel da organização religiosas.

E com reconhecida “afiliação” e competência na interpretação de Weber, Cecília Mariz contra-argumenta afirmando que

mesmo que a religiosidade contemporânea pareça ser para o fiel algo cada vez mais emocional, experimental e espontâneo, o analista não pode negligenciar o fato de que graças a estruturas organizativas específicas, experiências desse tipo podem se manter e se expandir na vida social (MARIZ, 2003, p.170).

Portanto, mesmo que a realidade dos vários núcleos (lembro que me refiro aos núcleos que conheci aqui no Rio...) sugiram uma certa “inorganicidade” e desarticulação, não há como negar que todo este aparelhamento é o que permite ao MIRE existir enquanto movimento articulado coordenadamente em vários estados brasileiros.

Enfim, após esta apresentação geral das propostas e ideais do movimento, nos deteremos, no capítulo seguinte, a apresentar alguns jovens do MIRE. E serão eles que nos ajudarão a entender melhor este interessante movimento e alguns dos motivos pelos quais os jovens chegam a ele. É claro que estes “mirantes” (lembra? É assim que se referem entre si) não serão incorporados aqui como “sínteses” ou “tipos ideais” dos outros jovens do MIRE. Na verdade, a utilização de suas trajetórias carregadas de características específicas e diversas entre si, nos permitirão perceber (assim espero...) o MIRE como um ponto de contato e de convergência de diferentes espiritualidades e místicas, unidos em torno de uma mesma utopia. Apresentaremos os jovens Felipe, Edson, Jonas e Paloma (Lembro que estes são jovens reais, de carne e osso, com seus sonhos e utopias e a única coisa fictícia aqui são seus nomes...). Espero que eles nos ajudem a entender melhor o que “miram” esses jovens.

4 O MIRE A PARTIR DE QUATRO PERSPECTIVAS

Neste capítulo quarto apresentaremos e analisaremos a trajetória individual de quatro jovens membros do movimento MIRE cuja participação se dá no núcleo São João Batista. A lógica que orientou a escolha destes jovens para nossas entrevistas repousa no fato de que estes, embora façam parte de um mesmo movimento, possuem afiliações, trajetórias e, conseqüentemente, perspectivas religiosas diferentes. Enfim, perceber como essas *diferenças* se articulam no MIRE será, neste capítulo, nossa meta principal e, a partir disto, tentar compreender como este movimento contribui para dotar ou re-significar as práticas religiosas e políticas desses jovens

Para este capítulo entrevistamos quatro jovens do MIRE: Felipe, Edson, Jonas e Paloma. A título de esclarecimento, como é usual num trabalho deste tipo, os nomes foram modificados para que, mantendo a essência do conteúdo, não expuséssemos nossos entrevistados. Todas as entrevistas - com exceção daquela feita com Edson - foram realizadas durante um encontro do movimento, denominado *internúcleos*, que tivemos numa casa de retiro na Baixada Fluminense. Após inúmeras tentativas em vão de marcar encontros individuais com estes jovens, foi a única forma encontrada para que eu pudesse fazer tais entrevistas (num local tranqüilo e sem interrupções). Antes disso, nossas agendas praticamente não se ajustavam para este objetivo. Este evento nos tomou um final de semana inteiro. Logo no primeiro dia, após as atividades de um sábado inteiro - num dos quartos isolados da casa - os entrevistei um a um. Já era madrugada alta quando a última entrevista se encerrou.

Contudo, com o Edson foi diferente, com a impossibilidade de entrevistar todos naquele evento, nos encontramos na UERJ após um dia de trabalho e fizemos a entrevista. Todas, sem exceção, foram riquíssimas. Cabe ressaltar que, na verdade, estas entrevistas são complementares às observação que fiz destes e dos outros integrantes do MIRE ao longo de nossa convivência. Convido-os, a partir deste momento, a conhecer melhor esses quatro jovens “mirantes” pois, é partir destes, que pretendemos compreender melhor este movimento

4.1 Felipe: “Intimidade com Deus”

O primeiro de nossos personagens será o jovem Felipe. Este tem 23 anos, solteiro, estudante do curso de Direito e trabalha como estagiário numa empresa estatal. Atualmente, divide uma quitinete no bairro do Flamengo - zona sul do Rio - com um amigo. No entanto, este jovem é oriundo de Cabo Frio - na chamada Região dos Lagos do Estado do Rio - e para a cidade carioca se transferiu após passar no vestibular da UFRJ para o curso de Direito.

Felipe é filho de pais católicos, sendo o pai (já falecido) um “católico de IBGE” segundo a classificação desse nosso entrevistado. Sua mãe, ao contrário do pai, é uma católica praticante, ou seja, “daquelas que freqüentam as missas regularmente e tem participação de grupos em reflexão bíblica”. No entanto, segundo explica, mesmo diante do exemplo da mãe não se sentira, no início da adolescência, muito motivado a participar de qualquer atividade da Igreja.

Todavia, o fato de ter estudado por um longo período em um “colégio de freiras” chamado Colégio Sagrado Coração de Jesus havia deixado marcas em sua formação. Segundo lembra com carinho daqueles tempos, diz: “Eram freiras amáveis e dóceis e o próprio clima do colégio ajudava a ter um contato com o sagrado. Eu me lembro que os cartazes, as imagens de santos e pessoas com versículos da Bíblia... tudo aquilo, de alguma forma, mexia comigo...”. No entanto, tudo se resumia a esporádicas “visitas” com a mãe às missas.

Nosso amigo aponta um fato, ao que nos parece extremamente significativo, que marcou sua relação com a religião católica. Numa ocasião festiva nesse colégio onde estudava houve uma missa que, segundo recorda, fora bastante solene com ênfase e preocupação com os ritos e símbolos católicos. Tudo aquilo lhe chamara bastante a atenção (registro que certa vez, num encontro da PU em que o acompanhei no Mosteiro de São Bento, me revelou que uma missa “quanto mais solene e mais tradicional melhor”), mas o que lhe “tocou” mesmo, ele explica:

A pregação do padre me chamou muito a atenção. Eu fiquei impressionado com a fala dele... Não me lembro bem o que disse... mas eu sei que ele conseguiu unir muito bem a questão da Fé e da Razão. Depois daquele dia passei a freqüentar às missas daquele padre só pra ouvi-lo pregar. Eu ia com minha mãe e ficava até depois da pregação. Quando esta acabava eu ia embora. Fiquei assim durante um bom tempo. A partir dali acho que fiquei sensível mais ao sagrado...

Seu percurso religioso tem a marca de outras experiências. Por exemplo, certa ocasião, como prêmio do curso de Inglês em que freqüentava, fez uma viagem aos EUA com todas as despesas pagas, onde ficou hospedado na casa de uma família evangélica no norte da Flórida e por causa disso passou a freqüentar a igreja evangélica:

Era uma Igreja familiar, sei lá... freqüentava toda a família. Eu fiquei na casa do filho de um pastor que era fundador da Igreja. Sabe aquela ‘coisa de filme’? O coral da Igreja, com aquelas vozes fortes, as orações, a performance, aquele clima meio show... Nossa, eu fiquei entusiasmado. Eu tava na casa deles, então freqüentei um pouco.

Após esse contato evangélico nos EUA, no Brasil também teve contato com o mundo evangélico. Ele explica que certa vez, durante o período em que passou com a tia em Curitiba, conheceu uma Igreja Batista “daquelas bem tradicionais”, enfatiza. E, assim como aquele padre que lhe impressionara com a pregação, lembra dos pastores dessa Igreja:

Eles ‘mandavam’ bem, pregavam muito bem mesmo. Mas mesmo quando eu ia lá, continuava me definindo como católico. As pessoas me questionavam as coisas da Igreja e eu respondia... Acho que pelo fato de ter feito toda a catequese, ter estudado em colégio de freiras...

Nosso jovem amigo destaca que, quanto mais ele participava daquela Igreja da tia, mas ele questionava sua identidade de católico. Afinal, ele não se sentia nem um “batista”, nem um “católico consciente”... E, de alguma forma, aquela experiência com algo totalmente contrário (alteridade) à sua formação religiosa parece ter lhe despertado em busca de uma definição religiosa mais precisa para si mesmo. E assim ele conta:

Eu comecei a querer me aprofundar, comecei a sentir Deus... Sei lá, era como se Deus falasse comigo. Eu via uma Igreja católica e queria logo entrar. E ficava ali admirando, rezando... Se eu via um padre, puxa... como ficava admirado com a figura do padre: ‘nossa, um padre!’. E quando voltei para Cabo Frio passei a freqüentar a missa por conta própria.

E como afirmou, a sua volta à Cabo Frio significou também um retorno à Igreja, agora de uma forma mais ativa. Felipe conta que havia um rapaz, dessa paróquia em que ocasionalmente ia às missas, que já lhe convidava insistentemente a freqüentar as reuniões do Grupo de Oração da Renovação Carismática e que sempre recebera de Felipe respostas evasivas sugerindo, ainda que discretamente, uma negativa ao convite desse rapaz. Nesse período que retornou a freqüentar

as missas re-encontra o (ainda) insistente rapaz e, dessa vez, aceita o renitente convite. Desde então passa a freqüentar o grupo carismático. E assim descreve a significância desse período inicial nas reuniões do Grupo de Oração: “Não aprendi muita coisa nova... mas me abri ainda mais ao sagrado com as práticas do grupo: o louvor, o fechar dos olhos e o rezar em voz alta.”.

Nessa época, nosso jovem, estava se preparando para o vestibular, mas encontrava tempo para participar das coisas da Igreja, ao ponto de sua mãe criticá-lo, pelo receio de que sua participação na Igreja atrapalhasse seus estudos para o vestibular. Deve-se reconhecer hoje que, além de sua participação intensa na Igreja não o tenha impedido de passar no vestibular - posto que prestou tal concurso com sucesso - este período lhe conferiu uma enorme bagagem “teológico-pastoral”, ou seja, o que queremos dizer é que este jovem (desde de nossos primeiros contatos pude perceber isto) discorre com facilidade de temas e assuntos ligados à pastoral, teologia e etc, pois se refere a documentos da Igreja, reflexões de teólogos, reflexões bíblicas... O interessante é que o faz com facilidade e desenvoltura e, sinceramente, em nenhum momento me pareceu, este seu estilo, ser uma mera exibição premeditada ou repetição mecânicas desses elementos...

Enfim, sobre este período inicial de envolvimento, ele reconhece o quanto estava envolvido nas atividades do grupo:

Eu ia à Igreja direto: na quinta-feira, na sexta, no sábado, no domingo e na segunda-feira e em casa sempre tinha que tirar um tempo para um estudo bíblico... (Durante nossa conversa, nesse momento ele faz uma pausa e conclui sobre esse período) É assim mesmo, eu me converti tarde. A pessoa quando acorda para o sagrado tarde, ela tem um sede muito intensa!

Contudo, após passar no vestibular e ter que se mudar para o Rio de Janeiro ele se sentiu um tanto “perdido”, pois não encontrara nenhuma paróquia que lhe agradasse. Felipe mantinha o hábito de freqüentar as missas, mas reconhece que houve, de fato, “um afastamento do sagrado”, isto é, das atividades da igreja. Seu retorno se dará quando, na universidade, conhecerá a Pastoral Universitária e nesta ingressará com o intuito de se “encontrar novamente”. Enfim, o elo de ligação com as atividades pastorais que havia se desprendido quando veio para o Rio parecia, agora, ter se fechado novamente.

Em sua fala, percebe-se que significativa será uma das voltas à sua casa em Cabo Frio quando, convidado pelo Grupo de Oração, participará de um Retiro na Comunidade Canção Nova

em São Paulo⁸⁷, uma comunidade em Cachoeira Paulista que se dedica a promover retiros periódicos com atenção especial sobre jovens. Este retiro parece ter sido significativo para Felipe pois, a partir deste, fez uma opção que, segundo diz, mudaria os rumos de sua vida. Vejamos:

Foi um retiro onde tive a experiência do ‘chamado vocacional’ ao sacerdócio. O Pe. Jonas Abib⁸⁸ pregava uma adesão radical a Cristo, ao controle de si, da entrega. Neste encontro eu me vi chamado à vocação e no retorno ao Rio decidi tomar uma iniciativa de conhecer os caminhos que poderia tomar na vocação sacerdotal.

Ao se recordar desse retiro, nosso amigo Felipe lembra entusiasmado das palestras e reproduz (como é de seu estilo), com desenvoltura, as expressões utilizadas pelos palestrantes e as principais citações bíblicas usadas na ocasião e isto utiliza durante todo o tempo de nossa conversa.

Nosso interlocutor enfatiza que as palestras que o marcaram eram aquelas que apontavam para uma “adesão ao serviço de evangelização”, a uma “entrega ao serviço em prol dos mais necessitados”. Após o retiro decidiu que queria ser um *religioso*, ou seja, um sacerdote de alguma *Congregação Religiosa* pois, só assim poderia ter uma exigência maior de si mesmo. Decidiu que na volta ao Rio procuraria alguma congregação para fazer uma “experiência vocacional”. Cabe ressaltar que será, durante estas incursões em busca de alguma congregação, que ele conhecerá o MIRE.

O primeiro passo, nessa busca pelo que ele chamou “experiência vocacional”, foi entrar em *sítios* da Internet para conhecer algumas congregações. Uma das primeiras sobre as quais procurou informação foi a Ordem dos Dominicanos, impulsionado pela simpatia que nutria pelo Frei Betto do qual conhecia, através de livros e entrevistas, a história e um pouco das idéias. E foi, justamente, durante essa busca pela Ordem dos Dominicanos e por textos de Frei Betto que encontrou um artigo no *Jornal do Brasil* (e depois na revista *Caros Amigos* do referido frade) a respeito do movimento *Mística e Revolução*. Assim ele explica o seu imediato interesse:

Encontrei o texto do Frei Betto sobre o MIRE que dizia ser um ‘campo de discussão para a juventude’. Pôxa, era o que eu tava procurando. Os temas eram ‘nitidamente universitários’: a questão social, política e tal. Achei legal a idéia. Dizia o texto

⁸⁷ Para maiores informações sobre esta comunidade ver Carranza (2000) e uma recente dissertação de mestrado de Eliane Martins Oliveira (2003).

⁸⁸ Aqui ele se refere a um dos principais líderes da RCC no Brasil e o responsável maior pela supracitada Comunidade Canção Nova.

‘...onde você desenvolverá uma espiritualidade integral’. Isso pra mim foi super interessante

Ao ser questionado se o Grupo de Oração não lhe contemplava neste aspecto, ele me explicou que “*no grupo não havia uma discussão muito profunda sobre estas questões sociais*”. A partir daí fui levado a concluir que, provavelmente, o contato com o meio universitário, após a vinda para o Rio, o levou a buscar aprofundamentos que o grupo de oração do qual era filiado não fornecia. Após se sentir interessado em conhecer o MIRE ele envia um e-mail com seus dados pessoais para se cadastrar no movimento e, após alguns dias, recebe a confirmação e um convite para o 1º Retiro Nacional do movimento. E, mesmo sem conhecer muita coisa sobre o mesmo e como apoio de um frade dominicano com o qual estava mantendo contato por causa do seu interesse em ingressar na Ordem dos Dominicanos, parte sozinho em viagem para o citado retiro. Nessa época ele desconhecia o grupo que, da PUC, estaria se articulando para participar deste mesmo evento. Mas, durante este encontro, ele se aproximaria desses jovens.

Curiosamente, mesmo este jovem sendo um dos mais atuantes no grupo estando presente em quase todas as reuniões e um dos mais motivados nos diversos encontros do movimento, a sua primeira reação em relação às palavras do Frei Betto durante o tal retiro foi de decepção. Segundo explica, ele esperava que o MIRE fosse um movimento “mais católico” e esperava que no movimento houvesse uma apologia maior da Igreja. Vejamos como ele explica essa sua decepção logo neste primeiro encontro do movimento:

Lá (no retiro do MIRE) eu recebi um banho de água fria... É que minha espiritualidade é muito marcada pela idéia, pelo conceito de Igreja como família e corpo de Cristo. Eu acredito piamente que se transforma o mundo levando Deus para as pessoas e o primeiro testemunho desse Deus para as pessoas é a presença da Igreja! É preciso edificar a Igreja, seja pregando a justiça social como ‘conseqüência’ e, principalmente, levando as pessoas a um encontro pessoal com Deus que gera a libertação do coração do homem e daí nasce um ‘homem novo’

Um outro fator, ou melhor, uma outra idéia defendida por Frei Betto neste primeiro encontro lhe causou extremo desconforto:

O Frei Betto nesse encontro começou muito bem, falando da ação do Espírito Santo ao juntar tantas pessoas naquele encontro. Eu nunca tinha lido ou ouvido o Frei Betto falar da graça do Espírito Santo de uma forma tão enfática! No entanto... ao final de sua fala, ele fez uma relativização que me decepcionou, pois - segundo ele - nós estávamos ali falando de Jesus e da Bíblia porque estávamos numa civilização judaico-cristã e que, se estivéssemos na África, talvez falaríamos no vodu, no candomblé!?! Ou seja, ele

condicionou a fé em Jesus Cristo à um contexto cultural, meramente... Pô, ao falar isso ele relativizou tudo que para mim é basilar, é fundamental!

Portanto, mesmo tendo este impacto inicial com uma perspectiva confessional mais ampla, ou seja, mais ecumênica do MIRE e menos disposta a ser mais uma “pastoral ou movimento da Igreja”, ele se convenceu de que no movimento poderia ter ganhos no sentido de poder ter contato com pessoas de “espiritualidades diferentes” pois, segundo afirma, no MIRE ele estaria em contato com uma diversidade de pessoas que faziam uma discussão que seu grupo de oração não realizava, ou seja, segundo ele “no MIRE eu poderia ter essa reflexão da realidade e esse instrumental de reflexão”.

Ressalte-se que o jovem Felipe, nesse mesmo período tanto aprofunda sua participação na Pastoral Universitária (PU) quanto se aproxima ainda mais das pessoas do MIRE. A explicação para esta dupla pertença repousa no fato de que no Rio, estava distante do seu grupo de oração e que encontrara na PU um acolhimento de jovens que partilhavam os mesmos desafios da vida universitária e uma “espiritualidade” em muito semelhante àquela que ele comungava. Insisto: E por que também optou pelo MIRE?

Eu precisava ter essa discussão mais política, pois as pessoas do MIRE já traziam isso... Eu precisava descobrir melhor essa dimensão de revolução. Embora... eu noto que as pessoas do MIRE procuram mais a questão da mística. Eu senti que o grupo quer exercitar mais esta mística e nisso eu me encontro mais, me sinto mais à vontade. Acho que, talvez, as pessoas do MIRE me viram também como esse referencial de mística e eu via o grupo como referencial de revolução.

Em resumo, sobre este ponto, podemos afirmar que para este nosso jovem amigo Felipe a dupla pertença significa a tentativa de manter um *equilíbrio* entre duas perspectivas que julga importantes para si. Uma perspectiva parece-lhe complementar a outra: “Aproveito um pouco do MIRE na PU e, vice-versa, levo um pouco da pastoral para o MIRE”.

A perspectiva dos grupos, nos quais Felipe está inserido, é diferente, segundo podemos depreender. Todavia, algo de comum há entre essas suas duas esferas de participação. Segundo ele mesmo afirma, tanto o MIRE quanto a PU, tem que ser uma escola de formação para o jovem: “A juventude é isso: uma etapa de formação”. E mais especificamente define ambas como “escolas de militantes para que os jovens se abram ainda mais a dimensão da mística na militância”. Nosso amigo percebe toda a sua atuação (ele afirma que vai às missas todos os domingos, faz parte da coordenação da PU da arquidiocese, é membro do núcleo da PU na sua

faculdade e freqüenta as reuniões e eventos do MIRE com regularidade) como “ainda” uma formação: “Estou mais na formação (se bem que às vezes penso que não faço nada... mas faço coisa pra caramba...). Tô tranqüilo, acho que lá na frente isso tudo vai ter um efeito”.

A importância do MIRE não está, segundo ele, num acréscimo à sua formação religiosa, pois o movimento não teria acrescentado muitas coisas à formação espiritual que ele já possuía. Não ajudou a ver a própria fé de outra forma mas, reconhece, ajudou a ver a fé e a perspectiva dos outros de uma outra maneira. “Lá (no MIRE) você vê o quanto a fé e a busca da outra pessoa também são sinceras”. E acredita que isto foi um ganho muito grande para ele. Eu também.

Enquanto conversávamos, eu já me debatia em torno da seguinte questão: Como será que ele articularia, cotidianamente, a sua própria experiência de oração apreendida no Grupo da RCC com a proposta e a experiência de oração/meditação do MIRE? Recordo que num dos retiros que participamos juntos, ele portava um livro denominado *Liturgia das horas*. Este livro é geralmente utilizado por religiosos e religiosas, pois funcionam como um manual de oração diária com horários determinados e que, para isso, exige-se uma disciplina interior muito grande e uma disponibilidade de horário nem sempre compatível com uma rotina diária de trabalho e estudo (Mas, apresso a esclarecer: ele me informou que foi só no início, depois abandonou o uso desse livro). Enfim, ele explica sua prática de oração:

Minha oração começa ‘meditativa’ - sempre à noite - e depois eu me solto e passo a falar com Deus tal qual aprendi. Na verdade, para mim, a meditação e a contemplação são secundárias, são assessórias. Por excelência é a oração falada!.

Portanto, a prática anterior no que diz respeito à oração, é a determinante em seus hábitos diários de oração. Ou seja, sua identidade anterior à entrada no movimento parece pouco afetada. Poderíamos afirmar mais: Sua concepção ideal do MIRE sugere uma roupagem menos ecumênica e muito mais ‘Católica’. Vejamos:

O MIRE poderia trabalhar mais com um referencial genuinamente cristão-católico. Eu acho que a proposta do MIRE se parece e muito com a proposta original dos primeiros grupos cristãos: pequenos grupos, sem proselitismos, sem aparecer muito... Isso lembra as primeiras comunidades cristãs.

Para o jovem Felipe, não há dúvidas: a dimensão da *mística* é muito mais importante que a dimensão da *revolução* e, mais explicitamente ele afirma que, se tivesse que sacrificar uma das

duas dimensões, certamente, seria a da revolução pois, segundo ele, “a mística, por si só, já é transformadora”. Por fim, além de tecer uma sutil crítica à maneira como alguns entendem a idéia de mística, Felipe procura definir precisamente o que ele entende por mística:

O termo mística está muito vulgarizado, assim como o termo utopia... Eu falo do conceito ‘original’ que para mim é: ‘intimidade com Deus’, ‘beber de Deus’, ‘se achar dentro de Deus’! É de onde brota tudo! Da mística pode brotar a revolução e o contrário - da revolução brotar a mística - é muito mais difícil... É isso aí, sou muito conservador com o conceito de mística: ‘intimidade com Deus’ e não é qualquer atividade subjetiva, celebração, encenação...

4.2 Edson: “a inquietude da militância”

Nosso segundo jovem, que chamaremos Edson, tem 30 anos, solteiro, estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Cândido Mendes e, atualmente, trabalha como Auxiliar Administrativo. Mora com a família (mãe, tia, uma irmã e dois sobrinhos) num bairro da zona norte do Rio. É uma família baiana que se mudou para o Rio faz alguns anos.

A história religiosa de sua família é uma tradição que começou em gerações anteriores. Sua mãe é católica que já teve intensa participação na Igreja: era membro da Pastoral da Criança, Pastoral do Menor e Círculos Bíblicos. Esta tradição de participação, explica nosso amigo Edson, vem desde a avó que também era uma assídua participante da Igreja. Contudo, esclarece, “é uma família eclética, pois tem um tia que possui um Terreiro de Umbanda, minha Tia e minha Irmã são frequentadoras assíduas nos encontros do Terreiro”.

Uma das coisas mais bonitas” que lembra da militância da mãe na Igreja (no Rio sua mãe se limita mais às Missas), em Salvador, é que ela atuava num projeto que ajudava os menores de famílias carentes:

Ela trabalhava na cozinha comunitária e numa pequena fábrica montada por essas famílias carentes com incentivo da Igreja, onde as pessoas trabalhavam produzindo alguns produtos (vassouras, velas e etc) que eram vendidos nas casas dos próprios participantes. Isso ajudava as famílias e ajudava a comunidade.

“Naturalmente”, como explica, ele começou na Igreja por “incentivo e inspiração na atuação da mãe”. Embora, após ter feito sua primeira comunhão tenha se afastado da Igreja, mais

tarde foi incentivado, ou melhor, nas palavras dele: “obrigado pela mãe a voltar a participar” da Igreja. Fazia parte de um pequeno grupo de amigos que tinham em comum o fato de morarem na mesma vizinhança e terem sido a primeira turma a fazer a Primeira Comunhão naquele bairro. Com o “apoio” da mãe e o incentivo de ver os seus colegas voltarem à Igreja, se motivou a ingressar num pequeno grupo jovem do bairro. Segundo lembra “era um grupo muito alegre, fazíamos passeios, dinâmicas e isso me motivou muito a entrar e permanecer naquele grupo. Foi minha primeira experiência de participação”. Mais tarde, neste mesmo grupo, fez parte da Tesouraria do grupo e, desta forma, começaria a partir dali a aprofundar sua participação.

Após alguns anos sua família teve que se transferir de Salvador para o Rio de Janeiro. Aquele início de participação foi interrompido e, uma vez no Rio (justifica), “devido a uma série de atrativos como bailes, discotecas, festas e etc, se afastou da Igreja”. E, de novo a mãe, procurando incentivá-lo levou à sua casa uma dirigente do grupo jovem da paróquia em Oswaldo Cruz (bairro para onde se mudaram) para convidá-lo ao grupo jovem da Igreja. Ele aceitou o convite e, coincidentemente, no primeiro dia em que visitou o grupo, este foi desfeito pela freira responsável pela paróquia, pois “o pessoal, a maioria já tinha muito mais que trinta anos! E naquele dia só tinha eu e aquela jovem que foi me visitar... Eu lembro disso até hoje, no dia em que cheguei pra ver o grupo ele foi dissolvido!?”.

Aquela freira que havia “fechado o grupo” o convidou a ajudar nas missas distribuindo os folhetos da missa na porta da Igreja. Ele e aquela jovem do extinto grupo, após perceberem que haviam muitos jovens na Igreja, se animaram e se motivaram a remontar o grupo jovem com outros participantes. Embora a freira tenha aceitado o projeto, o condicionou - em primeiro lugar - a se reunirem primeiro para “estudar o que era um grupo de jovem na ótica da Pastoral da juventude (PJ)”. Eles aceitaram e, juntamente com mais outros quatro jovens, começaram a estudar o que era a PJ, a metodologia, as estratégias e etc. Uma freira, com longa experiência na PJ, foi designada para ministrar esta formação ao grupo. Após um período de estudos e aprofundamentos, decidiram fundar o grupo de jovens sob a ótica da PJ, ou seja, (segundo explica) um “trabalho com jovens voltado para a formação integral, ou seja, preocupada com elementos teológicos, culturais e políticos. A PJ se preocupa com todos esses aspectos”.

E, novamente, após uns poucos anos sua família retorna a Salvador e, desse grupo que ajudara a montar, teve de se afastar. Novamente em Salvador, ao perceber que aquele grupo de jovens - no qual iniciara sua participação - era praticamente o mesmo, procurou imediatamente se

reintegrar ao grupo. No entanto, segundo explica, sua volta implicaria numa mudança radical do próprio grupo pois, após os estudos sobre a PJ no Rio, ele adquiriu mais “experiência e liderança” e foi se destacando e assumindo novas e maiores responsabilidades nesse grupo. Fato este que contribuiu decisivamente para mudança do perfil do grupo, o qual passou a se integrar no trabalho conjunto da PJ de Salvador. Ele explica: “O grupo era muito isolado, não tinha a articulação com os outros grupo e com a coordenação diocesana da PJ, mas a gente ajudou a integrar o grupo na caminhada da PJ”.

Não demorou muito e este nosso amigo foi alçado à condição de coordenador da PJ da diocese. Chegou a ser um agente de pastoral remunerado pela Igreja de Salvador no trabalho de articulação entre os vários grupos da Grande Salvador, promovendo e coordenando cursos de formação e eventos para a juventude da diocese. Ele aponta como elementos mais significativos e marcantes desse período, a possibilidade que teve de “fazer contato com centenas de jovens de diferentes regiões e realidades, do contato com os padres, com o bispo, com alguns movimentos sociais que com a PJ dialogava e a aproximação com o PT”.

Antes de continuar, cabe destacar, que ao falar de toda essa sua história de militância na Igreja, este jovem se reporta com muita facilidade (sem titubear!) a nomes de pessoas que compartilharam desta sua caminhada desde daquele primeiro grupo de amigos em Salvador, depois dos novos amigos feitos no Rio e, novamente, ao renovado grupo de salvador! De fato, pelo entusiasmo com que fala os nomes e as características das pessoas, percebe-se que é uma pessoa extremamente ligada à sua família e aos amigos.

Edson lembra que aqueles momentos foram importantes para a PJ e para ele, pois viu na prática um projeto se tornar realidade. Ele explica:

Aquele momento foi importante pois, nessa época, um candidato do PT foi eleito com o apoio maciço da PJ e isso nos ajudou no sentido de mostrar aos jovens e a mm mesmo a importância e a viabilidade da política para a juventude. Nós acompanhamos todo o mandato dele, enviamos projetos voltados para a juventude. Nossa, como foi muito legal.

Contudo, nem sempre sua militância na PJ foi marcada por sucessos e apoios. Como é comum na estrutura hierárquica da Igreja existe, geralmente, um padre ou algum outro religioso ou religiosa “acompanhando” as pastorais ou movimentos. Edson nos explica que com a

crescente “conscientização política” da PJ, o padre que à época era assessor da PJ começou a “interferir nos rumos da PJ”. Ele lembra:

Eu tive um problema com o assessor da PJ, que era um padre já idoso e que por ter vivenciado o período da ditadura militar e a crescente politização e radicalização da juventude naquela época, achava que a gente não deveria se misturar tanto no campo da política. E como era através dele que recebíamos o apoio financeiro, ele começou a achar que poderia definir os rumos da PJ. E, como eu sempre achei que os jovens é que deveriam ser os protagonistas dos rumos da PJ, não aceitei a postura dele. E como o bispo não aceitou a nossa sugestão de nomear um outro assessor, eu me afastei. Aquilo foi um choque, pois na verdade, era um tipo de emprego. Eu recebia para fazer o que eu mais gostava! Mas queria mostrar que não estava ai pelo dinheiro, pelo cargo, mas porque era o que eu mais identificava! O pessoal me chamou de maluco na época...

Depois de sua saída, ele diz que a PJ ficou descaracterizada pois, o novo coordenador que fora escolhido para seu lugar deixou as interferências serem cada vez maiores e a PJ acabou por perder seu potencial de convocação, de mobilização. “Eu sei disso, porque o pessoal sempre me liga pra me informar das coisas...”.

Segundo ele, todo este período de atuação na PJ contribuiu para que ele se descobrisse enquanto pessoa com potencial e com limites e contribuiu também para a descoberta do “outro”. Ajudou nessa “descoberta” as várias visitas que fez aos grupos mais distantes e mais carentes de Salvador. “Foi muito importante tudo isso, porque foi a possibilidade que tive de mostrar a outros jovens que deveriam estar inseridos na sua comunidade, no seu bairro. Era muito gratificante ajudar os jovens a se descobrirem com suas potencialidades.”

Após sua saída da coordenação da PJ sua família se transferiu em definitivo para o Rio de Janeiro (pelo menos até agora...). Ao retornar ao mesmo bairro - Oswaldo Cruz - uma decepção: aquelas irmãs que foram responsáveis por sua formação na PJ haviam sido transferidas e as novas freiras dessa paróquia não aceitavam o trabalho da PJ nos moldes que havia ajudado a estruturar. Estas freiras, segundo ele, apoiavam muito mais o trabalho dos grupos de oração da RCC. Portanto, neste seu retorno, ele não se sentiu motivado a retomar à participação nesta paróquia.

Durante o período em que militou mais intensamente na PJ, viajou para vários lugares, conheceu muitos jovens, fez vários amigos e “flertou” com algumas jovens... Numa dessas ocasiões conheceu e namorou uma jovem chamada (aqui neste trabalho) Ariana. No retorno ao Rio retoma seus contatos com esta jovem que era (e ainda é) moradora da Baixada Fluminense, no Bairro de Mesquita. Pelo constante contato com Ariana, que também é militante católica, passou a freqüentar a paróquia desta e ao perceber que havia um desejo da liderança da

comunidade de fortalecer o trabalho com jovens ele vislumbrou a possibilidade de se inserir novamente num trabalho com jovens, do qual ele estava “sentindo falta”. E assim intensifica sua presença e participação nesta paróquia da Baixada: passou então a participar mais efetivamente e regularmente das missas, da catequese e na preparação de jovens para um novo grupo. Contudo, por uma série de fatores que nos parece desnecessário aqui delongar, o trabalho não vai adiante.

Nesta época, praticamente, “adotara” o bairro de Mesquita como *locus* de sua inserção tanto religiosa quanto política (mesmo morando em Oswaldo Cruz) pois, além da Igreja, também iniciara sua participação num núcleo do PT local que, na época, estava travando uma discussão política em função da primeira eleição do município que fora recentemente emancipado. Este núcleo do PT lançou a candidatura ao cargo de vereador de um jovem oriundo da PJ. Nosso jovem Edson ajudou intensamente na campanha do candidato escolhido que, por fim, acabou sendo eleito. E tentando manter uma linha, que poderíamos definir como “coerente” entre aquilo que acredita e pratica, o jovem Edson toma uma atitude interessante. Vejamos: após a eleição daquele vereador oriundo da PJ, Edson foi escolhido assessor do recém-eleito pois, provavelmente, era um dos quadros mais preparados do partido, devido à experiência adquirida durante o período de coordenação da PJ em Salvador. No entanto, ficou no cargo remunerado por cerca de dezoito meses, mas também se afastou por iniciativa própria pois, segundo explica:

eu não concordava com a pouca atuação junto à juventude, nunca se organizava para que sobrasse dinheiro para os projetos para a juventude e, também, me incomodava o fato de eu ser um assessor de um vereador da Baixada e eu nem era morador de lá!? Isso não me fazia se sentir bem, não era justo e nem era legítimo....

Enfim, podemos deduzir que (e, de fato, aconteceu) o chamaram de “maluco” novamente...

Entretanto, mesmo participando da vida religiosa (nas missas e na catequese de adolescentes) nesta comunidade que adotara e atuando no PT, segundo ele, “estava faltando algo... espiritualmente ainda faltava alguma coisa. Sentia falta de um grupo de referência...”. Num dos encontros do Movimento Fé e Política (que ele já conhecera desde Salvador) ele recebeu um panfleto do MIRE e se interessou em conhecer aquele movimento. Preencheu o panfleto e se cadastrou no movimento. Mais tarde receberia o comunicado e o convite para o 1º Retiro Nacional do MIRE e como, para aquele encontro anunciava-se a presença, dentre outras

peessoas, do Frei Betto (que ele já conhecia e admirava) se interessou em participar do encontro, pois “contribuiria ainda mais” para sua formação.

A sua namorada Ariana era aluna da PUC-RJ e, através dela, se “inscreveu” como interessado em fazer parte do ônibus que sairia da PUC⁸⁹ para o evento do MIRE. Nesta viagem conheceu mais alguns jovens também interessados em conhecer o movimento *Mística e Revolução*, com os quais logo fez amizade. Neste encontro aprofundou o conhecimento da proposta do MIRE e, juntamente, com os jovens que saíram da PUC decidiram continuar se encontrando para aprofundar o conhecimento inicial dos ideais do movimento que acabaram de conhecer.

Segundo explica, era a possibilidade de estar junto a pessoas que comungavam daquilo que ele sempre acreditara. Mais ainda, explica também que era um jeito novo de pensar a própria espiritualidade, pensar a própria mística para a militância. Nas suas palavras:

A idéia de ter pequenos grupos onde você medita, discute... O MIRE não é um movimento em si, não é um local principal de atuação e militância, mas um espaço onde você abastece sua espiritualidade e troca experiências com pessoas de vários movimentos. Isso me atraiu bastante.

Podemos perceber que, como ele não estava conseguindo inserir-se novamente na Igreja da mesma forma que lhe parecia conveniente - com o qual não estava acostumado - percebeu que o MIRE poderia ser um espaço interessante de participação, de reflexão, de oração e, como ele mesmo afirma, de “fortalecimento espiritual” até mesmo para a militância política no PT. E ainda vai mais longe, “o importante é que o MIRE não tem uma bandeira específica. Você milita onde se sente bem e o MIRE serve como um abastecimento espiritual sem estar preso a uma instituição!”

Um outro fator importante, que emerge de sua fala sobre o movimento *Mística e Revolução* é que, este - com sua diversidade de pessoas - acrescenta algo mais, pois são jovens com história diferentes e que esta diversidade ajuda a pessoa a ser mais aberta. Isso tudo, para ele, dá força para que se atue num movimento escolhido pelo próprio jovem e ajude o tal movimento a fazer a revolução. Ele afirma: “O jovem do MIRE não é obrigado a fazer a revolução. A revolução é através do movimento”. Admito que, após reler minhas anotações sobre este e os outros jovens, sou levado a pensar que tal posição seja, talvez, uma outra forma de se

⁸⁹ Mais adiante nos deteremos nesta “polêmica” saída do ônibus da PUC para o citado evento do MIRE.

posicionar diferente daqueles que achavam, em décadas anteriores, que a vanguarda de uma bandeira revolucionária caberia unicamente à juventude...

Avancemos mais um pouco no intuito de perceber melhor como esta participação no MIRE o tem ajudado (ou não...) em suas práticas religiosas de oração, afinal - segundo estes jovens - a luta revolucionária e a militância encontram sua força e “abastecimento” na meditação. Vejamos. Num momento de nossa conversa, pergunto-lhe: Bom, uma das formas que o MIRE propõe como exercício da prática espiritual é a meditação. Você medita? Ao que ele me responde:

Meditar mesmo, como ensina a cartilha, é uma grande dificuldade para mim. Eu sempre pratiquei a Leitura Orante da bíblia que aprendi na PJ. É assim: você tem um trecho da bíblia e vai ‘ruminando’ ele, aquele trecho... tentando perceber o que aquela passagem diz a você.

Edson explica que ainda não se acostumou a meditar porque, por ser uma pessoa muito agitada, não consegue aquietar-se. “Aquela coisa de se desligar de tudo, não pensar em nada... isso eu não consigo. A posição me incomoda, sinto dor nas costas... isso eu não consigo.” Contudo, afirma que consegue fazer a meditação se houver alguém direcionando e conduzindo a meditação. Em casa, então (reconhece), é mais difícil... embora, admita que hoje já consegue silenciar mais. Porém, ainda, é sempre muito difícil. “Sei lá, é uma inquietude muito grande, a correria da militância, você tá o tempo todo falando, discutindo, se expondo...”

Todavia, mesmo nesta sua busca na tentativa domar a própria inquietude, Edson acredita que o MIRE ajudou a mudar alguma coisa dentro de si, quer dizer, ele diz que “não mudou muita coisa”, pois sempre buscou a vivência da espiritualidade. No entanto, tem aprendido a valorizar mais o silêncio interior, tem buscado mais isso. Ele parece se render a uma necessidade pessoal de parar um pouco:

A gente tem muito isso de querer pedir as respostas. Hoje acredito que é preciso silenciar mais, escutar mais, se desligar mais das coisas e da correria do dia-a-dia. No MIRE você é incentivado a trazer a tua inquietação e silenciá-la, para que Jesus fale, lhe dê a resposta. Na PJ, não. Era algo mais direcionado...

4.3 Jonas: “afeto e carinho na militância”

Nosso terceiro personagem escolhido é o Jonas, 23 anos, solteiro, estudante do curso de Direito da PUC-RJ e mora com mãe e dois irmãos em Jacarepaguá. A sua mãe, atualmente, se define como Espírita, mas sem participar de qualquer atividade em nenhum *Centro Espírita*, embora tenha sido católica praticante até a juventude.

Jonas se define como “ecumênico”, ou seja (segundo sua própria definição), tem uma “espiritualidade em aberto”, pois gosta de se informar através de leituras e conversas sobre “assuntos de religião”. Não se define como desta ou daquela Igreja, mas afirma que vai à missa de vez em quando, pois se sente bem e quando tem a necessidade de ouvir uma mensagem espiritual. Embora, se defina como ecumênico, afirma não se sentir à vontade nas igrejas evangélicas pois, segundo ele, são “muito fechados, não possibilitam o questionamento de certas coisas e de certas regras religiosas”.

Devido à grande inserção da mãe na vida escolar que participava constantemente dos eventos desta, quando este ainda era adolescente, foi se motivando a participar mais ativamente da vida da escola através dos movimentos estudantis. Juntamente com outros adolescentes funda (já na 5ª Série!!) um grêmio estudantil em sua escola para “reivindicar junto à diretoria algumas melhorias que eram direitos dos estudantes”. Durante toda sua vida de estudante, até a conclusão do Ensino Médio, fez parte de organizações estudantis.

Com o objetivo de prestar o vestibular para o curso de Direito da PUC, ingressa num curso de “pré-vestibular comunitário” denominado *Pré-Vestibular para Negros e Carentes*⁹⁰ onde, segundo explica, “aprofunda suas discussões e debates políticos”. E, ao ingressar na sonhada Faculdade da PUC, ajuda a organizar um grupo de alunos carentes egressos desses cursos comunitários.

Durante o período de estruturação deste grupo de alunos vindos dos pré-vestibulares comunitários, nosso amigo se aproxima de outros jovens do Diretório Central do Estudantes

⁹⁰ Estes cursos foram inicialmente fundados em SP por grupos ligados ao Movimento Negro, liderados pelo Frei Davi, um dos principais defensores do movimento negro na Igreja. Nestes cursos comunitários, onde todos os professores atuam voluntariamente, dentre as aulas voltadas para as provas do vestibular, existe a disciplina denominada “Cidadania”, na qual são promovidas inúmeras discussões sobre temas, tais como: Discriminação Racial, Direitos Cívicos, Democracia, Igualdade Social e etc. O autor destas linhas teve o prazer de participar (lecionando e coordenando) deste tipo de projeto por alguns anos em dois bairros diferentes.

(DCE) da PUC. Muitos destes jovens, dos quais se aproxima, segundo recorda, eram oriundos de movimentos de Igreja, em sua maioria da PJ. Ele, hoje, analisa da seguinte maneira:

Pô, ao me aproximar do pessoal do DCE eu encontrei pessoas da Igreja que acreditavam e lutavam pelas mesmas coisas e ideais que tinha, sacou? Isso me ajudou a enxergar essa questão da Igreja de uma outra forma!

Nosso amigo Jonas destaca que sua mãe, desde cedo, transmitia-lhe profundos valores religiosos através de hábitos como rezar ao se levantar e ao dormir. Conta também que aprendeu muitas coisas através das devoções religiosas de sua mãe, que lhes explicava (a ele e aos irmãos) o sentido e o porquê de cada devoção que ela possuía e desta forma, segundo explica, foi desenvolvendo uma “sensibilidade espiritual” mesmo sem manter vínculos com a Igreja ou qualquer outro movimento religioso.

Contribuiu para ampliar sua “reflexão espiritual” o contato com obras de Frei Betto e Leonardo Boff, nos cursos introdutórios sobre *religiosidade* e *cristianismo* da PUC. Ele destaca uma passagem de um livro de Zuenir Ventura, da Missa de 7ª Dia da morte do estudante Edson Luiz, quando os padres, ao final da missa, fazem um cordão de isolamento para proteger os estudantes das tropas do governo, durante a Ditadura Militar:

Quando eu li aquele trecho, aquilo me emocionou bastante. A Igreja podia ser sempre assim... Eu era muito crítico da Igreja... Depois que tive um contato mais profundo com obras do Boff e do Betto, eu passei a olhar a Igreja de uma outra forma.

Além desse contato com uma outra teoria sobre a Igreja, se interessou pelos *serviços pastorais* da PUC. E através de uma professora com quem fez grande amizade, e por incentivo desta, procurou fazer o catecismo, ganhou uma bíblia de presente e aprofundou ainda mais sua formação religiosa. Ele lembra como algo importante nesta sua trajetória de formação religiosa:

Aprendi ainda mais sobre a importância da oração, da gratidão à Deus... Não por causa da Igreja, mas por entender que Deus está na natureza, está dentro do meu coração, está no outro. Ao me conscientizar disso tudo eu poderia estar me transformando por dentro. A PUC acabou por me proporcionar isto por causa desses espaços que eu passei a frequentar e das pessoas que eu passei a conhecer.

Nesse contato com outros jovens, descobriu o movimento Fé e Política: “Pô, pensei: Fé e Política... achei interessantíssimo a idéia de um movimento que buscava articular estas duas

esferas.” E, segundo explica, o interesse pelo Fé e Política só veio a somar naquele momento de interesse crescente que estava tendo pelos “assuntos de espiritualidade, fé e política”.

Ao participar, juntamente com os outros jovens do DCE, pela primeira vez, do encontro do movimento *Fé e Política*, encontrou várias pessoas e outros jovens que pensavam como ele e que, segundo classifica, “tinham uma visão mais ampla da Fé, da Espiritualidade e que se preocupavam também com a política e com a militância”. Nosso amigo destaca a participação numa das celebrações, na comunidade na qual estava hospedado como um grupo de amigos, foi fundamental para ele pois, segundo explica, “percebi - pela primeira vez - que não era só o padre que poderia ter uma atuação de verdade numa celebração. Todos participaram ativamente. Eu nunca tinha visto assim... aquilo me marcou bastante”.

Enfim, foi neste encontro, onde pela primeira vez, ouviu falar do MIRE. Nesta ocasião o Frei Betto, presença assídua nos eventos do Fé e Política, fizera uma apresentação do MIRE e distribuía um folheto para aqueles que se interessassem em conhecer o movimento, o preenchesse e enviassem seus dados. Assim ele fez e ficou aguardando contato da Secretaria Nacional do movimento em SP. Este nosso amigo mais tarde se juntaria a outros jovens da PUC também desejosos de conhecer melhor o MIRE e rumaria para o *1º Retiro Nacional do MIRE*⁹¹. E a partir deste encontro passou a fazer parte, de fato, do movimento Mística e Revolução.

O jovem Jonas é um dos mais antigos e mais atuantes participantes do MIRE. Ele lembra que a participação no MIRE o ajudou a descobrir o que ele chamou de “as riquezas da meditação”. Ele explica:

Percebi que a meditação me ajuda, pois é um momento de pausa que, com a mente vazia, ajuda a ter um contato mais profundo com Deus. A meditação ajudou-me a ter um contato maior com própria Bíblia. Os momentos de meditação nas reuniões do MIRE me ajudam a ver que minha luta era maior do que eu pensava. É um momento de auto-controle e de me abastecer... de refletir e evita, diante da realidade social, uma revolta sem-medida. Na meditação, ao olhar pra dentro de mim mesmo, eu reflito sobre minha própria inserção.

Contudo, assim como o jovem Edson que conhecemos anteriormente, reconhece que a meditação diária é, para ele, “quase impossível, pois com a correria do dia-a-dia não dá... tem sido um desafio para mim”. Ele declara que “ora mais do que medita”. Afirma também que já fez inúmeros propósitos de meditar diariamente, mas confessa que não tem conseguido, mas

⁹¹ Mais adiante descreveremos esta conturbada viagem dos “jovens da PUC” para o citado retiro nacional.

reconhece: “Eu quero silenciar mais...”. E apenas num mês, no período da quaresma em que fez este propósito, conseguiu meditar quase que diariamente. “Foi muito bom, me senti muito bem, mais leve, mais sereno... Fez a maior diferença, sacou?”

O MIRE, para ele, ajudou a ampliar e a aprofundar os laços de amizade, de confiança, de carinho, de respeito-mútuo. E ele compara: “No movimento social você não tem isso, pois é só briga, debate, discussão... E no MIRE você reflete mais, pensa, medita... E isso é bom pra gente.” Na reunião do MIRE, explica ele, “as pessoas se sentem mais à vontade pra expressar seus sentimentos e quando alguém te abraça você sente aquele carinho verdadeiro”.

Jonas deixa transparecer a noção, muito parecida com a do jovem Felipe, de que *jovem* é período de “formação e de construção” e que, nesta etapa da vida, “é fácil ser revolucionário aos ‘vinte-e-poucos-anos’, difícil é ser revolucionário depois dos trinta quando já se tem uma família e mais responsabilidades nas costas...”. o MIRE, portanto, ajudaria - se seguirmos sua linha de raciocínio - o jovem se preparar para uma militância mais perene, mais duradoura e não apenas nesta etapa da vida (juventude). Num outro momento de nossa conversa, se referiu à *juventude* como “uma fase de transição”, depois da qual a pessoa deixaria de ser dependente dos pais para, em suas palavras, “entrar numa fase de ação concreta pela própria sobrevivência”.

Nosso amigo aponta mais claramente um outro elemento que o atraiu ao movimento: “O MIRE não é pra substituir os movimentos sociais. É algo pra fortalecer os jovens para que atuem nos movimentos. O MIRE me dá uma dimensão maior da luta, porque quando cansar - e a luta cansa! - você tenha um espaço pra se abastecer”.

Jonas, embora não se defina como católico, tem uma nítida afiliação com o ideário da Teologia da Libertação e confere a sua “luta” e militância um sentido religioso. Acredita que é a mística uma fonte e combustível para sua militância e esta (aqui prefiro deixar a ambigüidade que me ficou propositalmente, pois tanto pode ser referida à mística quanto à militância...) encontra inspiração maior nas ações do próprio Jesus. Ele afirma:

Para se fazer a “transformação social, a ruptura é preciso a prática... mas tem hora que a prática cansa. Aí você tem que ter algo que te renove por dentro. A mística, pra mim é isso. Ela, através da meditação, faz você o tempo todo tá refletindo... O místico é aquele que compreende seu laço com Deus e que aquilo que está ali (a luta) precisa ser feita. Olhando para o Cristo na Bíblia, que também queria romper com uma determinada ordem, você vê as ações dele e aprende. Você passa a agir de uma outra forma, mas não é simplesmente uma ação vazia!.

Ao contrário do que percebe em outros espaços de militância (ele atua na coordenação de um PVNC, no qual também ministra aulas de *Cultura e Cidadania*, e faz um curso promovido pelo MST na UFF, denominado *Realidades Brasileiras*), no MIRE ele acredita estar valorizando elementos importantes de sua militância: “As dimensões do afeto, do carinho - que não estão sendo mais pregadas nos outros movimentos - são importantes. A mística do MIRE me faz ver e valorizar mais isso. A meditação, no contato com Deus que está em mim, me faz refletir sobre isso”.

4.4 Paloma: “Em busca de atenção e amizade”

Esta nossa última personagem conheceremos como Paloma, tem 26 anos, solteira, formada em Psicologia, mas trabalha como professora de inglês num conhecido curso de idiomas. Mora em Icaraí, Niterói, com a mãe e a irmã.

O pai, com doutorado em Física, se declarava ateu mas, segundo lembra esta nossa jovem, quando ele “*se aproximou da morte, passou a acreditar em Deus*”. Seu pai morreu vítima de um câncer. Sua mãe, também pós-graduada em Física, se declara católica e freqüenta semanalmente as missas com a companhia de Paloma e, eventualmente, da irmã. Pela divergência de opiniões dos pais, estes se comprometeram, durante a infância das meninas, a não induzir nenhuma das filhas a seguir qualquer religião.

Quando adolescente, devido a influência de um grupo de amigas de sua turma na escola, se interessou em fazer a primeira comunhão e a participar de um pequeno grupo de jovens de uma Igreja católica do bairro. Contudo, com o afastamento das amigas e por não ter feito nenhum outro grande laço afetivo, explica, se afastou do grupo jovem e da Igreja.

Ainda na fase da adolescência, seus pais decidiram se transferir para a Inglaterra em função dos estudos e pesquisas para o curso de Doutorado deles. A contra-gosto foi obrigada a seguir seus pais. Todavia, o início de sua estadia em terras inglesas não foi muito agradável nem para ela e, muito menos, para os pais. E, segundo explica, “Por birra, revolta... sei lá, com meus pais, comecei a experimentar drogas com a ajuda e incentivo de colegas da escola”. Lembra, inclusive que, mais tarde quando já “enturmada entre novos amigos” acompanhou alguns novos

amigos em visitas à Igreja Anglicana na Inglaterra mas que, após estas experiências com as drogas, se afastou definitivamente da Igreja, “mesmo porque as exigências morais da Igreja eram muito fortes. Ah, eu também tinha um namorado na época, e não concordava com as orientações sexuais que me eram exigidas...”

Segundo lembra, ela se aproximou de um grupo de jovens totalmente distante da religião e que se drogavam muito. Estes jovens com os quais manteve estreita ligação, usavam diversos tipos de drogas e, principalmente, drogas alucinógenas. Nesta época os pais já haviam concluídos os estudos e decidiram retornar ao Brasil. Entretanto, novamente, sua intensão não combinava com a dos pais e, argumentando que queria continuar os estudos lá na Inglaterra, não aceitava de modo algum voltar ao Brasil. E, mesmo sendo ainda uma adolescente, os pais permitiram que ela ficasse residindo sozinha em terras inglesas. Ela ficou morando na casa de uma senhora que, em troca de pagamentos mensais, lhe fornecia quarto, alimentação e toda a infra-estrutura necessária para que ela permanecesse na Inglaterra até a conclusão dos estudos equivalentes, aqui no Brasil, ao Ensino Médio.

Ela lembra que foi o período em que, praticamente, todos os dias se drogava junto com os amigos. Recorda, também, que uma das amigas da época - filha de uma antropóloga que viera fazer trabalho de campo na Amazônia - experimentara o *Santo Daime* e que esta jovem tivera uma “experiência de telepatia” com um índio que lhe dera o famoso chá, ou seja, segundo contara a jovem “eles podiam saber um o que o outro estava pensando”. Tal relato impressionara todo o grupo de amigos e, isto para ela, se tornara uma verdadeira obsessão. “Eu queria ter também aquela experiência. Procurei saber o que era aquilo, tomei outras substâncias em busca daquela sensação”.

Numa das visitas ao Brasil para rever a família, decidiu procurar o local onde pudesse experimentar o chá do Santo Daime. Convenceu a família de que queria fazer uma viagem por alguns estados do Brasil. Foi para Salvador e conheceu a seita chamada União do Vegetal, mas lá não a deixaram experimentar o chá do ritual; Foi para o Acre onde, pela primeira vez, experimentou o Santo Daime. E, num relato - no mínimo - “surrealista” (aqui me faltou adjetivos...) descreve a sensação ao ter tomado o chá da seguinte maneira:

Hoje eu vejo que foi ruim... mas, na época, foi uma sensação maravilhosa: eu sentia que eu era o próprio Jesus e que conseguia entender como ele conseguia amar tanto as pessoas... Depois tive a sensação de eu era o próprio planeta Terra ou que ela tava

aqui... assim no centro do peito e que, no final, eu virava uma borboleta. Foi, de fato, uma experiência interessante...

Sua peregrinação não terminara com o experimento do Santo Daime, pois ela ainda queria ter aquela sensação de telepatia descrita pela amiga. Do Acre foi para o Peru, Equador e depois para a Bolívia. Toda essa viagem foi financiada com o dinheiro dos pais que pensavam que ela estivesse fazendo “apenas turismo”. No Peru encontrou uma pequena aldeia que tinha um Xamã, segundo ela, era uma espécie de líder espiritual nessa pequena aldeia. Lembra que participou de um ritual que ela descreve como “xamanísitco”, no qual o Xamã passava umas folhas pelo corpo das pessoas e dizia que aquele chá que ele iria lhes dar os curaria de qualquer doença. E você queria se curar de alguma coisa? “Não sei, acho que sim... talvez eu quisesse me curar de alguma coisa...”. Enfim, após pensar por alguns longos minutos, não conseguiu me explicar direito do que queria ser curada... Em resumo, sua viagem parece não ter atingido o tal objetivo de ter a experiência telepática. Retorna direto para Inglaterra e lá permanece por mais um ano. Só que desta vez, seus pais se negaram a lhe sustentar e, assim mesmo, ela resolve ficar e para isso solicita ajuda do governo. E explica, “solicitei um tipo de seguro-desemprego e fiquei um ano lá, sem fazer nada e me drogando diariamente e várias vezes ao dia.”

Nossa jovem amiga Paloma relata que procurou conhecer, também, a famosa comunidade esotérica de Findhorn, na Escócia⁹². Segundo ela, “lá eles buscam experiências esotéricas, não através das drogas, mas através de livros e de meditações... Mas não gostei nem um pouco, pois lá é muita ‘burguesia’, é tudo caríssimo”. Enfim, ao final desse último ano na Inglaterra a mãe desenvolveu um câncer e isto a fez retornar ao Brasil.

Na sua volta ao Brasil, a mãe a intimou a procurar um emprego ou a estudar. Ela fez a última opção e se preparou para o vestibular da UERJ, sendo aprovada para o curso de Psicologia. Pouco depois de seu retorno o seu pai veio a falecer, fato este que a abalou psicologicamente, tendo iniciado tratamento a base de remédios diários. “Naquele momento eu tive a consciência de que estava enlouquecendo, pois eu tava tendo alucinações sem estar usando qualquer tipo de drogas!”. Contudo, não ficou claro e nem ela soube explicar se era por causa “apenas” (por favor, esse ‘apenas’ não é meu. Deve ter sido um deslize involuntário em sua tentativa de explicar...) da morte do pai ou pela abstinência das inúmeras drogas que havia tomando por um longo período.

⁹² Para maiores detalhes dessa comunidade da Escócia ver Amaral (2003)

Paloma nos conta que conheceu um rapaz que era membro de uma Igreja Presbiteriana e que, por causa dele, chegou a freqüentar esta Igreja e a participar de um grupo de jovens. Contudo, este período foi marcado pela piora dos sintomas de seu problema psicológico, ela explica: “Eu tinha comportamentos estranhos e esta Igreja, as pessoas, os jovens não me ajudaram em nada. Acho que as pessoas não ligavam a mínima para os meus problemas, terminei com esse rapaz e me afastei dessa Igreja também”. Ela lembra que foi nesta Igreja que tomou conhecimento, pela primeira vez, das reflexões que ela “escuta” no MIRE sobre a religião e as questões sociais, preocupação com os pobres, justiça social. Mas, com o afastamento, desta Igreja não conseguiu se aprofundar nesse assunto que lhe chamara tanto a atenção. Chamo a atenção para o verbo *escutar* que apareceu acima em sua fala: De fato, esse ‘escuta’ define um pouco a posição dessa jovem nas reuniões do MIRE, pois dificilmente (ou, para ser mais preciso, nunca) ela toma parte das discussões e debates nos nossos encontros. Certa vez, quando lhe solicitaram a sua opinião a cerca de uma determinada decisão do grupo, ela se colocou: “Eu concordo com tudo que vocês decidirem.”

Ela afirma que, espiritualmente, precisava de conforto, de acolhimento que até então não encontrara. E na UERJ conheceu uma estudante que a convidou a fazer estudos bíblicos com ela. Como assim, te convidou? Você já a conhecia? Indaguei.

Não sei de onde ela apareceu. Nunca a tinha visto na universidade... e ela chegou e me convidou a estudar a Bíblia com ela. Ela dizia que era de uma Igreja que se dispunha ensinar a Bíblia para as pessoas sem ter que ir à sua Igreja. Era um trabalho para as pessoas mais perdidas, daquelas que já tinham perdido a esperança em tudo. No meu caso foi super importante! Foi maravilhoso! Aprendi a ler a Bíblia e aquilo virou para mim um alimento. Todos os dias eu sentia que tinha que lera Bíblia.

De fato, esta nossa amiga, desde a primeira vez que a vi nas reuniões do MIRE, parece estar sempre lendo a Bíblia. Bastava ter qualquer intervalo na reunião ou nos eventos e lá estava ela com a bíblia e a caneta na mão. Parece ter encontrado na leitura bíblica um tipo de conforto que a faz, por diversas vezes, parecer distante dos outros. Na UERJ conheceu um outro rapaz, também psicólogo, e com ele desenvolveu profundos laços afetivos. Este se declarava vagamente como “crente” e se dizia contra qualquer tipo de instituição religiosa. Ela conta que, com este rapaz, começou a orar diariamente. Nas palavras dela:

Começamos a orar juntos todos os dias, duas horas por dia! Só eu falando com Deus e ele (esse meu amigo) escutando! Consegui colocar para fora toda a minha dor em relação a morte do meu pai, em relação ao meu relacionamento com minha mãe. Consegui superar a angústia que tinha naquela época!

Paloma explica que esse hábito de ler a Bíblia e orar todos os dias a fizeram querer procurar uma Igreja para ter um vínculo maior e uma orientação melhor. Passou a freqüentar as missas regularmente e manteve o hábito da leitura e da oração diária. Ela nos explica essa sua dupla necessidade: “Quando você ora, você fala com Deus e quando você lê a Bíblia é Deus quem fala com você. Eu preciso desse canal de duas vias”.

E o MIRE? Onde entra na sua história? Ela explica que foi num congresso de Psicologia em São Paulo que conheceu pessoalmente o Frei Betto e ficou “maravilhada” com as colocações e as idéias dele. Ela conta que ao final da palestra do frade dominicano foi procurá-lo e explicou que estava com dificuldade no relacionamento com Deus. Ela conta que ele lhe deu o e-mail do MIRE e que, com a ajuda de outros jovens, poderia obter as respostas que desejava. Entrou em contato com a secretaria do movimento, se cadastrou e passou a receber alguns materiais do MIRE como, por exemplo, a orientação sobre as práticas de meditação e o contato de outros jovens do Rio. Até que, mais tarde, foi convidada a participar de um *internúcleos* (evento que reúne os participantes dos quatro núcleos do Rio) e conheceu as pessoas do núcleo São João Batista. Afirma que foi fundamental a acolhida das pessoas, “pareciam que me conheciam há muito tempo!”. No entanto, hoje, após esses meses de convivência com os jovens do MIRE, reconhece que se isola das pessoas e se penaliza porque acredita que as “usa”, pois “acho que estou explorando as pessoas, quero atenção, mas não me relaciono”.

Sobre a meditação proposta e praticada nas reuniões do MIRE, ela admite que tem dificuldade de se concentrar e que, por ter praticado-a sem orientação, desenvolveu uma resistência à prática meditativa. Ela explica como foi seu contato inicial com a meditação:

Durante a doença do meu pai eu praticava a meditação (pois eu já tinha lido um livro um vez sobre isso por curiosidade e achei superinteressante...), sem nenhuma orientação, desenfreadamente! Eu queria encontrar a dor que havia dentro de mim... Eu passava horas meditando, pois eu queria encontrar aquele ponto dentro de mim, aquela dor, para transcendê-la. Mas, nada! Ao conhecer o MIRE, eu sabia da proposta da meditação, mas eu decidi que não iria meditar. Hoje, a melhor meditação para mim é a oração!

Ela revela que, durante as reuniões do grupo, enquanto todos estão meditando ela prefere “conversar com Deus” e diz que o faz de uma forma “livre e sem fórmula, sem regras” e, segundo ela, isto a ajuda a manter o “*equilíbrio mental*”... - Nesse momento de nossa conversa, ela pára... e após um silêncio, como se tivesse descoberto algo naquele momento, conclui - “Isso, realmente me faz muito bem!”.

Nossa conversa termina, após inúmeras pausas e recomeços (Lembro que, durante esta nossa conversa, por diversas vezes, Paloma perdia a linha de raciocínio do que tinha começado a falar e eu a ajudava a recuperar do ponto onde havia parado), com uma conclusão que, a despeito dos grandes ideais traçados pelos criadores do movimento, prima pela simplicidade e pela ausência de qualquer matriz ideológica, seja ela política ou religiosa: “Olha, sinceramente, eu estou no MIRE porque as pessoas são amorosas e amigas comigo, tem servido como uma distração dos meus problemas e para ouvir coisas que eu acho que são certas”

5 O MIRE: UM PONTO DE VISTA A PARTIR DE DENTRO

Neste quinto capítulo apresentaremos as características do MIRE no Rio de Janeiro a partir de nossa inserção com o *Trabalho de Campo*. Todavia, não faz parte de nossa pretensão apresentar um modelo do que venha a ser o MIRE mas, na verdade, apresentar um núcleo do movimento a partir das entradas a uma certa parte da realidade desse grupo, ou seja, apresentaremos uma visão possível do que venha a ser este movimento de jovens.

5.1 O MIRE no Rio de Janeiro

Não faz parte do nosso objetivo fazer um exaustivo histórico do MIRE carioca. Contudo, a partir do depoimento de alguns mirantes, tracemos algumas linhas de como tudo começou. A iniciativa do MIRE no RJ coube a dois jovens: Marcos e João (os dois atualmente afastados do movimento). O destaque fica por conta deste primeiro personagem. Ora, este jovem é um morador da Baixada Fluminense trabalha no gabinete do Deputado Federal Chico Alencar. Por sua vez, este deputado é conhecido membro do movimento Fé & Política e possui estreitas ligações com Frei Betto. Este jovem tomou conhecimento do MIRE a partir desta proximidade com o conhecido deputado e se interessou em iniciar o movimento no Rio, contudo esta era ainda uma empreitada solitária. Um outro jovem - João - veio somar forças com Marcos e ambos, então, iniciaram o processo de formação do movimento no Rio. O João é um jovem fotógrafo morador da Gávea - bairro nobre carioca - que define seu objetivo de vida em aliar sua profissão com as causas sociais e dos movimentos populares. Ele, após concluir sua formação na França, voltou ao Brasil disposto a desenvolver um trabalho junto a movimentos como o dos *sem-terra*, dos *sem-teto* e etc. Sua chefe, na época de seu retorno, era assessora do Frei Betto e, através desta, conheceu o MIRE. Segundo me contou “era o que lhe faltava pra dar um sentido maior ao seu trabalho”. Este jovem se cadastrou no MIRE e a secretaria do movimento o colocou em contato com o Marcos. Mais tarde a secretaria enviou um representante ao Rio para conversar com os dois. A partir deste encontro ocorrido na sede do PT carioca, lhes foi explicado o que seria o

MIRE, sua metodologia e objetivos e ficou estabelecido que eles tentariam criar um núcleo do movimento no Rio.

O MIRE então, com a coordenação destes dois, promoveu um seminário chamado *Oração e Revolução* num CIEP em Caxias. Segundo relatou-me João este seminário contou com a presença de Frei Betto, Chico Alencar e Augusto Boal. Tal evento atraiu uma enorme quantidade de pessoas e este foi considerado um marco fundador do MIRE no Rio, pois a partir deste surgiu o primeiro núcleo em Caxias. Este chegou contar à época com mais de 30 jovens. Mais tarde, devido a enorme distância da Baixada para a zona sul, João⁹³ resolveu montar um outro núcleo do movimento, pois fora colocado em contato com um outro jovem (Vinícius) - de seu bairro - interessado em participar do MIRE. Enfim, foi a partir do evento acima citado, que marcou o início do movimento no RJ, que surgiram os outros três núcleos do MIRE.

Cabe enfatizar que este trabalho, por ser pioneiro sobre o movimento *Mística e Revolução*, não tem a pretensão de esgotar toda a temática. É bem verdade que inúmeras lacunas não de ser percebidas e aqui, portanto, assumimos mais um caráter introdutório cujo objetivo principal é antes abrir possibilidades de pensar este movimento e novas questões nele inspiradas, do que apontar respostas. Na verdade, temos consciência do que nos alertara o “bom e velho” Weber⁹⁴: “toda obra científica ‘acabada’ não tem outro sentido senão o de fazer nascer novas ‘questões’: ela pede então para ser ‘superada’ e envelhecer. Aquele que quiser servir à ciência deve resignar-se a tal destino...” (WEBER, 1992 apud CARRANZA, 2002, p. 21)

Antes de dar uma passada rápida pela situação que presenciamos nesses meses de participação no movimento *Mística e Revolução*, vejamos um pequeno texto escrito por um dos jovens da Coordenação Estadual e membro do núcleo Zumbi dos Palmares (Caxias) como relatório final de um dos *internúcleos* ocorrido em dezembro de 2003. Assim ele descreve a situação dos núcleos do MIRE no Rio de Janeiro atualmente:

- Núcleo S. João Batista - Passava por um momento de dispersão. Passou a investir mais na Mística. (“Vai bem, Obrigado”)

⁹³ Recentemente este jovem mudou-se para Belém como contratado da Comissão Pastoral da Terra. Por este contrato ele passará um ano como fotógrafo desta comissão e também do MST. Segundo ele: “É o que eu sempre sonhei, Paulo: Fazer da minha profissão um instrumento de luta pelas causas sociais”.

⁹⁴ Por favor, tal frase pode parecer uma “intimidade exagerada” com o gigante da sociologia alemã. Todavia, inspiro-me (guardadas as devidas proporções!) na expressão semelhante feita por Sanchis (1997, p. 11) em relação a Durkheim.

- Gávea - Situação atípica. O núcleo é pequeno (4 pessoas), é bom pela integração, mas dificulta uma certa formalidade (dia, hora, local de reuniões). Estão sempre juntos, mas não se reúnem ...
- Campo Grande - Além de trabalhar a motivação, precisam investir em gente nova. Não se reúnem faz uns meses.
- Núcleo de Caxias - Não se reúnem há algum tempo. Houve uma reunião onde traçamos planos para continuar, mas não deu certo. Falta motivação. Há laços de amizade

Atualmente, como podemos perceber, o movimento no Rio conta com quatro núcleos: um na Baixada (Caxias), um na Zona Oeste (Campo Grande) e dois na Zona Sul (um na Gávea e outro na PUC). Sendo este último o núcleo mais ativo, com maior número de participantes e com uma maior regularidade nas reuniões (Mais adiante nos deteremos neste grupo, por ser este o *locus* privilegiado de nosso envolvimento e participação durante o trabalho de campo). Para ser mais exato, ao contrário do que percebemos neste grupo da PUC, os outros três núcleos apresentam uma irregularidade muito grande no que diz respeito à periodicidade das reuniões, ou seja, estes grupos quase não se reúnem e quanto ao de Campo Grande, praticamente inexistente. Acompanhemos abaixo a situação atual de cada núcleo que identificamos pelos depoimentos de seus membros nos eventos regionais do MIRE, bem como através de conversas informais ao longo desses meses de imersão no campo de pesquisa.

O núcleo de Caxias (Zumbi dos Palmares), o pioneiro no Estado, atualmente vem encontrando dificuldades para reunir seus membros. Este conta com seis membros que, pelo menos, tem se comunicado e “manifestado” o desejo de voltarem a se reunir. Nos eventos do MIRE-RJ há sempre a presença de alguns representantes deste núcleo. Existem ainda, repassados pela Secretaria Nacional, uma lista de outros dez jovens da região da Baixada que manifestaram o interesse em participar do movimento. Contudo, como o próprio grupo não tem conseguido se reorganizar, este ainda não se mobilizou para convidar estes possíveis novos membros.

Por sua vez, o núcleo da Gávea tem a igual dificuldade de se reunir regularmente, embora, assim como o de Caxias, os membros deste grupo tem mantido contato constante entre si. Este núcleo contava com um dos fundadores (Jonas) na lista de seus membros e um outro (Vinícius) que faz parte da Coordenação Nacional do MIRE.

Quanto ao grupo de Campo Grande, não é possível afirmar muita coisa, além do fato deste praticamente inexistir. Este núcleo chegou a contar com quatro integrantes. No entanto, os dois jovens mais velhos do grupo – alegando falta de tempo devido ao trabalho e aos estudos – desistiram de continuar participando do movimento. Atualmente, apenas um dos membros (Tobias, 17 anos, Ensino Médio) desse “núcleo” continua participando dos eventos regionais e nacionais “representando” tal grupo. Existe por parte dos membros dos outros núcleos, todo um incentivo para que este jovem permaneça no movimento e, atualmente, têm tentado apoiá-lo na montagem de um novo núcleo nesse bairro com outros jovens. Inclusive, tenho tentado ajudá-lo nesse sentido. Ao final do trabalho talvez fique mais clara minha motivação para tanto.

Ao considerar as dificuldades destes três núcleos em manter vivos seus núcleos, é preciso destacar, dentre outros fatores, as diferentes faixas etárias de seus membros. Em comparação ao grupo da PUC estes outros núcleos são mais heterogêneos, ou seja, enquanto neste último há uma proximidade muito maior entre seus membros (todos estão na universidade, tem uma idade aproximada e etc), nestes núcleos existem distâncias que devem ser consideradas, por exemplo, enquanto alguns de seus membros ainda estão saindo da faixa etária adolescente (idade entre 12 a 17 anos), outros já estariam numa idade superior a 25 anos; enquanto os primeiros estariam ainda cursando o ensino médio, outros já estariam na universidade.

Portanto, além da diferença etária, haveria uma diferença importante no que diz respeito a um certo ritmo de vida, expectativas e responsabilidades, traduzindo-se numa dificuldade de comunicação e, conseqüentemente, integração entre estes. Poderíamos afirmar que, na prática, atualmente apenas o núcleo São João Batista está “funcionando”.

Enfim, após estas brevíssimas considerações iniciais, podemos perceber e admitir que foi acertada a nossa estratégia em acompanhar, de perto, o núcleo São João Batista (PUC). Embora, somente mais tarde tal situação de desníveis de caminhada tenha sido percebida...

É importantíssimo frisar que tal opção – assim como qualquer outra que tivéssemos adotado – marca significativamente os rumos deste trabalho ao nos apontar *uma* realidade bem específica do movimento no Rio de Janeiro. Logo, longe de nós a pretensão de apontar o que venha a ser o MIRE no Rio de Janeiro e muito menos, apontá-lo como um todo, como algo homogêneo. Acreditamos que o movimento *Mística e Revolução* não é isto ou aquilo, na verdade, o que pretendemos neste trabalho é apontar uma possibilidade de pensar o MIRE a partir das entradas que nos foram possíveis. Ademais, nos parece claro que toda opção implica

em uma conclusão bem específica e não exclusiva de outras pois, afinal, (eu gosto muito dessa frase que li pela primeira vez num livro de Leonardo Boff) “cada ponto de vista será sempre a vista de um ponto”.

5.2 Da tentativa de se traçar um perfil

Após estes rápidos comentários sobre os núcleos do movimento no RJ passemos agora a uma exposição de um “perfil aproximado” do MIRE-Rio. Cabe esclarecer que, por ter optado por um núcleo específico, não me detive a aprofundar a pesquisa sobre a realidade de todos os núcleos pois, em primeiro lugar, tal estratégia me demandaria um tempo muito maior, visto que estes tem agendas diferentes e se localizam em pontos distantes entre si (zona sul, baixada e zona oeste); e, segundo, por acreditar na impossibilidade de se traçar um suposta “realidade” que dê conta de experiências tão distintas quanto estas que, acima, apenas esbocei. Afinal, todo estudo desta natureza é e será sempre parcial, posto que num estudo sobre o homem há de se considerar que a apreensão de códigos e emblemas, provavelmente, nunca será a mesma para todos os indivíduos⁹⁵.

Se faz necessário aqui enfatizar o que acima aparece entre aspas: “perfil aproximado”. Na verdade a idéia era passar um questionário a todos os membros dos núcleos do MIRE-Rio (com questões objetivas sobre faixa-etária, grau de escolaridade, filiação a grupos religiosos e a movimentos sociais e políticos, tempo de participação no próprio núcleo e ocupação atual) para que eu tivesse uma idéia geral do público atingido pela proposta do movimento. E assim o fiz, contudo devido a dificuldade de encontrar todos, resolvi passar o questionário pela Internet (através da lista de e-mails do MIRE) fiz uma breve exposição do objetivo daquele questionário e logo alguns me retornaram com as respostas. Todavia, demorou mais do que o previsto e, mesmo assim, nem todos o fizeram. Para ser mais preciso, dos 28 membros cadastrados no MIRE-Rio, dez me enviaram as respostas por e-mail e, num encontro regional, passei o questionário aos

⁹⁵ Um bom exemplo desta idéia pode ser percebida em Cunha (2000, p. 119-135), onde ao pesquisar as *galeras funkeiras* de uma comunidade carente (Vigário Geral), percebeu ser impossível traçar uma “pseudo-realidade”, pois na verdade o que existe é uma fragmentação de “realidades” diversas.

presentes, tendo assim, um total de 20 questionários, em termos estatísticos⁹⁶ este número significa 71,4% do total dos “mirantes”. Portanto, é sobre o total dos que me responderam que apresento estes dados para que o leitor tenha uma idéia geral de quem são esses jovens. Mesmo correndo o risco de pecar pela imprecisão...

Antes de destacar aqueles elementos que ajudam-nos a ter uma idéia daquilo que chamamos “perfil aproximado” do MIRE no Rio, vejamos de que militantes estamos tratando no que diz respeito ao tempo de pertencimento ao movimento. Embora o MIRE tenha a pretensão de ampliar-se (segundo o próprio “mentor” do grupo, Frei Betto, afirmou naquele encontro nacional ao qual já nos reportamos), percebe-se uma certa dificuldade em fazê-lo pois, na verdade o que percebemos é que 70% dos jovens que estão no movimento têm mais de dois anos de militância nos seus núcleos, ou seja, tal tempo coincide com a própria idade do MIRE no estado do RJ. Destaca-se, dentre esses dados, o núcleo da PUC que concentra a maioria destes membros mais antigos, ao passo que, nos outros três núcleos o tempo de militância no grupo é igual ou menor que um ano, ou seja, cerca de 30% dos jovens ingressaram no MIRE a apenas alguns meses, um pouco depois de termos iniciado esta pesquisa...

A primeira impressão que tive, ao participar da primeira vez, de uma reunião do MIRE era a de que o movimento contava com a participação de jovens próximos aos 30 anos. Após tabular os resultados do questionário pude constatar que, na verdade, os jovens do MIRE estão - em sua maioria - na faixa etária dos 21 aos 25 anos (50%) e que em seguida aparecem os jovens que têm entre 26 e 30 anos (25%). Portanto, considerando estas duas faixas etárias em conjunto, podemos afirmar que o MIRE têm, dentre seus membros, 75% de jovens entre 21 e 30 anos. Esta última (30 anos) é considerada a idade limite para a entrada no movimento. Segundo explica a “cartilha” do movimento, ao se estipular a idade limite de 30 anos, evita-se que o MIRE seja “colonizado por adultos” e perca, o jovem, o protagonismo do movimento. Embora seja complicado considerar em que idade uma pessoa possa ser considerada adulta... O que se pretende é apenas definir uma característica mais homogênea ao MIRE, posto que a categoria *Jovem* possa incluir também a categoria *adulta*, ou alguém duvida que estes jovens não queiram ser considerados também *adultos*? Por fim, percebe-se que poucos jovens têm menos de 20 anos, ou seja, apenas 20%. Nota-se, também, que faixa etária majoritária (acima apontada) é acompanhada por um elevado grau de escolaridade. Vejamos nas linhas a seguir.

⁹⁶ Não tenho aqui a pretensão da “precisão estatística” dos números, pois apenas utilizo essas percentagens apenas

Sobre o grau de instrução dos jovens nossos dados apontam que o MIRE apresenta-se como um movimento (não esqueça: pelo menos no Rio de Janeiro!), com predominância de universitários, ou seja, pelo menos 70% dos jovens estão no curso superior ou o concluíram. Junto a estes aparecem os jovens (20%) que já concluíram o Ensino Médio e tem como objetivo ingressar no Ensino Superior. E, por fim, apenas 10% dos membros do MIRE estão cursando o Ensino Médio (mais conhecido como 2º Grau). Percebe-se que este movimento tem alcançado jovens mais escolarizados. Ora, acreditamos que a explicação repousa no fato de que estes teriam mais facilidade para acompanhar as diversas discussões e debates (tais como “conjuntura política”, “movimentos sociais”, “disputas partidárias”, “teologia”, dentre outros.) que se travam no interior do movimento. Alguns autores consideram a escolaridade, e não apenas o nível de renda, como indicativo de classe social a que um indivíduo pertence e, nesse caso, o Ensino Superior seria o indicativo de pertencimento a uma certa “classe média”.

Segundo o que se pôde aferir com as respostas enviadas sobre a questão “Qual sua religião?”, pode-se constatar a predominância daqueles que se dizem católicos, pois 75% dos jovens assim se declararam, mais precisamente, 15 pessoas. Outros jovens, isto é, 15% dos que responderam o questionário se declararam membros do Candomblé e 10% são membros de Igrejas Protestantes (no caso a citada foi a Igreja Presbiteriana). Embora, seja o MIRE um movimento “ecumênico”, são os católicos a maioria no interior deste.

Quanto a *prática religiosa* destes jovens, podemos perceber que 65% (a maioria, portanto) declararam não ter nenhum tipo de atuação específica dentro de sua igreja ou templo. Contudo, destes, 15% dos jovens disseram ter participado de alguma atividade na Igreja e que hoje, porém, vão à missa ou ao culto sem, contudo, desempenharem qualquer atividade em seus templos. E sobre a participação em alguma atividade específica em sua igreja ou templo, os outros 35% dos jovens declararam ter uma atuação intra-religiosa.

Por fim, ao considerar a militância dos jovens fora do MIRE, percebe-se que o movimento ainda está longe do seu ideal, pois, em nosso levantamento, 60% dos jovens não militam em nenhum outro movimento social, tendo o MIRE e a Igreja como únicos espaços de “militância”. Ora, cabe esclarecer que implícito não está nenhum julgamento de valor quanto a importância ou não de certo tipo de militância, pois o que estamos constatando é que ainda falta, aos jovens, atingir os objetivos para o qual o movimento foi criado que é o incentivo à participação destes em

outros movimentos. Numa de nossas reuniões discutimos sobre a visibilidade do MIRE-Rio e chegamos à conclusão que o MIRE é ainda “desconhecido” dos demais movimentos sociais cariocas justamente por falta dessa participação dos “mirantes” (Ah, sim... esqueci de esclarecer que esta é uma forma “interna” com a qual nos referimos aos jovens do movimento). Um dos jovens (Edson, 29 anos, membro do PT e ex-dirigente da Pastoral da Juventude) “explicou” a causa desse desconhecimento:

Na verdade o MIRE é desconhecido porque as pessoas não participam dos movimentos sociais. O MIRE foi criado pra isso! Se a gente não participa como é que eles vão conhecer a gente? É claro que, de repente, as pessoas não se encaixam nos movimentos que aí estão, mas o ideal seria que cada um de nós estivéssemos em algum movimento.

Contudo, é preciso considerar também que 40% dos jovens que nos responderam o questionário afirmaram que militam noutros movimentos. Destes jovens, a metade participa no movimento estudantil seja de sua escola secundária, seja na sua universidade; os outros participam nos seguintes movimentos: Amauri (PUC)- participado Movimento pela Ética na Política; Edson (PUC) - participa, além do PT, da Rede MINKA (uma rede de militantes católicos que se reúnem para traçar sugestões para políticas públicas para a juventude); Ariana (Caxias) - participa de uma ONG que promove cursos de Formação de Promotores Populares; Jonas (PUC) - participa do PVNC e João (Gávea) - membro do movimento BRAS-CUBA (um movimento de solidariedade à causa cubana que promove viagens anuais à Ilha no intuito de formar e divulgar o projeto socialista de Cuba).

5.3 O que dizem os jovens do porquê optaram pelo MIRE

Uma primeira questão que, desde o início, nos formulamos era saber, afinal, o que atraía os jovens a participar de um movimento como o MIRE. Para tanto, através de questionários que lhes passei (a primeira vez o fiz pela Internet e o ideal era que todos respondessem, no entanto apenas uns poucos o fizeram. Mas tarde, num encontro durante um tempo vago, pedi aos presentes que respondessem, o que me permitiu, ao final, ter 20 questionários), pedi que respondessem livremente a questão. “*Porque você veio para o MIRE?*”. Ao considerar os

resultados separei o total de questionários respondidos em três grupos: “os não-católicos” (15%), os “católicos praticantes” (35%) - aqueles que atualmente tem participação em grupos e pastorais da Igreja - e os “católicos não-praticantes” (50%). Para esta pergunta, a “proposta” do movimento foi destacada como o elemento de atração ao grupo... Até aqui nada demais. Na verdade mesmo, gostaríamos de destacar tal qual eles formulavam a resposta para esta questão. Vejamos a seguir, grupo a grupo, as respostas formuladas.

* Os jovens do grupo dos “não-católicos” assim responderam:

- “A proposta revolucionária que vem de dentro para fora”. (29 anos, formada em Jornalismo, Candomblé)
- “A busca de algo novo, uma nova forma de relacionar-me com Deus” (23 anos, Ensino Médio, Candomblé)
- “A proposta de transformação social com a mística” (21 anos, Ensino Médio, Metodista)

* Aqueles aos quais denominei de “católicos praticantes” assim formularam suas respostas:

- “Para melhorar-me como pessoa e espiritualmente” (24 anos, formada em Pedagogia)
- “Há muito procurava me relacionar com pessoas de estilo das CEB’s e ter contato com este pensamento de transformar a sociedade sem os vícios da ideologia” (26 anos, estudante do curso de Direito)
- “Por que gostei da proposta de ser um espaço onde não tem uma bandeira de luta específica e de fortalecer a mística para uma participação diferenciada nos movimentos sociais” (30 anos, estudante do curso de Ciências Sociais)
- “Procurava dar um impulso à minha militância” (25 anos, formado em Engenharia)
- “Porque com a proposta de MIRE, percebi que poderia crescer muito com o grupo” (21 anos, estudante do curso de Letras)
- “Porque me identifiquei com a proposta de trabalhar paralelamente a oração e o compromisso social” (28 anos, formado em Engenharia)

* E, por fim, o grupo dos “católicos não-praticantes” (no entanto é preciso considerar que dentro deste grupo existem aqueles jovens que tiveram participação em grupos e pastorais de igreja!) se posicionou da seguinte maneira:

- “Me identifiquei com a proposta, para mim, totalmente diferenciada de qualquer outra voltada para os jovens e igrejas” (3º grau incompleto, Professora do Ensino Fundamental)
- “Vim pela proposta de uma juventude de 'contempla-ação' ” (17 anos, estudante, Ensino Médio)
- “Vim na tentativa de entender a minha identidade espiritual” (16 anos, estudante do Ensino Médio)
- “Precisei de algo que motivasse a minha militância” (16 anos, estudante do Ensino Médio)
- “Porque é importante, para mim, fazer parte de uma comunidade que une a Mística coma Revolução” (25 anos, formada em Psicologia)
- “Pela proposta de mística e militância e a busca por outros jovens que partilhassem esse ideal” (20 anos, Ensino Médio)
- “Porque eu precisava de uma espiritualidade que se traduzisse em ação social concreta, o que eu não via em minha paróquia” (26 anos, estudante do curso de Direito)
- “Por causa da necessidade de unir espiritualidade e militância que busquei por muito tempo” (25 anos, Enfermeira)

- “Por causa da proposta de equilibrar a espiritualidade e o nosso comportamento na vida cotidiana de participação” (24 anos, formada em História)
- “Pela proposta de revolução social a partir de uma revolução pessoal” (24 anos, estudante do curso de Ciências Sociais)

Esclarecemos que esta seção tem um caráter apenas ilustrativo das motivações pelas quais os jovens se sentiram atraídos pelo MIRE, do que uma explicação das motivações destes mesmos jovens. Considerei interessante considerar tais formulações que eles próprios tecem. O que nos salta aos olhos, numa rápida análise das respostas, é a valorização da mística no processo de militância. Ora, todos (ou melhor quase todos) apontam a “transformação social” e a militância como uma necessidade. Não se discute isso. Agora, a novidade reside (e é aqui o grande “X” da questão) justamente na valorização e na importância atribuída a mística *na* militância. Afinal, militantes todos são ou desejam ser. Todavia, desejam a valorização deste elemento a mais para sua militância. Sou levado a pensar que estaria implícito, nesta valorização da mística, uma falência das ideologias políticas de esquerda (que tinham como horizonte último o socialismo) que motivavam muitos cristãos a abraçar inúmeros movimentos sociais? As ideologias teriam perdido o fôlego para manter acesa a motivação desses cristãos que desejam engajar-se nas lutas por transformações sociais e, portanto, estes estariam em busca desta motivação numa retomada da mística?

5.4 “O Grupo da PUC”

Eram 19:00h, quando soubemos através de um guichê da rodoviária de Juiz de Fora que só teria passagem para o Rio às 03:00h. Fazia frio e estávamos muito cansados e desiludidos com a notícia que acabamos de receber.

O cansaço das atividades do fim de semana eram superados pelo entusiasmo que enchia nossos corações. Estava difícil acreditar a grande empatia em um grupo de pessoas que se conheceram há apenas 3 dias. Talvez os sonhos, as utopias ou os anseios vivenciados fossem a explicação de tamanha acolhida entre nós.

Johny tentou meditar no banco da rodoviária. Auderi, Francisco e Cristiane discutiam sobre o livro “o indivíduo e o socialismo”. Edmilson, Adriana e Simone, que já se conheciam,

estavam discutindo sobre os problemas do mandato do vereador Tafarel. Fagner peregrinava por toda rodoviária buscando soluções para o nosso retorno.

“Alguém está com fome?” Pergunta um companheiro esperando uma resposta positiva e em coro. Quando nos demos conta, estávamos em uma mesa comendo pão de queijo e fazendo nossa primeira reunião de núcleo, mais tarde batizado de Núcleo São João Batista.

O interessante foi que, a maioria de nós, não conhecia a proposta do movimento, motivo este que nos levou ao 1º Encontro Nacional do MIRE em Cachoeira do Campo e causa dos primeiros parágrafos citados.

Hoje, dois anos depois, nos reunimos na PUC quinzenalmente às quartas-feiras. O núcleo cresceu. Vieram somar a nós Camila, Lindara, Bruno, Carlos Bruno, Patrícia, Aline, Paulo e Pedro, semente de esperança para um futuro MIRE Latino-Americano.

Em nossas reuniões, entre discussões, meditações, críticas e orações, crescemos juntos em amizade e afeto, alimentando nossa utopia na espera de um Reino que também é nosso.

5.4.1 Auderi - Núcleo São João Batista – RJ

Este pequeno texto foi redigido por um dos jovens do núcleo da PUC para o boletim mensal do movimento (o *mirante*) que é enviado a todos os membros do MIRE através da Internet. Assim como este, existem inúmeros “perfis” dos diversos núcleos do MIRE pelo Brasil afora. Cada qual com sua história, suas características e suas especificidades, portanto não existe um padrão único para os núcleos, pois cada qual surgiu e atendeu a circunstâncias específicas. O objetivo das linhas abaixo é dar conta deste núcleo específico sem, contudo, pretender dizer o que *é* ou o que *são* os núcleos do movimento.

Em primeiro lugar, percebe-se (após estes meses de convivência com os jovens do MIRE) a característica do movimento em possibilitar a agregação de pessoas que já possuem uma certa experiência de participação, seja ela pastoral ou não. Neste caso, o núcleo em destaque é exemplar pois, das oito pessoas mais frequentes às reuniões⁹⁷, seis tem ou tiveram forte

⁹⁷ Destes oito jovens que regularmente frequentam as reuniões, apenas um não me respondeu o questionário.

participação pastoral (lembro que todos se auto-declararam católicos). Vejamos, então, como se deu a gênese deste núcleo e sua posterior organização.

O evento ao qual o texto acima se refere foi o *1º Encontro Nacional do MIRE* ocorrido em dezembro de 2001. Para este evento foram, de vários estados, jovens participantes ou não de núcleos do MIRE que, à época, já contava com quase um ano de vida. O Rio de Janeiro já possuía um núcleo na Baixada (em Caxias) e enviou uns poucos representantes. No entanto, os jovens que saíram da PUC-RJ não era de nenhum núcleo (alguns nem se conheciam antes desse encontro). Todos estavam indo no intuito de conhecer melhor o movimento e sua proposta. Vejamos como se deu esta viagem dos “jovens da PUC” para o tal evento.

Na verdade, o que se deu foi que alguns jovens da PUC, participantes da Igreja e membros do Diretório Central Estudantil (DCE), resolveram participar do encontro do MIRE e para tal pediram ajuda à Reitoria para que custeasse um ônibus de modo que eles pudessem participar do evento. E para completar o ônibus abriram a possibilidade para que outras pessoas pudessem ir também. Várias pessoas manifestaram desejo de participar do evento, no entanto houve alguns problemas e, em vez do ônibus conseguiu-se o dinheiro para custear as passagens de algumas pessoas que, desde o início, se interessaram (estas foram: Amauri, Edson, Ariana, Suzane, Jonas, Cristiane, e Francisco). Vejamos como alguns desses jovens, mesmo não sendo da PUC, se juntaram aos alunos dessa universidade.

Começamos pelos jovem Amauri, 28 anos, já era membro atuante da Igreja antes de conhecer o MIRE. Atualmente ele se declara participante da Pastoral da Comunicação (da Diocese de Volta Redonda) e já participou de grupos da Pastoral da Juventude nesta Diocese⁹⁸. Este jovem tomou conhecimento do MIRE num encontro do *Movimento Fé e Política* em 2000 e se disse atraído pela proposta do MIRE que ia de encontro a uma certa prática religiosa da qual ele já comungava e se inscreveu interessado em conhecer melhor o movimento. Na época do 1º Encontro Nacional do MIRE (em 2001) este nosso jovem era aluno da PUC. Alguns outros estudantes, ligados ao movimento estudantil e à pastoral desta universidade, estavam organizando aquele ônibus (já citado algumas linhas atrás) para o evento do MIRE. Sem pensar duas vezes o Amauri se inscreveu interessado em participar da viagem para o tal encontro. Era uma maneira de conhecer melhor o novo movimento e estabelecer novas relações de participação fora de sua Diocese de Volta Redonda.

⁹⁸ Amauri, embora more no Rio de Janeiro dividindo um apartamento com amigos, ainda, mantém forte contato com

Os jovens Edson, Ariana e Suzane têm suas histórias de aproximação ao MIRE muito parecidas. Antes cabe destacar que todos são católicos e membros atuantes de uma pequena capela na Chatuba – um bairro pobre da Baixada Fluminense – onde participam das diversas atividades dessa comunidade (na Coordenação da Capela, catequese de crianças e jovens). Ariana e Suzane são irmãs e, desde cedo, influenciadas pela mãe (que há anos participa das atividades da igreja), atuam na mesma comunidade. O jovem Edson tem a sua história de militância iniciada na Bahia, onde foi membro da Pastoral da Juventude e fez parte da Coordenação Regional (e depois da Coordenação Nacional) dessa pastoral. Sua história de atuação pastoral é antiga e, ao se mudar para o RJ, não perdeu sua ânsia de participação. Ao conhecer Ariana (sua atual namorada) e Suzane, após um período aqui no Rio de afastamento da pastoral, iniciou um processo de reaproximação e integração à Igreja, neste caso, à Diocese de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Estes três jovens participaram do Encontro Nacional do Movimento Fé e Política em 2000 (aquele mesmo no qual também estava o Amauri). Foi durante esse evento que também esses nossos amigos tomaram conhecimento do MIRE e por este se interessam e, assim como outros, se cadastraram, iniciaram contato com a secretaria do movimento e ficaram aguardando resposta. Ariana em 2001, assim como Amauri, era aluna da PUC (do curso de História) e também ficou sabendo do tal ônibus para o evento do MIRE. Ela motivou os outros dois (Edson e Suzane) e estes também se inscreveram para o ônibus...

Os dois próximos jovens, Jonas e Felipe, nós já conhecemos e sabemos como eles chegaram ao MIRE. Apenas lembraremos como se incorporaram ao ônibus que os levaria ao encontro do MIRE. Jonas, então da PUC, aluno do curso de Direito, também se inscreveu para o ônibus que sairia daquela universidade. No entanto, sua trajetória para o MIRE passa por outros caminhos. Conforme já vimos. Este jovem, desde o Ensino Fundamental (antigo 1º grau) participava dos movimentos estudantis das escolas nas quais estudou. Após o término do Ensino Médio (antigo 2º grau) ele fez parte de um Pré-Vestibular Comunitário o que lhe possibilitou prestar, com sucesso, o vestibular para o curso de Direito da PUC. Nessa instituição, ele ajudou a organizar um movimento de alunos egressos desses cursinhos comunitários e também participou do Diretório do Centro Acadêmico (DCE) dessa mesma instituição. Por sua vez, este DCE, contava com a participação de estudantes oriundos de movimentos da Igreja (ele afirma: “Foi aí que tive contato com o pessoal da Teologia da Libertação e isso me fez ficar mais ligado nessa

questão de fé e política, sacou?”) e foram estes que divulgaram o encontro do Movimento Fé e Política em 2000 (aquele no qual foi lançado o MIRE, lembra?). E, assim como os outros acima, foi ao participar desse encontro que ele conheceu o MIRE e depois manifestaria o mesmo desejo de integrar o ônibus para o Retiro do MIRE em 2001.

E, por fim, o jovem Felipe, assim que ele tomou conhecimento do MIRE, passou a partir dali buscar maiores informações sobre o movimento, se cadastrou e passou a receber informações e, mais tarde, incentivos de um dos frades da congregação dominicana. E, então, ele resolveu participar (mesmo sem conhecer ninguém e, segundo afirmou, “na cara e na coragem”) do 1º Encontro Nacional do MIRE ocorrido em 2001. Durante esse encontro ele conheceu os outros jovens que haviam saído da PUC para participar desse mesmo evento. Enfim, com este ultimo personagem, fechamos aquilo que considero ser a base fundamental do núcleo São João Batista que começaria a nascer neste evento do MIRE.

Portanto, os jovens que saíram do Rio sem, praticamente, se conhecerem, acabaram voltando de MG com um núcleo quase formado. Na verdade, embora num primeiro momento pareça que tenha sido algo assim “casual”, algumas circunstâncias favoreceram tal “unidade” desses jovens. Explicando um pouco melhor: Embora já estivessem jovens naquele encontro “representando” o Rio, estes que saíram da PUC eram em maior número do que aqueles de Caxias que eram, de fato, os “representantes” do MIRE que existia no Rio. Logo, com as constantes atividade em grupos que foram sendo feitas durante o referido encontro, estes nossos jovens optaram por se tornar um “grupo” à parte, pois nenhum deles era membros do MIRE ainda! Hoje, o jovem Edson explica que foi assim que se referiam a eles durante o Encontro como “o grupo da PUC”. E, como naqueles três dias eles se mantiveram sempre juntos e já havia uma pré-disposição a ingressarem no movimento, resolveram então se constituir como um núcleo de fato e escolheram a PUC como a “sede” do grupo, posto que a maioria era aluno daquela instituição.

Portanto, se num ônibus partiram alguns jovens com idéias e motivações diversas a cerca do MIRE, num outro ônibus voltaram jovens de um núcleo recém fundado. E, embora alguns tenham deixado o movimento, não há de se negar que estes jovens se converteram num dos principais (senão o principal!) núcleos do movimento *Mística e Revolução* no Rio de Janeiro. E isto se comprova de uma tal forma que o núcleo São João Batista tem despertado a admiração, em quase todos os eventos (conforme ouvi depoimentos de *mirantes* de outros estados num outro

Encontro Nacional em Machado/MG) nos quais seus membros participam, pela amizade e integração entre seus membros.

5.5 A primeira reunião

Retomaremos agora àquela primeira reunião do núcleo São João Batista da qual participei: Era uma sala minúscula, uma grande mesa ao centro e os presentes estavam sentados em círculo em torno desta. Algumas agendas, cadernos de anotação sobre a mesa e um livro de Dalai Lama “*No Caminho da Tranqüilidade*”⁹⁹. Eram nove pessoas, todos jovens na faixa etária entre 20 e 30 anos. Curiosamente aquelas pessoas não lembravam o “tipo” classe média alta (tão associada à PUC), seja pela cor, pela roupa... Em resumo, naquele primeiro momento recordo que me identifiquei muito com o grupo, pois havia ali - nos discursos e nos gestos - uma certa familiaridade com outras experiências vividas por mim na Igreja.

Antes de continuar com o grupo, coloquemo-nos mais sobre essa minha sensação de proximidade. Sobre a questão da *familiaridade*, *proximidade* e mesmo *identificação* com o objeto, devemos estar atentos ao que nos alertou Velho (1999, p. 128): “Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática”. Podemos pensar também (e, de fato, penso) que existem algumas vantagens de se pesquisar uma “sociedade” próxima às nossas experiências, embora esteja claro pra mim que essa proximidade não é condição necessária à validade da análise científica. Por exemplo, Cicourel (1980, p. 88) nos ajuda nesse aspecto ao pôr tal proximidade como garantia de um mínimo de sucesso:

O sociólogo que limita o seu trabalho à sua sociedade está constantemente explorando o seu fundo de experiências pessoais como base de conhecimento. Ao fazer entrevistas estruturadas, utiliza o seu conhecimento de significados conseguidos através da participação na ordem social que está estudando. Terá um mínimo de sucesso garantido na comunicação pelo simples fato de que lida com a mesma linguagem e com o mesmo sistema simbólico dos seus entrevistados

⁹⁹ Um trecho desse livro foi lido para meditação final, onde ficamos alguns minutos em silêncio profundo seguido de pequenas colocações sobre o que “sentimos” com leitura feita. Rezou-se um Pai Nosso ao final.

Voltando à realidade da reunião e aos *nativos*¹⁰⁰ que acabara de encontrar: O jovem (Amauri), que me pareceu à época o “coordenador” do grupo, propôs uma rápida apresentação dos presentes (a começar por ele mesmo) com nome e qual faculdade haviam cursado ou estariam cursando. Superficialmente lembro-me do perfil geral dos presentes: eram nove jovens, sendo quatro rapazes e cinco moças; a maioria era aluno da PUC, mas havia também uma aluna da UERJ e dois da UFRJ; três desses jovens eram moradores da baixada Fluminense.

Naquele dia observei toda a reunião e quase não me pronunciei, embora houvesse a preocupação do “coordenador” em me situar em cada discussão levantada. Foi uma reunião extremamente participativa, na qual a maioria se pronunciava a respeito do assunto abordado. Em nada diferia das reuniões a que eu estava acostumado a participar nos grupos de jovens da Igreja. O Amaury fazia o papel de coordenador e mediador das exposições e o fazia com habilidade e firmeza, procurando articular um discurso ao outro, mesmo quando estes discordavam entre si. Lembro que naquele primeiro momento estavam avaliando um evento do MIRE ocorrido meses antes.

O primeiro fato que me saltou aos olhos neste primeiro encontro foi a reclamação, quase unânime, de que o referido evento tinha uma proposta mais “experimental” da mística, ou seja, o encontro havia sido estruturado em cima de “oficinas de meditação”, para que os jovens aprendessem mais sobre os tipos e técnicas de meditação na prática. Mas, segundo a avaliação geral naquele momento, o objetivo do encontro não fora alcançado, porque ouviu-se muita teoria sobre meditação sem, contudo, experimentá-la na prática durante o encontro.

Após o momento de avaliação do referido encontro, passou-se para uma discussão a cerca das estratégias para a participação do núcleo num encontro nacional (em Goiás) do *Movimento Fé e Política*. Combinou-se que dois dos participante elaborariam uma “carta-solicitação” com a qual pleiteariam ajuda financeira para o aluguel de um ônibus para o referido evento em Goiás.

Algumas instituições foram apontadas como possíveis colaboradoras: a própria PUC, a Editora Vozes, o ISER–Assessoria, algumas Congregações Religiosas (Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Dominicanos) e os gabinetes do Deputado Federal Chico Alencar e de um Vereador da Baixada Fluminense (Nova Iguaçu). No entanto, muito mais pela desorganização do

¹⁰⁰ Viveiros de Castro (2002, p. 1) defende que “o nativo não precisa se especialmente selvagem ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra...”

grupo à época, o fato foi que tal auxílio não foi obtido e quase ninguém do MIRE carioca foi ao encontro do *Movimento Fé e Política*.

Ao final da reunião o coordenador solicitou a uma das participantes (Suzane) que lesse um trecho, previamente selecionado por ela, do livro “*No caminho da Tranqüilidade*” de Dalai Lama. A passagem da obra apontava para as virtudes e benefícios da paz que devem ser cultivados, em primeiro lugar, no interior de cada indivíduo e que uma vez conseguindo isso a pessoa se tornaria um agente da paz. A leitura foi feita com extremo cuidado, respeitando-se cada pausa, cada vírgula e cada ponto de modo que todos pudessem acompanhar e compreender a leitura e a mensagem transmitida pelo texto. Após uma atenta escuta, seguiu-se alguns intensos minutos de silêncio para a reflexão e a meditação da leitura feita. Por fim, tal silêncio foi quebrado pelo coordenador por um misto de oração-reflexão sobre a leitura feita. Tal atitude foi igualmente seguida pelos demais participantes, inclusive eu mesmo. Afinal, seria importante me fazer cada vez mais próximo do grupo... Encerrou-se com a oração de um Pai Nosso e, como que despertados de um êxtase, um clima de tranqüilidade e serenidade tomou conta do ambiente, após a acalorada e participativa reunião.

5.6 A unidade a partir da Utopia

Após estas considerações a cerca da primeira reunião que participamos tentaremos, nas linhas seguintes, aprofundar nosso olhar, a partir de nossa convivência no núcleo escolhido, sobre o movimento *Mística e Revolução*. O que se pode perceber até aqui, após esses meses de *observação participante*, é que existe um referencial que parece ser comum aos jovens do MIRE, ou seja, há uma mesma origem religiosa na maioria dos jovens, posto que muitos vieram de uma militância católica. De um lado, temos uns poucos que ainda permanecem com vinculação à Igreja e outros que optaram por afastar-se da militância na instituição católica pois, talvez para estes, a pertença ao MIRE preencha este espaço reservado ao “sagrado” na vivência de sua religiosidade, outrora ocupado pelas pastorais católicas que, segundo alguns reclamaram, estão “cada vez mais influenciadas pelo movimento da Renovação Carismática Católica”.

No primeiro caso, aqueles que ainda mantêm vínculos com a igreja, alguns jovens nos afirmaram que buscavam – com essa dupla pertença – um “equilíbrio”, ou seja, participam em suas paróquias das missas, catequeses e os rituais da Igreja para manter acessa a dimensão do sagrado de sua identidade “católica” e, por outro lado, aderiram ao MIRE no intuito de, fora dos espaços limitados da igreja, poderem discutir temas como *política nacional e partidária*, *conjuntura econômica* e outros assuntos que em suas paróquias não têm ganhado espaço ou, se o possuíam, o perceberam se estreitando gradativamente.

No segundo caso, ou seja, aqueles que optaram por se afastar de uma atuação pastoral mais específica, percebe-se um certo “cansaço” em continuar atuando no espaço estritamente eclesial no qual têm de conviver com grupos carismáticos cada vez mais legitimados com seus discursos e pouco ou nada afinados com um tipo de atuação pastoral, baseada no *catolicismo de libertação*, com o qual estão afinados. Portanto, em função destas circunstâncias, os jovens desse segundo caso optaram pelo desligamento definitivos dos vínculos pastorais com suas paróquias.

Portanto, após estas observação, podemos sugerir que o MIRE parece atender a duas necessidades específicas. Para uns, aqueles que sentem a necessidade de manterem acessa a sua religiosidade católica através dos rituais e celebrações da Igreja, o núcleo do MIRE seria um “espaço de discussão e debate” que, em suas paróquias, inexistente ou vêm perdendo terreno; para outros, aqueles que romperam vínculos pastorais, o núcleo atenderia a necessidade de se manter viva sua religiosidade, no entanto, agora mais aberta e menos institucionalizada com suas pequenas celebrações e rituais de meditação e estes “momentos”, os mirantes, englobam numa categoria: *mística*. Em suma, esta “mística” proposta e vivenciada no MIRE parece lhes atender como expressão e vivência de suas próprias religiosidades. Portanto, podemos concluir que o movimento *Mística e Revolução* não atende às demandas dos jovens, que do MIRE participam, da mesma maneira, ou seja, para cada qual o movimento atende uma demanda ou necessidade específica.

Embora a partir de motivações diversas e atendendo a necessidades específicas, o MIRE tem possibilitado a unidade dessas diferenças. Defendemos, tal qual Leite (2003, p. 83) em seu excelente artigo sobre o Movimento Popular de Favelas, que o ponto de partida para o MIRE parece ter sido o pertencimento a uma “comunidade lingüística” ou seja, segundo Weber (apud NOVAES, 2002, p. 70), é aquela comunidade que possui um patrimônio cultural comum e específico que possibilita a compreensão mútua de seus membros. De fato, percebemos que, a

despeito das demandas distintas, há um “pano de fundo” comum às motivações dos jovens pelo MIRE.

Contudo, enquanto esta “comunidade lingüística” se articularia tendo por base o “Catolicismo da Libertação” segundo o caso pesquisado por Leite (2003, p. 83), aqui para este trabalho – no lugar de *catolicismo da libertação* – preferimos a conceituação um tanto mais ampla de Löwy (2000, p. 57) “Cristianismo da Libertação”, posto que o MIRE é composto não apenas por católicos, mas também por membros de outras denominações cristãs. Tanto os primeiros quanto estes últimos sonham com a “libertação do homem” das estruturas da opressão (em última instância do capitalismo) e com a libertação do homem “de si mesmo”, ou seja, do egoísmo que o impede de enxergar os mais pobres. Em resumo, podemos afirmar que, os participantes do MIRE, tenham a origem religiosa que tiverem, manifestam o sonho da mesma utopia, sistematizada na chamada *Teologia da Libertação*.

Embora o próprio nome - *Mística e Revolução* - do grupo já nos indique uma busca pela articulação entre estes dois elementos, aparentemente, contraditórios¹⁰¹ e sua pretensa natureza, é ouvindo o que dizem e vendo o que fazem é que se pode perceber a ênfase e a importância desta auto-denominação. Vejamos adiante como estas categorias estão sendo partilhadas nas reuniões e eventos do MIRE.

5.7 A Mística como um “momento forte”...

A *mística* como a vivência da espiritualidade associada à política (LEITE, 2000, p. 92), parece ser o elo de ligação entre os jovens do MIRE. Ora, a grande novidade desta revalorização da mística repousa no fato de que esta é alimentada por fontes outras que não apenas a tradição cristã. A título de exemplo: primeiro, podemos lembrar que uma das assessoras do movimento em SP é a Reverenda Coen, uma das maiores autoridades do Zen Budismo no Brasil e, segundo

¹⁰¹ Frei Betto, por exemplo, defende em um artigo encontrado na Internet (www.adital.org.br) que estes dois elementos podem ser simultâneos: “Predomina entre os cristãos a idéia de que mística nada tem a ver com política (...). É interessante constatar que os grandes místicos foram simultaneamente pessoas mergulhadas na efervescência política de sua época: S. Francisco, S. Tomás de Aquino, Catarina de Sena, Tereza de Ávila, S. João da Cruz...”

(conforme já analisamos), lembramos as diversas referências às “tradições orientais” feitas por Frei Betto.

Contudo, mesmo defendendo a importância de se beber noutras fontes, os grupos tem autonomia para adotarem o estilo de vivência da espiritualidade que mais se adapta aos membros do grupo. O núcleo da PUC, por exemplo, prefere adotar o estilo “cristão” de meditação, ou seja, em vez de se ficar recitando “mantras” ou concentrando-se na respiração, as meditações que fazem, ou melhor, que fazíamos durante as reuniões eram da seguinte forma: Sentados em círculo, no chão ou em cadeiras, iniciava-se com um profundo silêncio por alguns minutos, em seguida era lido um trecho da Bíblia e sobre este trecho era-nos sugerido que refletíssemos sobre ele... e ali ficávamos sentados (em torno da Bíblia, de uma vela acesa - a sala em penumbra -, às vezes flores também era providenciada) por vários minutos e, certamente, não menos que meia hora. Posso afirmar que era este o momento mais esperado da reunião e, quando terminávamos, uma certa sensação de leveza e tranqüilidade nos tomava. Alguns nem faziam questão de chegar no início da reunião a tempo para as discussões e debates, mas faziam questão de participar desses momentos de meditação.

Por diversas vezes, a pouca ênfase ou importância dada à mística em algumas reuniões anteriores era objeto de intensas críticas. Por exemplo, durante uma das reuniões, a fala de dois jovens em momentos distintos revelaram a importância desta *dimensão mística* para o grupo: “é ela que dá o sustento pra nossa luta política, para nosso cotidiano e para nosso objetivo maior que é a transformação da sociedade. Mais adiante um outro jovem, reclamando da pouca ênfase dada à esta dimensão num evento do grupo, revela igual preocupação com a “experimentação” da mística através da meditação:

O encontro foi legal... mas ao falar de mística, a gente tem de falar de ‘ascese’, pra falar de ascese tem que ver o que é ‘espiritualidade’ e não existe um tipo só de espiritualidade, pois tem a espiritualidade Ocidental, a Oriental... A gente tem que saber isso. Mas experimentamos pouco. (Edson, 30 anos, membro do PT e ex-dirigente da PJ)

A mística é encarada, por alguns, como um “momento” dos encontros. Nas reuniões que fazíamos, de preparação ou estruturação dos elementos que não podiam faltar nos nossos encontros, era assim definida a estrutura para qualquer reunião: para a primeira parte havia os momentos dos “informes” (avisos de atividades do MIRE ou de outros eventos - palestras ou encontros diversos que poderiam ajudar na formação dos jovens. Por exemplo: divulgou-se um

encontro sobre Direitos Humanos na PUC, lançamentos de livros do Leonardo Boff e outros, Cursos de Espiritualidade oferecidos pela PUC e etc), seguido por um momento de discussão e debate a cerca de um tema sugerido e, na terceira parte, era o “momento” da mística. Este, invariavelmente, seguia o modelo e a estrutura, acima descrito: Primeiro, a leitura de um trecho da Bíblia (esta, na maioria das vezes, embora já se tenha lido trechos de textos de Frei Betto – grande incidência também de Leonardo Boff e, inclusive – umas poucas vezes é verdade – pequenos trechos de S.S Dalai Lama), silêncio para reflexão e, em algumas ocasiões, encerrando-se com a oração do Pai-Nosso. Cabe destacar que, segundo análise de alguns jovens do núcleo S. João Batista, o grupo quando começou a investir mais atenção e cuidado nesses “momentos de mística melhorou bastante”¹⁰². Os outros núcleos têm tentado seguir este modelo mas, ao que nos parece, sem conseguir.

Estes momentos de meditação ou de “mística” não são sempre iguais, embora sejam sempre – tenham eles a forma que tiverem – momentos de intensa compenetração. Ora enfatiza-se os elementos católicos comuns à maioria do grupo, ora estes elementos são praticamente desprezados. Para este último caso, relembro (o que me causou profundo desconforto devido a minha formação e identidade católica) um encontro que tivemos no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC, onde todos estavam na capela desta casa de formação (com todos os símbolos pertinentes a um ambiente como aquele: altar, sacrário, crucifixo e etc) e ali permanecemos por quase uma hora. Contudo, nenhuma referencia foi feita aquele espaço do ritual considerado “sagrado” pelos católicos. Ao contrário, o tom de voz, as brincadeiras e a postura de uma maneira geral dos jovens ali na capela, causaria calafrios em muitos religiosos zelosos pelo “deferência pela casa do Senhor”. Apesar de um certo espanto que aquilo me causou, isto foi importante, pois me ajudou a relativizar a primeira hipótese que tinha de que o MIRE era um movimento católico por excelência.

Contudo, algumas reuniões depois percebi que a identidade católica do movimento deveria ser analisada em função do público e da circunstância de cada evento. Por exemplo, quando o núcleo da PUC se reúne este *ethos* católico se manifesta quase que constantemente, pois por diversas vezes nossos encontros eram realizados ou precedidos por momentos de oração na *capela* daquela universidade com todos aqueles gestos tradicionais de católicos (benzer-se

¹⁰² Releia a avaliação de um membro da coordenação estadual na pág. 106.

com água benta à entrada e ajoelhar-se antes de entrar na capela, por exemplo) e respeitosos daquele ambiente (capela) como “sagrado”.

Para que se entenda melhor o que fazem os *mirantes* em seus encontros (quase) quinzenais, descreverei minuciosamente a seguir uma das inúmeras reuniões em que participei. Esta reunião em questão foi significativa pois, a partir dela, poderemos entender melhor o que tem sido para estes jovens (confesso que foi a partir desta reunião que isto ficou mais claro para mim), a participação neste movimento e o que, para nós Cientistas Sociais, constitui-se na “novidade” trazida pelo MIRE em comparação a outras pastorais da Igreja. Mantereí o texto tal qual consta no meu diário de campo, pois ele mantém o frescor e as impressões tais como me ocorreram à época. Acompanhe comigo essa reunião.

5.7.1 Reunião do dia 05/11/2003 (PUC)

Ontem cheguei à reunião do MIRE atrasado e a reunião já havia começado. Isso é bom, posto que o grupo parece estar buscando uma “melhora” no que diz respeito à seriedade dos horários estabelecidos, no desenvolvimento das reuniões em si e da questão da *mística*. Explicando melhor, nas primeiras reuniões em que participei havia um certo desleixo por parte dos membros do grupo quanto às reuniões do grupo: os horários nunca eram seguidos, as reuniões não possuíam uma ordenação clara e ao fim das reuniões, geralmente, optava-se por um burocrático Pai-Nosso para se encerrar os encontros. Mas isto parece estar mudando.

Em primeiro lugar, agora o grupo está se preocupando em começar as reuniões no horário (às 18:30h), tem-se procurado fazer uma oração inicial e tem-se preocupado em otimizar o tempo, ou seja, os responsáveis pela condução da reunião (a cada reunião dois jovens são escolhidos ou se oferecem para fazer a reunião seguinte) propõe uma pauta dos assuntos a serem discutidos e acolhe as sugestões que os outros membros propõe na hora do encontro; reserva-se a última hora da reunião para uma dinâmica e um momento de meditação que eles chamam “momento da mística”.

Voltemos então à reunião de ontem. Não apenas eu, mas outros membros também chegaram atrasados. A cada chegada, sorrisos de satisfação, abraços longos e afetuosos eram

trocados entre o recém-chegado e os que já estavam. Isso é um dado interessante: têm-se uma preocupação em demonstrar a amizade e o carinho entre os membros do grupo. Enfim, no momento de minha chegada estavam discutindo a ida do grupo ao Encontro Nacional do MIRE em Minas Gerais, na cidade de Machado (que fica entre Juiz de Fora e Belo Horizonte). Discutia-se se o grupo organizaria a sua própria situação, ou seja, como iriam fazer a viagem, isto é, se iríamos de ônibus fretado, se iríamos pela rodoviária Novo Rio, de carro e etc. A dúvida estava se o núcleo da PUC se preocuparia consigo apenas ou se preocuparia também com os outros núcleos. Dizia a jovem Carolina¹⁰³,

é claro que nós pensamos o MIRE como um movimento, a gente não pode esquecer essa dimensão do ‘todo’, no entanto, a gente tem que se preocupar conosco também... senão a gente fica esperando o coletivo, o coletivo...e o negócio não anda. Para o Encontro Nacional do Fé e Política foi assim... eu fiquei esperando, esperando e acabei não indo.

Com a chegada do Amauri, este esclareceu que os outros núcleos estavam organizando a sua própria ida pela rodoviária. Levantou-se então a sugestão de irmos de carro, coloquei-me à disposição e ofereci meu carro para esta viagem. O Amauri também. Pronto, teríamos então dois carros para um total de dez pessoas interessadas em ir. Restaria então fazer o cálculo do combustível necessário para pensarmos no quanto precisaríamos de dinheiro. Esta opção, pareceu ser, sem dúvida a mais econômica para todos.

O Edson, como responsável pela reunião, ficava o tempo todo alertando sobre o horário, para que não fossemos muito prolixos e sim mais objetivos, senão o não cumpriríamos o cronograma da reunião. Embora esta atitude gerasse tímidos protestos, a maioria, de certa forma, concordava com a atitude do Edson. E assim se deu, com “mão-de-ferro” (tarimbado que era de reuniões da PJ da qual era dirigente), o coordenador do dia manteve a disciplina do horário. Como eu havia sido escolhido para fazer parte da secretaria do grupo, pediram-me para que repassasse as datas já definidas aos que ausentes estavam da última reunião. E assim o fiz, enquanto falava pausadamente as datas os demais as anotavam em suas agendas.

O grupo reforçou a idéia, proposta pelo Amauri, de fazer um convite ao Frei Paulo, um Dominicano que viria fazer uma palestra ao grupo sobre o Dia de Zumbi, na reunião do dia 19/11. O Amauri havia sugerido também que convidássemos alguns religiosos para falar sobre a

¹⁰³ Esta jovem foi uma das pessoas que, num primeiro momento, manifestara desconforto com a minha intenção de fazer a pesquisa com o grupo. No entanto, desde aquela reunião eu nunca mais a vi nos encontros do MIRE. Salva,

espiritualidade de suas congregações. O primeiro, por exemplo, poderia ser - sugeriram - algum jesuíta ali da PUC mesmo para falar sobre a “Espiritualidade Inaciana”, ou seja, comentar com o grupo sobre os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Ademais, para ampliar nossos horizontes, seria interessante também, segundo ele, convidar outros religiosos de outras congregações, tais como *Benedictinos*, *Franciscanos*, *Dominicanos* e etc. A idéia foi unanimemente aceita. Contudo, tal proposta seria amarrada na programação que seria feita no final do ano, posto que só nos restam quatro reuniões até lá.

Fizemos, a meu pedido, uma breve avaliação do encontro de convivência (na casa da Paloma), onde os presentes daquele encontro colocaram suas impressões sobre o mesmo. Comecei afirmando que seria interessante definir o quanto este tipo de encontro é importante para o grupo. Segundo o que o Amauri havia sugerido como objetivo destes encontros que é a possibilidade de termos um outro momento de nos encontrarmos, apontei o pouco envolvimento percebido dos membros para com este evento, no que diz respeito ao horário e à própria presença dos que haviam confirmado e, contudo, não compareceram. Tal impressão colocada por mim foi aceita, em parte, pois o Edson, por exemplo, apontou a importância daquele encontro para a própria situação que a Paloma havia passado naquela semana. Segundo ele, esta jovem tem problemas sérios de depressão e, portanto, aquele encontro em sua casa fora extremamente importante para ela. Nesse momento, nos demos conta de que ela não viera à reunião. O Jonas pediu que ligássemos para ela e quando perguntado porquê, ele apenas se limitou a dizer que era importante que o fizéssemos...

Com o término o horário, o Edson passou a palavra à Suzane. Esta, apoiada num livro sobre como fazer dinâmicas de grupo (este livro é muito usado por agentes de pastoral que desejam dinamizar seus encontros), propôs uma atividade em duplas, onde cada uma, a partir de seus nomes, criariam outras palavras. Os membros do grupo procuraram se envolver profundamente com a atividade proposta e, ao final, reunidos no grande grupo partilhou-se as palavras formadas e, em síntese, apontou-se para a dimensão da partilha e do quão uns dependem dos outros e de quanto um complementa o outro e que, a partir desta consciência, grupo pode fazer muitas coisa pelo outro e pela sociedade. Ainda nesta parte pediu que circulássemos pela sala (enquanto isso colocou uma música da Legião Urbana) e olhássemos nos olhos de cada

membro. Rodávamos em círculos e a cada membro encontrado, olhava-se nos olhos e dávamos abraços uns nos outros, várias e retidas vezes.

O último momento da reunião foi reservado à meditação, ou melhor, à mística. A jovem responsável por esta parte estendeu várias panos pelo chão para que sentássemos, algumas velas decorativas, a bíblia aberta próxima as velas e um pequeno vaso de flores artificiais. Apagou as luzes. Tal arranjo de ambiente tem se repetido nas últimas reuniões. Após ter preparado tudo convidou os presentes a sentarem (se quisessem poderiam tirar os sapatos) sobre as cangas¹⁰⁴ em círculo, convidou a todos que fechassem os olhos e prestassem atenção à leitura que ela faria. Então, ela leu um texto sobre a liberdade e a doação dos cristãos, mais precisamente sobre a missão do jovem no mundo e, em seguida, leu um outro texto bíblico. Fez-se uns 20 minutos de profundo silêncio, pois a idéia era refletir e meditar sobre os textos. Após este tempo de silêncio convidou-nos a sentarmos próximos uns dos outros e iniciássemos massagens nas costas de quem estivesse mais próximo, de modo que as duplas trocassem de posição após alguns minutos. Foi um momento de profundo relaxamento. O que poderia ser um momento de constrangimento, pois pares de homens forma formados para que se massageassem. Após esses momentos de trocas, Suzane pediu-nos que ficássemos de pé e, de mãos dadas, alguém fez uma pequena reflexão sobre o momento. O Edson¹⁰⁵ foi a pessoa responsável por este momento. Segundo ele, o grupo estava “melhorando”, as reuniões estavam ficando melhores, pois agora sim estavam dando mais atenção à questão da mística, da meditação e da oração. De mãos dadas passamos a um grande abraço coletivo. A conclusão do jovem Edson apontou para importância que estes momentos teriam para os *mirantes*:

Isso é muito bom e importante pra nós, pois é com isto é que vamos ter forças pra nossa luta diária. O grupo é um lugar importante pra nós, pois aqui conhecemos amigos de verdade, onde podemos tocar, abraçar e beijar nossos irmão sem preconceito, sem piadinhas.

Após esta reflexão final do jovem Edson rezou-se um Pai Nosso e despedimo-nos. Um dos problemas de acompanhar o MIRE, nestas reuniões de quarta-feira é o pouco tempo que se tem pra que possa conversar com os membros pois, ao término das reuniões, a maioria está

¹⁰⁴ Canga é uma peça do vestuário feminino próprio para uso na praia.

¹⁰⁵ Este jovem foi durante alguns anos membro e coordenador da PJ na Bahia, tendo representado esta pastoral em nível nacional. É membro de um diretório do PT na Baixada e, agora, está retornando à atividades pastorais na

ansiosa para voltar para casa, não que não gostem de ficar juntos, mas é muitos vêm do trabalho, da faculdade para o grupo e, após uma longa ausência de casa, desejam retornar o quanto antes devido ao cansaço e ao desconforto da falta de um bom banho. Enfim, é sempre assim, após cada reunião o grupo rapidamente se dispersa...

Durante um dos eventos do MIRE na Baixada Fluminense, a idéia de mística como um momento ficou ainda mais clara. No domingo pela manhã, enquanto o Jonas fazia um relatório sobre sua participação no curso sobre *Realidades Brasileiras* promovido pelo MST, destacando as principais atividades vivenciadas e as palestras dadas, ele destacou que os momentos fortes para ele eram os “momentos da mística”. Como assim, Jonas, ‘momentos de mística’? Indaguei sob o olhar atento dos outros presentes. “Ah, a gente sempre pegava um símbolo, uma bandeira, uma Bíblia, água... depois lê um texto, uma poesia... sei lá. Nesse momento parece que tá todo mundo unido, sacou?”. Continuamos nosso debate “particular em público”, lhe provoqueei: Sei lá... isso me parece mais uma celebração... A *mística* não seria algo anterior que alimenta essa celebração? “Não, Paulo. Você fala isso porque é católico. A gente não chama isso de celebração. Esse momento é a mística. Sacou?” Diante de meu silêncio e de minha expressão de interrogação, ele arrematou: “Calma, depois, mais tarde no momento da mística você vai entender o que eu tô falando”. Acatei sua sugestão e restava-me, então, aguardar o “momento da mística” para ver se “entendia” melhor.

Após o relatório e debate sobre o curso promovido pelo MST chegamos ao “momento da mística”. Este mesmo jovem nos conduziu para o espaço externo da casa de retiro: um lugar agradabilíssimo, extremamente amplo, muitas árvores e um lugar que, de tão calmo e silencioso, podia-se ouvir com nitidez o canto dos pássaros e o barulho das folhas sacudidas pelo vento. Sentados em círculo e em silêncio permanecemos por alguns minutos, lentamente este jovem (Jonas) sobe num dos bancos e declama um poema de um poeta do MST; imediatamente após o poema três outros jovens se aproximam e encenam uma pequena peça teatral improvisada sobre a violência contra jovens; após a encenação o Jonas “explicou” a encenação e mais alguns comentários foram levantados sobre o quanto os jovens tem sido vítimas da violência atual; após os comentários ouvimos uma música que tratava da luta pela justiça e contra a indiferença das pessoas; fez-se novamente alguns minutos de silêncio e pediu-se que nos abraçássemos todos juntos e ainda assim - todos num grande abraço coletivo - mais algumas palavras foram

partilhadas sobre a importância da amizade e do carinho que deveríamos ter uns para com os outros e que, somente naquele clima de amizade e fraternidade, poderíamos ter força para a militância política.

Nos afastando um pouco agora da cena e tendo passado alguns dias... Sugerimos, enfim, que para esses jovens a *mística* se expressa e se traduz nesses momentos “fortes” de simbolismo e reflexão e que estes parecem traduzir, a partir do sonho e da utopia que cada um traz consigo, um sentimento de unidade entre eles. E, ainda, posto que estes momentos nos quais pode-se vivenciar esta experiência são cada vez mais raros, estes ganham contornos de intensa subjetividade e podem significar durante os encontros do MIRE um tipo de “reavivamento”, a partir de novas práticas, da própria religiosidade desses jovens.

5.8 A Revolução a partir de dentro

O ideal de revolução sugerido pelo nome do movimento assume noções diferentes entre o que consta nos textos do MIRE (conforme já expusemos num capítulo anterior) e no sentido atribuído pelos jovens percebidos em suas falas. Por exemplo, num dos eventos denominados *internúcleos* (este ocorrido em setembro de 2003) que contou com a assessoria de dois jovens do MIRE de SP, a todo instante estes que ministravam o tema “O pensamento revolucionário no Brasil” afirmavam que o MIRE “deseja” contribuir para a revolução social no Brasil e apontavam a ilha de Cuba como um modelo a ser seguido.

O discurso desses dois jovens paulistas revelavam um certo “vanguardismo” muito comum entre alguns movimentos revolucionários das décadas de 60 e 70:

O MIRE tem como objetivo ajudar na conscientização dos trabalhadores da cidade e do campo, através dos seus membros inseridos em diversos movimentos sociais, para a revolução social que precisa o Brasil.

Segundo estes jovens do MIRE paulista, o Brasil hoje atravessa um “processo revolucionário”, ou seja, não é a revolução “ainda” que se percebe no Brasil, mas a conscientização lenta e a mobilização dos vários movimentos sociais que tem o MST como ponto de referência. O discurso desses jovens não poupa o governo Lula:

O Lula não está ajudando no processo revolucionário do Brasil, pois ele se entregou, se ‘pelegou’. Se este governo não mudar seu rumo, teremos perdido mais uma oportunidade de fazer a revolução no Brasil. Precisamos continuar estudando, aprendendo, trabalhando nas bases para manter acessa a chama revolucionária!¹⁰⁶

Após as palavras dessa jovem se sucederam comentários de apoio e reiteração daquilo que ela havia dito. É bem da verdade que, nesses meses todos em que estivemos com os jovens do MIRE, nenhuma idéia parecida àquelas do jovens de SP foi sequer levantada. De fato, pelo menos no RJ, aquele ideal de “revolução invisível”, ou seja, através do trabalho de fortalecimento dos movimentos sociais (precedida, é claro, pela “revolução interior”, ou seja, pela mudança de si mesmo), pelas vias legais e pacíficas parece ser a opção adotada. Talvez, pelo fato de que o movimento aqui no RJ esteja marcado pela própria experiência de pastoral católica de inúmeros de seus membros, tal opção (aquela mais radical) nem sequer faça parte do debate.

Todavia, não é escusado lembrar que o termo revolução aparece, nos textos-base do movimento produzidos pela própria Secretaria Nacional, noutro sentido bem mais suave. Lembremos:

o termo expressa o sentido de ‘começar de novo’, tanto do ponto de vista pessoal como social; transformação radical de vida, na perspectiva do amor e da justiça, e da sociedade, na esperança de que ‘um outro mundo é possível, sem desigualdades e exclusões.

Contudo, nem sempre o sentido de algo ou de uma idéia é apreendido da mesma maneira por diversas pessoas. Ora, o sentido atribuído a um termo é apreendido por alguém de uma forma específica e isso tem a ver com a própria trajetória de vida desta pessoa. Pois bem, o que queremos dizer é que o termo *revolução*, constitutivo da identidade do MIRE pode estar sendo apreendido por alguns jovens de uma maneira bem diversa da entrevista do Frei Betto e dos textos produzidos pela Secretaria do movimento.

Exemplificando: naquele encontro assessorado pelos dois jovens vindos de SP, pude perceber que, de fato, o termo *revolução* tem um significado muito particular dependendo de quem o defende: Um jovem (SP), por exemplo, chegou a afirmar: “Ainda não é o momento de

¹⁰⁶ Este discurso foi proferido por um líder do MIRE-SP que veio ministrar um curso de formação política aos membros do MIRE-RJ.

fazer a revolução, de pegarmos em armas...(sic) Temos que nos preparar mais ainda.”. No entanto, neste mesmo encontro, uma jovem do núcleo da PUC pareceu não concordar com o discurso sobre revolução no sentido defendido pelos jovens da Coordenação Nacional, pois para ela esta “grande revolução” deve ser precedida de uma “micro revolução”:

Ler, estudar o pensamento de autores revolucionários é muito importante, mas precisamos canalizar nossas energias no ‘micro’, auxiliando os trabalhadores na base... às vezes a gente fica só na teoria. Devemos nos engajar mais nas bases. Se não estivermos organizando os trabalhadores quem os fará? Vamos dar conta de formar as lideranças, pois precisamos continuar organizando e formando os trabalhadores. O negócio é continuar trabalhando nas bases!

5.9 Como o MIRE trabalha suas próprias bases

Conforme já apontamos algumas páginas atrás, nem todos os membros do MIRE atenderam a convocação para atuar em algum movimento social. Portanto, é uma minoria que está “trabalhando nas bases” de outras organizações sociais visando a “conscientização e a formação” dos trabalhadores conforme sugeriu nosso jovem acima. E suas próprias bases? Como o MIRE está articulando e fortalecendo-as? Vejamos a seguir como o movimento tem trabalhado para a manutenção, através de algumas estratégias de sociabilidade e solidariedade, de seus membros.

Em primeiro lugar, os membros do movimento procuram sempre estar em contato através de uma lista de correio eletrônico da Internet. São inúmeras as mensagens trocadas semanalmente. Em geral são partilhas de textos e reportagens que *grosso modo* versam sobre *religião, política e cultura*. Recomendações e opiniões de filmes e livros são sugeridos entre os membros do MIRE que acessam a lista. Há, contudo, uma preocupação de que os contatos não se limitem apenas pela Internet. Certa vez um dos jovens do núcleo São João Batista reclamou:

Pô, agente só se fala pelo e-mail! Vamos pegar o telefone e falar com as pessoas... nada substitui você poder ouvir a voz do amigo, nem que seja só para dizer: ‘E ai, como é que você vai’. Vamos valorizar mais isso pessoal! (Edson, 30 anos, ex-dirigente da PJ)

Um dos membros do MIRE é fotógrafo, tendo realizado inúmeros trabalhos para empresas de diversos ramos, contudo, segundo ele, seu maior prazer é “fotografar manifestações

populares, movimentos sociais e o cotidiano das pessoas mais simples” (Hoje ele se sente feliz. Foi contratado como fotógrafo da Comissão Pastoral da Terra no Pará). Este jovem já foi apelidado de “fotógrafo oficial” do MIRE, pois tem registrado inúmeros eventos do movimento.

No final do ano de 2003 ele participou de uma exposição conjunta de vídeos e fotografias na Casa França-Brasil no Centro do RJ. O evento se deu num dia de semana à noite, ou seja, num dia e horário totalmente impróprio para os jovens do MIRE que, além de trabalharem durante o dia cursam faculdade à noite... Ele havia convidado os “mirantes” a estarem presentes sem muita esperança de que aparecêssemos. Contudo, naquela noite seu rosto se “iluminou” de alegria ao perceber que muitos *mirantes* compareceram para prestigiar sua exposição. Tal acontecimento, depois refletido em reunião, teve um duplo valor: por um lado emocionou o jovem João a presença significativa de seus companheiros do MIRE e, por outro lado, serviu para fortalecer e estreitar os laços de amizade entre os membros do movimento.

E, por fim, um outro evento do núcleo São João Batista ajuda-nos a ter a dimensão de como o grupo tem procurado fortalecer-se internamente. Em uma das reuniões levantou-se a sugestão de que o grupo deveria criar outros espaços de partilha e convivência que não aquele já utilizado na PUC. E mais que isso, apontou-se para a necessidade de se criar estratégias para que uns conheçam a realidade familiar do outro. Uma das primeiras casas escolhidas para a chamada “tarde de convivência” foi a casa da jovem Paloma. Esta jovem tem sido objeto de atentos cuidados do grupo, posto que estas já teve problemas de envolvimento com drogas, o que a prejudicou sensivelmente tanto no seu relacionamento familiar e quanto a si mesma, posto que esta jovem apresenta, ainda hoje, traços de depressão. O encontro na casa desta jovem foi extremamente agradável e emocionante, posto que para ela foi fundamental que sua família (mãe e irmã) conhecesse seus amigos do MIRE. Ela estava visivelmente confortada com a nossa presença em sua casa. De nossa parte foi importante, pois conhecemos de perto a realidade familiar desta jovem. Numa reunião posterior avaliou-se como extremamente significativo a “tarde de convivência” na casa da jovem Paloma, pois serviu para que o grupo se unisse ainda mais em torno de “uma integrante carente de atenção e de amizade sincera” e também pra que ela se aproximasse e se integrasse melhor ao grupo.

Enfim, nunca é demais o cuidado, principalmente num trabalho desta natureza, com a tendência que tem o antropólogo em dar um lugar à fala do outro, em falar sobre o outro tão somente. Procuramos, ainda que possamos ter falhado, ter esse cuidado. Lembro uma conversa

que tive com um dos jovens do MIRE logo no início dos trabalhos que me foi significativa. Após estarmos juntos por quase um dia inteiro num evento do MIRE, este jovem fez-me um questionamento que me fez atentar para a impossibilidade de se traduzir o que vem a ser “o” MIRE. Ora, é claro que um bom antropólogo (certamente me falta muito ainda...) deve ter esse alerta sempre em mente, no entanto o espanto reside no fato de que o comentário partiu de um jovem com pouco mais de 15 anos e recém ingresso no Ensino Médio e que provavelmente desconhece a metodologia de um trabalho etnográfico! Relembro nosso curto diálogo:

- _ Paulo, posso te fazer uma pergunta?
- _ Claro, meu amigo. Qual é a pergunta?
- _ Me falaram que você faz mestrado e que está fazendo uma pesquisa com o MIRE e é na área de Antropologia da Religião... Eu não entendi direito... do que se trata realmente?

Sinceramente, àquela altura do dia, quase no finalzinho... não esperava por aquela pergunta. Mas me recuperei e procurei responder da mesma maneira como me apresentei no núcleo da PUC

- _ É... é isso mesmo. Esqueci de te explicar... É que eu me interessei pelo MIRE, gostei da proposta do movimento um pouco parecida com a PJ que atuei e tal... Achei que daria um bom tema de pesquisa...

Enfim, expliquei da melhor maneira que achei possível e deixei claro que seria, a minha visão, *uma opinião* sobre o grupo e que, não necessariamente, seria a opinião que *o grupo tem de si mesmo*. Seu comentário final, demonstrou uma perspicácia (que eu menosprezara nele devido a sua idade) e que passou a nortear toda a minha forma de olhar o MIRE: “É... você tem que ter a sensibilidade pra perceber que nem todos tem a mesma visão sobre o grupo...”

CONCLUSÃO

Honestamente, ao reler este trabalho para escrever esta parte, me pesou um pouco na consciência a linguagem (irônica demais, em certos pontos. Talvez, pouco séria...) adotada ao longo de minhas descrições e análises. Mas, confesso, tentei escrever da forma que penso mesmo, sem me omitir ou me esconder atrás de um estilo de escrita que gerasse um texto em que não me reconhecesse. Contudo, lembro (com um certo receio, agora que este trabalho será rigorosamente avaliado) de uma frase do professor João Trajano Sento-Sé, nas aulas de Teoria Social II: “Gente, não inventa. Vocês ainda não estão nesta fase. Faz um trabalho ‘quadrado’. Deixa pra fazer ‘inventar’ mais tarde...”. Não sei... Acho que não “invente nada”, talvez tenha pecado na linguagem, mas nada que tenha significado falta de cuidado ou mesmo de “rigor”...

Sem evasivas, vejamos o que este trabalho de pesquisa no MIRE ajudou a pensar. Em primeiro lugar, considerar que inúmeras transformações (em variadas direções) vem ocorrendo no campo religioso contemporâneo, isso me parece óbvio. Alguns autores, por exemplo, apontam para a primazia da experiência, do sensorial e do emocional na relação com o transcendente (HERVIEU-LÉGER apud MARIZ, 2003, p. 169); outros, ao contrário, estaria percebendo um certo reforço e fechamento em torno de identidades mais institucionais (MARIZ, 1998).

O panorama católico também tem apontado mudanças. A hegemonia católica vem se esmaecendo a cada dia. Concorre para isso a infinidade de igrejas pentecostais, como nos apontaram Birman e Leite no texto *O que teria acontecido com o antigo maior país católico do mundo?*. E não apenas este crescimento avassalador das igrejas protestantes, tem contribuído para isso, pois a própria difusão (cada vez maior) das idéias do movimento Nova Era também tem dado sua parcela de contribuição nesse processo de transformação de setores do catolicismo brasileiro¹⁰⁷.

Portanto, foi a partir desse quadro mais amplo de transformações ocorridas no campo religioso contemporâneo que nos propusemos a pesquisar e estudar no MIRE e apresentar alguns resultados presentes nesta dissertação. Seria desnecessário lembrar, mesmo assim não abrirei

¹⁰⁷ Cf. Camurça (1998) e Oliveira (2003)

mão desta “lembrança”, que a perspectiva antropológica é um campo de discussão possível e não excludente. Logo, outros olhares podem ser também pertinentes.

Voltemos ao MIRE, especificamente. Embora o ideal de participação massiva dos “mirantes” nos movimentos sociais esteja ainda longe de ser alcançado, é bem verdade que este movimento pode ser entendido também como parte de modificações importantes das práticas religiosas na cidade no que diz respeito à sua presença na esfera pública, como sugeriu Birman (2004) ao analisar a crescente influência e visibilidade dos movimentos e instituições como o *Viva Rio* e o *MIR* (Movimento Inter-Religioso).

Segundo Steil (2003, p.152), as transformações que têm se processado no campo das religiões, nos parece apontar para uma centralidade da *mística* e que a, outrora quase que “racionalizada”, Igreja da Libertação tem incorporado também elementos dessas formas religiosas mais místicas. O que defendemos, ao longo desse trabalho, é que o MIRE pode ser entendido como uma expressão desse mesmo fenômeno!

Todavia, é por fora da Instituição que se dá esse processo. Acreditamos que o movimento *Mística e Revolução* - aqui apontado como parte desse processo - também pode significar uma forma outra de articulação e de nucleação - fora das cercanias da Igreja - desses *católicos da libertação*, como parece nos sugerir Leite (2003) ao analisar a atuação desse tipo de católico no Movimento Popular de Favelas no Rio. Ora, o MIRE (embora ecumênico) é composto por uma maioria de católicos (de diferentes concepções, é verdade...) e em nenhum caso observado - após a entrada no movimento - houve abandono ou negação dessa identidade primeira.

A partir do exposta acima, sugiro que a proposta do MIRE (representada pelas idéias atualmente defendidas por Frei Betto) é muito mais Nova Era, do que o assimilado pelos jovens em seus núcleos de participação (vide o caso do núcleo “São João Batista”. Podemos começar pelo nome deste...). Uma coisa é a proposta das lideranças, outra bem diferente é a resignificação e a prática desta pelos membros.

No fundo, o MIRE pode ser entendido mais como um rede de integração de diferentes concepções da religiosidade (sobretudo, católicas). Este movimento possibilitaria o diálogo das diferenças que na Igreja poderia estar sendo obliterado por uma visão única de vivência dessa pertença (lembro os exemplos dos jovens que se afastaram da Igreja, pois não encontravam espaços para suas vivências distintas do movimento carismático).

Enfim, os jovens do MIRE poderiam ser vistos como um “canal” através do qual estaria havendo, por parte de lideranças da Igreja da Libertação, uma recuperação (ou seria introdução?) da mística e da experiência subjetiva desse modelo de cristianismo. Sem, contudo, perder de vista seu horizonte último que seria a *transformação social* em vistas da construção, aqui na terra, do que eles chamam *Reino de Deus*. Noutras palavras, o jovem poderia ser interpretado aqui como um ponto de interseção de novas possibilidades de se continuar a sonhar com a Utopia mas, sem perder de vista a dimensão mística desse sonho.

Gostaria de encerrar com o excelente Geertz (2002, p. 15), na angústia de saber se nossas reflexões serão dignas ou não de serem levadas a sério:

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou comum ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) - de realmente haverem, de um modo ou de outro, ‘estado lá’. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita.

REFERÊNCIAS

ADRIANCE, Madeleine C. **Terra prometida: As CEBs e os conflitos rurais.** São Paulo: Paulinas, 1996.

AMARAL, Leila. Um Espírito sem lar: Sobre uma dimensão “Nova Era” da religiosidade contemporânea. In: VELHO, Otávio (org.). **Circuitos Infinitos: Comparações e Religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha.** São Paulo: ATTAR Editorial, 2003.

BECKER, H. De que lado estamos?. In: _____. **Uma Teoria da Ação Coletiva.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BATISTA, Paulo C. **Grupo Nova Geração?: uma forma ‘carismática’ de fazer Pastoral da Juventude.** Monografia (Graduação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. mimeo.

BETTO, Frei. **Mística e Política.** São Paulo. Disponível em: <http://alainet.org/active/show_text.php3?key=4937>

_____. **A Igreja dos Pobres.** São Paulo. Disponível em <http://alainet.org/active/show_text.php3?key=1263>

_____. **Mística e Revolução.** São Paulo. Disponível em <<http://latinoamerica.org/2003/textos/portugues/MIRE.htm>>

_____. **Vida espiritual profunda e solidariedade aos excluídos.** Disponível em: <<http://www.pt-sp.org.br/linhadireta524.htm>>

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BIRMAN, Patrícia. Introdução. In: BIRMAN, P. (org.). **Religião e Espaço Público.** São Paulo: Attar, 2003. p.11-24.

_____. **Espíritos do Rio: Práticas New Age e entrelaçamentos político-religiosos no Rio de Janeiro,** 2004. mimeo.,

BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia Pereira. O que aconteceu com o antigo maior país católico do Mundo?. In: _____. **Brasil: Fardo do Passado, Promessa do Futuro.**

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis; REGIDOR, José R. **Teologia da Libertação: Balanços e Perspectivas**. São Paulo: Ática, 1998.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Clodovis. Carismáticos e libertadores na Igreja. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 60, n. 237, p.36-53, março 2000.

_____. **Uma Igreja para o próximo Milênio**. São Paulo: Paulus, 1998.

BURDICK, John. **Procurando Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

CAMURÇA, Marcelo A. Sombras na Catedral: A Influência New Age na Igreja Católica e o Holismo de Leonardo Boff e Frei Betto. **Numem: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora**, v. 1, n. 1, p. 85-125, 1998.

CARRANO, Paulo César R. Juventudes: As identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da faculdade de Educação da UFF, Rio de Janeiro**, n. 01, 2000.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica: Origens, Mudanças e Tendências**. São Paulo: Santuário, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

CICOUREL, A. Teoria e Método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (org.). **Desvendando áscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COMBLIN, José. **Entrevista**. Disponível em:
<http://www.semfronteirasweb.com.br/exibe_artigo.php?cod=122>

COMBLIN, Pe. José; LIBÂNIO, Pe. João Batista; CAVALCANTI, Robinson. Correntes de Espiritualidade: Valores e Limitações. In: SECRETARIADO NACIONAL DO 11º INTERECLESIAL DAS CEBS. **Texto Base do 11º Intereclesial das CEBS**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004.

DAMASCENA, Andréa; MEDEIROS, Kátia. Fronteiras e Intercâmbios: Práticas e Valores no Pentecostalismo, na Renovação Carismática Católica e nas Comunidades Eclesiais de Base. **Cadernos CERIS**, Rio de Janeiro, n. 02, p.07-09, 2001.

DA MATTA, R. **Relativizando**. Petrópolis: Vozes, 1981.

É SÓ RESPIRAR. **Superinteressante**, São Paulo, Edição 193, p. 56-64, out. 2003.

FERNANDES, Rubem C. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/religiao/tlibert/apresent.htm>>

GASPAR, Maria D. **Garotas de Programa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do Trabalho de Campo: Reflexões supostamente Malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 48, p.91-107, 2002.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **[Entrevistas]**. Disponível em: <<http://www.portalpopular.org/mundo2003/ecuador/ecuador-22.htm>>

HEELAS, Paul. A Nova Era no contexto Cultural. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1-2, 1996.

LEITE, Márcia Pereira. Novas relações entre Identidade Religiosa e participação política no Rio de Janeiro hoje: O caso do Movimento Popular de Favelas. In: BIRMAN, P. (org.). **Religião e Espaço Público**. São Paulo: Attar, 2003. p. 63-93.

LESBAUPIN, Ivo. Comunidade de Base e Mudança Social. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 54-79, 2000.

LÖWY, Michael. A Teologia da Libertação acabou? **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, n. 31, 1996.

MADURO, OTTO. **Religião e Luta de Classes**. Petrópolis, Vozes, 1981.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil, 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARIZ, Cecília. A Renovação Carismática Católica - Uma igreja dentro da Igreja". **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, v. 03, n. 01, p. 169-186, 2003.

_____. A Pesquisa. **Cadernos CERIS**, Rio de Janeiro, n. 02, p.11-15, 2001.

MARIZ, Cecília. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. **Antropolítica**, Rio de Janeiro: UFF, n.5, 1998.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPOSITO, M. P. (orgs.) **Juventude em Debate**. 2º. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, P. (org.). **Fiéis & Cidadãos: Percursos de Sincretismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. Errantes do novo milênio: Salmos e Versículos Bíblicos no Espaço Público. In: BIRMAN, P. (org.). **Religião e Espaço Público**. São Paulo: Attar, 2003. p. 25-39.

OLIVEIRA, Pedro R. Adeus à Sociologia da Religião Popular. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.43-62, 1997.

PERGUNTAS. Disponível em: <<http://www.tierraamarica.net/2003/0609/preguntas.shtml>>

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: EdUSP/Fapesp, 1997.

RAMALHO, Jether Pereira. Desafios no Campo Religioso brasileiro. **Cadernos CERIS**, Rio de Janeiro, n. 02, p.03-05, 2001.

RICHARD, Pablo. Entrevista. Disponível em: <<http://www.adital.org.br/asp2/noticia.asp?idioma=PT¬icia=1112&imp=1>>

RODRIGUES, Solange dos S. Trabalhos Apresentados no GT Religião e Sociedade da ANPOCS (1980-1997). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.157-179, 1997.

SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & Cidadãos: Percursos de Sincretismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. Ainda Durkheim, ainda a religião. In: ROLIM, F. (org.). **Religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SEEGER, A. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: _____. **Os Índios e nós**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SEM FRONTEIRA. Disponível em: <http://www.semfronteirasweb.com.br/exibe_artigo.php?cod=69>

SOUZA, LUIZ A. G. As CEBs vão bem, obrigado. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 60, n. 237, p.93-110, mar. 2000.

STEIL, Carlos A. A Igreja dos Pobres: da secularização à Mística. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.61-76, 1998/1999.

_____. Da Comunidade à Mística. **Teoria & Debate**, n. esp. , p.144-155, maio 2003.

SECRETARIA NACIONAL DO MIRE. **Cadernos de Mística e Militância**, São Paulo, n. 01, 2003

_____. **O Mirante**: Informativo interno do Mire. São Paulo, n. 01-05.

TEIXEIRA, Faustino Luiz C. **Teologia da Libertação**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 1991. (Col. Fé adulta)

THEIJE, Marjo de. O estudo do Catolicismo no Brasil. In: _____. **Tudo o que é de Deus é bom**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Ed. Massangana, 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Observando o Familiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIANNA, H. Introdução. In: _____. **O mundo Funk carioca**, Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 02, 2002.

ANEXO - Síntese das Atividades Realizadas pelo MIRE (2001-2003)¹⁰⁸

2001

29 a 31 de maio – Primeiro Encontro Mística e Militância, realizado na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, reunindo mil pessoas. Participação de Vicentinho, Frei Betto, Ângelo Antonio, Alfredo Bosi, Beto Custódio, Lucila Pivani, Chico Pinheiro, Plínio de Arruda Sampaio Junior.

6 a 15 de julho – Intercâmbio: uma semana em um assentamento rural em Goiás, e 2 dias de retiro, com 12 pessoas.

17 a 19 de julho – Primeiro encontro de formação de monitores dos núcleos com a assessoria de Frei Betto, no mosteiro beneditino de Vinhedo (SP) com a participação de 40 pessoas.

20 julho – Dia de formação: análise de conjuntura com Plínio de Arruda Sampaio Junior, com a participação de 35 pessoas, em São Paulo.

26 agosto – “Vivendo Cristo, Vivendo Buda”: diálogo inter-religioso com James Hensing, padre verbita que vive no Japão e Reverenda Coen, budista, com participação de 50 pessoas, na Associação Palas Athena, em São Paulo.

3 setembro – “Recordar é Viver”: debate entre Frei Betto, Clóvis Carvalho e José Serra, sobre o Movimento estudantil brasileiro na década de 60. Participação de 100 pessoas, no colégio Pueri Domus, em São Paulo.

Setembro – “Oração e Revolução”: seminário realizado por jovens cariocas participantes do MIRE, em Duque de Caxias (RJ).

¹⁰⁸ Síntese elaborada pela Coordenação Nacional do MIRE para a revista católica Família Cristã.

23 a 25 de novembro – Primeiro Encontro Nacional do MIRE, em Cachoeiro do Campo (MG), com a participação de 80 pessoas.

2002

3 de janeiro – Oficina no II Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS), com participação de 600 pessoas. Realizada em conjunto com a Comissão Pastoral da Terra, Movimento Nacional de Fé e Política, Renovação Cristã do Brasil, Grupo Solidário São Domingos e Comissão Justiça e Paz da Família Dominicana.

8 a 10 de fevereiro – Segundo encontro de formação de monitores dos núcleos com a assessoria de Frei Betto, no Rio de Janeiro, com a participação de 40 pessoas.

16 e 17 de março – Participação no II Encontro Nacional de Fé e Política, em Poços de Caldas (MG).

19 a 21 de abril – I Retiro Regional com os núcleos da cidade de São Paulo e Grande São Paulo, em Valinhos (SP).

17 a 19 de maio – I Retiro Regional com os núcleos de Belo Horizonte (MG).

5 a 7 de junho de 2002 – II Encontro Mística e Militância, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Participação de Fábio Konder Comparato, Plínio de Arruda Sampaio, Adélia Prado, Kaká Werá, Denise Stoklos.

7 a 9 de junho – I Retiro Regional com os núcleos do interior de São Paulo e sul de Minas Gerais, em Araras (SP).

13 e 14 de julho – Aprofundamento de monitores realizado em Juiz de Fora (MG), destinado a todos aqueles que já participaram da formação de monitores e estão fazendo experiência de núcleo pelo Brasil.

16 a 21 de julho – Alguns participantes do MIRE vivenciaram uma experiência junto aos assentamentos da Comissão Pastoral da Terra, na cidade de Goiás (GO), seguida de dois dias de retiro.

9 a 11 de agosto – Foi promovida a terceira formação de monitores do MIRE, realizada na cidade de Vinhedo (SP). Participaram representantes de núcleos Teresina (PI), João Pessoa (PB), Itabuna (BA), Guapé (MG), Passos (MG), Rio de Janeiro, Barra do Piraí (RJ), São Paulo, Sertãozinho (SP), Sumaré (SP), Piracicaba (SP), Carapicuíba (SP), São Bernardo do Campo (SP), Nova Cantú (PR) e Goiânia (GO).

19 a 21 de setembro – Ocorreu o II Retiro Nacional do MIRE, na cidade de Ibitaré (MG).

13 de outubro – Integrantes do internúcleo de espiritualidade promoveram uma oficina de meditação em São Paulo.

20 de outubro – Nova oficina de meditação foi promovida em São Paulo.

1 de novembro – Em Belo Horizonte (MG) houve a realização de uma oficina de meditação, em apoio aos núcleos da região da Grande Belo Horizonte.

2 e 3 de novembro – Ao longo desses dois dias, juntamente com outros Movimentos, tais como o Movimento dos Sem Terra, o MIRE se empenhou na realização I Encontro Estadual de Jovens do Campo e da Cidade (EEJCC).

10 de novembro – Foi realizada uma oficina de espiritualidade em Ribeirão Preto (SP).

16 e 17 de novembro – O MIRE promoveu o II encontro da Região Nordeste, na cidade de Icapuí (CE). Nesse encontro foi eleita uma Coordenação Regional, composta de quatro jovens, com o intuito de responder melhor ao crescimento do Movimento na região Nordeste.

Ao longo de 2002, outras atividades que já se inscreveram no cotidiano do MIRE foram realizadas. Entre estas:

- Encontros do internúcleo de espiritualidade que aprofundou o conhecimento da tradição de meditação cristã, a fim de promover as oficinas de espiritualidade do MIRE.
- Assessorias prestadas por vários participantes do MIRE a comunidades eclesiais de base e pastorais sociais a partir da espiritualidade cultivada pelo Movimento, respaldada pelas iniciativas de qualificação dos jovens.

2003

Janeiro – Publicado o primeiro número de *Cadernos de Mística e Revolução*, fruto de um trabalho coletivo de reflexão e aprofundamento dos pilares do Movimento. Esta publicação, com tiragem de 500 exemplares, contém entrevistas com Plínio de Arruda Sampaio e Frei Betto, bem como subsídios sobre espiritualidade e sobre a filosofia do Movimento. O lançamento ocorreu no III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS).

23 a 28 de janeiro – O MIRE participou do III Fórum Social Mundial, promovendo 3 oficinas sobre Mística e Militância em um contexto latino-americano. Estimou-se que, por estas oficinas, passaram cerca de 1.300 pessoas.

23 de fevereiro – Encontro de apresentação e acolhida de novos participantes do MIRE, realizado pela coordenação regional São Paulo, no Centro de Formação do MST, em São Paulo.

1º a 5 de março – Na cidade de Machado (MG) realizou-se um retiro na modalidade de deserto, como aprofundamento na prática da oração meditativa. Deste, participaram integrantes do MIRE na região Sudeste.

22 e 23 de março – No decorrer destes dois dias, foram promovidas, concomitantemente, dois MIRINS (encontro de aprofundamento da experiência do MIRE), um realizado no Sudeste, em Arrozal (RJ), e outro no Nordeste, em Teresina (PI).

15 de abril – Realização do Encontro *Oração e Revolução: Uma discussão macro-ecumênica para um outro mundo possível*. Realizado no Centro Cultural de Brasília, este evento contou com a participação de cerca de 500 pessoas.

14 a 20 de julho – Experiência de Mística e Militância na cidade de Goiás (GO), onde jovens partilham o cotidiano dos lavradores acompanhados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) encerrando com um retiro.

8, 9 e 10 de agosto – Encontro MIRIM, região Sudeste, no Rio de Janeiro.

22, 23 e 24 de agosto – Retiro Regional dos Núcleos da Grande São Paulo.

20 e 21 de setembro – Encontro Nacional de Fé e Política, em Goiânia (GO).

19 de outubro – Assembléia regional dos núcleos da região metropolitana de São Paulo.

1 e 2 de novembro – Encontro MIRIM, região sul, em Florianópolis (SC) e Nicolau Vergueiro (RS).

28, 29 e 30 de novembro – III Encontro Nacional do MIRE, em Machado (MG). Participaram 84 pessoas, representando 27 núcleos, localizados em 28 municípios de nove Estados do Brasil.